



UNIOESTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

CAMPUS DE CASCAVEL

CECA – CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Miao Shen Chen

**CULTURA E EDUCAÇÃO DOS IMIGRANTES CHINESES NA CIDADE DE
CASCAVEL: DOIS MUNDOS, UM MESMO OBJETIVO**

CASCAVEL

2010

MIAO SHEN CHEN

**CULTURA E EDUCAÇÃO DOS IMIGRANTES CHINESES NA CIDADE DE
CASCAVEL: DOIS MUNDOS, UM MESMO OBJETIVO.**

**Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em História da Educação
Brasileira como requisito parcial para
obtenção do título de especialista em
Historia da Educação Brasileira da
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
– UNIOESTE - Campus Cascavel.**

Orientador: Prof. Dr. Vilmar Malacarne

Cascavel

2010

Miao Shen Chen

**CULTURA E EDUCAÇÃO DOS IMIGRANTES CHINESES NA CIDADE DE
CASCAVEL: DOIS MUNDOS, UM MESMO OBJETIVO**

Banca Examinadora

Professor Dr. Vilmar Malacarne

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Professora Dra. Dulce Maria Strieder

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Professora Ms. Isabel Cristina Corrêa Röesch

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Cascavel

2010

Dedico este trabalho aos meus pais, Cheng Fu Chen, Mey Li e Lan Huang Chen, ao meu marido Wen Cheng Tsen, e As minhas queridas filhas, Florência, Carolina e Patrícia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que sempre me dá forças para enfrentar as dificuldades.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Vilmar Malacarne, pela atenção, dedicação, paciência e experiência despendida durante todos os momentos da pesquisa. Sem ele seria impossível a conclusão deste trabalho.

Agradeço aos meus pais que me dão oportunidade para buscar o caminho do conhecimento.

Agradeço ao meu marido, Wen Cheng, por estar sempre ao meu lado e pela confiança que sempre deposita em mim.

Agradeço às minhas filhas pela força carinhosa que me dá suporte para enfrentar as dificuldades da vida.

Especialmente, agradeço aos apoios e à amizade das amigas Feng, Giordana, Ilza, Mariy, Nanci, Núbia, Rúbia, e demais amigos, que sempre me ajudaram durante o processo de aprendizagem.

Agradeço a todos os professores das aulas de minha turma e aos colegas que me acompanharam no mundo de conhecimento.

Agradeço ao governo do Brasil, ao meu país de origem Taiwan e as Universidades que já cursei por me darem oportunidade de mais um passo a frente.

São tantas as pessoas que contribuíram para minha formação de hoje, por isso, agradeço a todos, aos amigos e parentes...

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo compreender alguns aspectos referentes à imigração chinesa no Brasil, sua cultura e seu processo educacional a partir da realidade brasileira. Nesta direção, o trabalho apresenta elementos do processo de imigração do povo chinês quando de sua vinda para o Brasil e de alguns dos desafios inicialmente enfrentados e que, em muitos casos, ainda se repetem no contínuo processo de imigração China / Brasil. O trabalho focaliza a situação destes imigrantes na cidade Cascavel, estado do Paraná, tendo seu foco voltado, além da História, para a educação. Como metodologia, estudou-se as literaturas de pesquisadores brasileiros, americanos e chineses, e fez-se uma pesquisa de campo na cidade de Cascavel. Também pesquisamos os grupos de imigrantes chineses e os descendentes, realizando entrevistas com imigrantes chineses das cidades de São Paulo, Curitiba, Foz do Iguaçu e Cascavel. Analisamos os estudos e as pesquisas de campo para compreender a filosofia da educação do oriente e a influência entre os grupos imigrantes chineses no Brasil e no Paraná, também para saber como os imigrantes chineses no Brasil enfrentam e se adaptam a sociedade e a educação brasileira. O texto buscou, entre outras coisas, entender a realidade da educação brasileira e de como os imigrantes chineses se adaptam e melhoram a própria capacidade de aplicação nesta sociedade.

Palavras-chave: Imigrante Chinês; Culi; Cultura e filosofia; Educação.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 –A porcentagem de homens e de mulheres chinesas em Cascavel	79
GRÁFICO 2 – Nacionalidade dos imigrantes chineses e de seus descendentes.....	80
GRÁFICO 3 – O número de descendentes chineses em escolas públicas e particulares em Cascavel.....	82
GRAFICO 4 – A escolarização dos filhos de imigrantes chineses em Cascavel.....	88

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – A China pré-histórica	15
TABELA 2 – Principais períodos na China Imperial	21
TABELA 3 – Eventos importantes na China, 1796-1901.....	40
TABELA 4 – Semelhanças e diferenças das religiões da comunidade de imigrantes chineses.....	72
TABELA 5 – A idade dos imigrantes chineses em Cascavel em 2010.....	78
TABELA 6 –Os números da geração de imigrante chineses em Cascavel	79
TABELA 7 –As profissões dos imigrantes chineses e de seus descendentes em Cascavel.....	80
TABELA 8 –Escarização da primeira geração de imigrantes chineses de Cascavel em 2010.....	81
TABELA 9 –Escarização dos imigrantes chineses e de seus descendentes em Cascavel, Paraná no ano de 2010	81

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. A HISTÓRIA DA CHINA	14
2.1 China Paleolítica (1.000.000- 12.000 A.C.).....	14
2.2 China Neolítica (12.000-2.000 A. C.).....	15
2.3 História da China Antiga.....	16
2.4 Três Dinastias chinesas (Xia, Shang, Zhou) (2.200- 256 A.C.).....	17
2.5 A Primeira Unificação da China– Dinastia Qin (221- 210 A. C.).....	21
2.6 A Dinastia Han (206 A. C.- 220 D.C.).....	23
2.7 A Dinastia Wei e Jin: O Norte e o SUL da China.....	26
2.8 Segunda Unificação da China: Dinastias Sui e Tang.....	27
2.9 A Dinastia Song (960-1276 D. C.).....	29

2. 10	Dinastia Yuan (1279-1368 D.C.).....	31
2. 11	A Dinastia Ming (1368-1644D.C.).....	34
2. 12	A Dinastia Qing (1644-1911 D.C.).....	38
2.13	A República da China (1912-1949 D.C.).....	41
3.	A IMIGRAÇÃO CHINESA NO BRASIL	
	
	42	
3.1.0	A primeira chegada dos imigrantes chineses.....	42
3.1.1	O reinado de Dom João – Introdução da cultura do chá no Brasil	42
3.2	A história do professor Dr. Yang Tseng-Min	
3.2.1	A saída de casa.....	47
3.2.2	O caminho da imigração.....	47
3.2.3	As dificuldades.....	48
3.2.4	Aventuras.....	48

3.2.5 De comerciante a professor universitário.....	49
3.3 A Questão chinesa.....	50
3.3.1 O debate de 1855.....	51
3.3.2 O debate de 1875.....	53
3.3.3 Outro ataque de Domingos José Norgueira Jaquaribe Filho	56
3.3.4 A diplomacia entre a China e o Brasil	56
3.4 Os Livros e Revistas que influenciam o debate sobre a Questão chinesa no Brasil.....	58
3. 5 A chegada do Trabalhador Livre – Culi	59
3.5.1 Relato de história de um culi.....	61
3.6 Imigrante chinês no Século XX no Brasil.....	64
3.6.1 No Brasil.....	64

3.6.2 No Paraná.....	67
3.6.2.1 Curitiba.....	67
3.6.2.2 O Oeste do Paraná	68
3.6.2.2.1 Foz do Iguaçu.....	68
3.6.2.2.2 Cascavel.....	68
4. AS CONTRIBUIÇÕES E INFLUÊNCIAS DOS IMIGRANTES CHINESES AO BRASIL.....	70
5. A EDUCAÇÃO E A CULTURA CHINESA	74
5.1 A Educação social do imigrante chinês	76
5.2.1 A Educação dos imigrantes chineses em Cascavel	78
5.2.2 O diálogo com os pais chineses.....	84
5.2.3 O diálogo com os filhos de chineses.....	90
5.2.4 O diálogo com os professores dos descendentes chineses.....	95

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
7. REFERÊNCIAS.....	107
8. ANEXO.....	110
8.1 Questionário aplicado aos pais	110
8.2 Questionário aplicado aos filhos.....	112
8.3 Questionário aplicado aos professores	113
8.4 Ciau Zhuang e Li shu: formas escritas inventadas na dinastia Qin	114

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2003, o imigrante chinês Yang Tsen-Men, um doutor aposentado da Universidade de Brasília publicou sua biografia em Taiwan e na China. A obra conta o testemunho da história do imigrante chinês no Brasil após a Segunda Guerra Mundial, e o sucesso na maneira de educar seus filhos.

A partir da leitura da história do Doutor Yang, surgiu o interesse em entender melhor a história dos imigrantes chineses no Brasil, principalmente daqueles que vivem no Paraná e, mais objetivamente, em Cascavel. Quais os motivos que estimularam os chineses a sair da terra natal? Como chegaram ao Brasil? Depois de chegar ao Brasil, quais foram as dificuldades que encontraram e como enfrentaram tais dificuldades para melhorar sua condição? No Brasil, quais influências e contribuições que os chineses e descendentes exercem? Na área da educação, como se adaptaram ao modelo brasileiro de educar os filhos? Quais aspectos da cultura chinesa ainda mantêm?

Este trabalho se inicia com um estudo da história da China, para entender a origem dos imigrantes chineses e as histórias da cultura, incluindo a filosofia da educação, a prática educação formal e informal da família chinesa. Na segunda parte, estuda-se a história de pioneiros imigrantes chineses do século XIX - os culis. Como no Brasil surgiu a ideia da introdução dos culis, qual processo era realizado para isso e quais foram os resultados? Também estudam os dados dos imigrantes chineses no século XX no Brasil, do Paraná, entre as cidades de Curitiba, as cidades do Oeste do Paraná: Foz do Iguaçu e Cascavel.

A terceira parte vai estudar as contribuições e influências dos imigrantes chineses ao Brasil, em que se mostra o pensamento patriótico dos chineses, tanto com relação à China quanto ao Brasil. Na quarta parte, será feito um relato sobre a educação e a cultura chinesa.

Esta parte vai estudar mais profundamente a educação social do imigrante chinês, em especial a comunidade chinesa de Cascavel, com objetivo de entender melhor a realidade da educação dos imigrantes chineses no Brasil.

A última parte é a consideração final que destaca o processo educacional dos filhos dos imigrantes chineses em Cascavel. Também destaca o pensamento dos pais, dos filhos e dos professores a respeito da educação dos filhos dos descendentes chineses que hoje vivem em Cascavel. A partir destes posicionamentos, espero que esta pesquisa tenha um sentido para melhorar tal processo para as próximas gerações que poderão passar pelo mesmo processo.

2. A HISTÓRIA DA CHINA

2. 1 China Paleolítica (1.000.000 - 12.000 A.C.)

Segundo o autor Fairbank (2006, p. 45-47), a história da china começou na era paleolítica, possivelmente há mais de um milhão de anos. Foi descoberto na China, em 1921, um único dente como pertencente a uma espécie humana primitiva. Em 1929, se encontrou o primeiro crânio e desde 1959, a China encontrou mais quatorze indivíduos da espécie Homo erectus, que é similar ao espécime encontrado em Java no ano de 1891, na Europa, no Médio Oriente e na África.

Aproximadamente 500.000 anos atrás, o espécime da china mais famoso era o Homem de Beijing, localizado próximo à cidade hoje chamada Zhoukoudian. Eram pessoas

de baixa estrutura. Na época, o homem tinha cerca 1,52 m de altura e a mulher tinha em média 1,43 m. As pessoas já usavam fogo para iluminar e cozinhar carne e também viviam com a atividade de pesca, caça e coleta de frutas de árvores. K.C. Chang (1985) afirma que “os fósseis do Homem de Beijing foram o grande achado paleontológico”. (FAIRBANK, 2006, P. 46)

Na década de 1970, os arqueólogos descobriram a espécie Homo Sapiens em vários sítios escavados. Tais lugares tinham acontecidos no período cerca ano de 50.000 á 12.000, o que corresponde a paleolítico superior. Tais espécies Homo sapiens se dispersaram até constituir mais de meia dezena de culturas locais em toda a China. Eles já sabiam caçar e fazer roupas com pele de animal, também já tinham um grupo de família que mostrou sobrevivendo ou demonstrando ter noções básicas de parentesco, autoridade, religião e arte.

Tabela 1 – A China pré-histórica (Fairbank, 2006, P. 46- 47)

1.000.000 - 200.000 a.C.	Paleolítico Inferior (Anterior)
400.000 - 200.000 a.C.	Homo erectus (Homem de Beijing)
200.000 - 50.000 a.C.	Paleolítico Médio

	Homo sapiens Anterior
50.000 - 12.000 a.C.	Paleolítico Superior (Posterior)
	Homo sapiens sapiens
12.000-2.000 a. C.	Neolítico
8.000-5.000 a. C.	Início da agricultura
5.000-3.000 a. C.	Cerâmica Pintada de Yangshao
3.000-2.200 a. C.	Cerâmica Negra de Longshan
2.200-500 a. C.	Idade do Bronze
2.200-1750 a. C.	Dinastia Xia
1750- 1040 a. C.	Dinastia Shang
1100-256 a.C.	Dinastia Zhou
600-500 a. C.	Início da Idade do Ferro

Todas as datas são aproximadas, exceto a de 256 a.C.

2.2 China Neolítica (12.000 - 2.000 A.C.)

O período da china neolítica começou há aproximadamente 12 mil anos, época em que houve uma grande expansão de comunidades agrícolas assentadas. Segundo Fairbank (2006, p.47), por volta de 4.000 a.C., a cidade dos Banpo (atual na cidade de XI án), viviam de sorgo, um tipo de milho, circundados por atividades como caça e pesca. Na época, os povos viviam em grupos com parentesco e usavam a fibra do cânhamo como tecido, as flechas com arcos para caçar e criavam porcos e cães não domesticados. O desenvolvimento da cultura desta época era maior que a anterior, o que pode se observar pelo costume de guardar grãos em vasos de cerâmica, decorados com desenhos de peixes, animais e plantas, também com símbolos de classe ou outros significados.

A produção da seda foi uma grande inovação da indústria de sericicultura na época. A agricultura resultou em aumento populacional e na capacidade de estocar e redistribuir colheitas e de manter artesãos e administradores especializados (FAIRBANK, 2006, p. 47-48).

No final do Neolítico, o vale do rio Amarelo começou a tornar-se um centro cultural, com a fundação dos primeiros vilarejos. Segundo a popularização das lendas chinesa, os chineses acreditavam que o imperador Amarelo teria reinado de 2698 a.C. a 2599 a.C. da era neolítica e seria um ancestral do povo chinês. Que é um dos Cinco Imperadores, reis lendários sábios e moralmente perfeitos que teriam governado a China após o período de milênios regido pelos lendários Três Soberanos. Desde então, a civilização da China antiga tinha um sistema mais claramente desenvolvido (JIEN, 2003, p. 8).

2.3 História da China Antiga

A história da china antiga começou por “Os Três Augustos e os Cinco Imperadores”, segundo Shiji (registrados históricos), Sima Quian (145 a.C. - 85 a.C.), um astrônomo, matemático e historiador chinês da dinastia Han do Oeste, século II a.C., relata que aqueles soberanos foram sábios e exemplos morais e lideraram a china durante o período aproximado de 2850 a.C. a 2205 a.C. De acordo com a história do Imperador Amarelo, Huang Di (2698 a.C. - 2599 a.C.), da era neolítica, é considerado o ancestral do povo chinês, pois a civilização da China antiga tem um sistema mais elevado no nível de desenvolvimento de agrícolas e escritas.

Nesta época, Cangjie (2650 a.C.) era um historiador oficial, inventou os Caracteres chineses por escritas chinesas, se tornando uma figura bastante importante na antiga China.

A obra de clássico do Imperador Amarelo, Huang Di Nei Jing, foi registrado das conversas entre Huang Di e seus ministros. É uma obra importante da área de saúde da medicina chinesa que continua influenciando nas comunidades chinesas até hoje. (SHIJI, 1982, p. 30).

2.4 Três Dinastias: Xia, Shang, Zhou (2.200- 256 A.C.)

Dinastia Xia (2200 -1750 a. C.)

A Dinastia Xia, cerca de 2200 a.C. – 1750 a.C., é a primeira dinastia apresentada pelo Sima Quian, que lista o nome de 17 reis por 14 gerações. O primeiro imperador de Xia Yu é a quarta geração do “O Imperador Amarelo”. Ele resolveu um problema de enchente e por isso os eruditos o elegeram o Imperador Yu (Li, 1996, p. 10). Segundo Fairbank (2006, p. 50-54), em 1959, a china descobriu um sítio com amplos palácios em Erlitou (na cidade de Yanshi, perto de Luoyang e sul do rio Amarelo), parecida com uma capital da dinastia Xia. Tal cultura foi uma sucessora direta da cultura de Cerâmica Negra de 2100 a 1800 a.C..

Dinastia Shang (1750 - 1040 a.C.)

A Dinastia Shang, de 1750 a.C. até 1040 a.C, foi estabelecendo-se após o primeiro imperador Tong derrubar o imperador Jie da dinastia Xia. Em 1928, os arqueólogos da Academia Sínica do Governo Nacional da China escavaram a última capital da dinastia Shang em Anyang, onde havia palácios reais e residências da classe dominante, construídas com colunas e traves sobre plataformas de terra batida. Hoje se encontra tal estilo arquitetônico na Cidade Proibida de Beijing (Fairbank, 2006, p. 48 e p. 52). Segundo Lin (2009, p. 9), os shangs dominaram artes do comércio e por isso a dinastia chama-se “Shang”, cujo significado em língua chinesa é comércio.

Os Shang respeitavam os espíritos e a força natural, pois praticavam cerimônia para consultar os oráculos. As informações do governo sempre eram orientadas por adivinhações das escritas dos “ossos oráculos”, que eram um sistema de escrita na época e verificavam os auspícios por meio da aplicação de um ponto quente que criava rachaduras nas omoplatas do osso de animais, interpretando-as como avisos dos ancestrais e escrevendo os resultados nos ossos. Cerca de cem mil amostras desses ossos foram achadas em Anyang, onde estavam escritas informações sobre perguntas e respostas.

A civilização do Shang já tinha um alto nível de desenvolvimento e evolução, iniciando na Idade do Bronze. De acordo com a explicação de Fairbank:

(...) os shangs usavam as ferramentas e as armas, os potes e vasos de bronze, a

domesticação de colheitas e animais, a disposição arquitetônica dos assentamentos e túmulos e as evidentes práticas de religião e governo. (2006, p. 48-51)

Também por relato de Fairbank, a antiga capital, Anyang, testemunhou o poder de uma monarquia Shang baseada na agricultura. O Bronze, para os Shang, compunha inúmeras coleções de recipientes dos mais variados tipos e funções. Tais objetos são normalmente encontrados nas tumbas. Os Shang também dominavam a construção de carros de combate: os homens de cada grupo familiar de determinada linhagem formavam uma unidade militar. A dinastia Shang durou cerca de 600 anos com a dominação do governo político.

Dinastia Zhou (1100 - 256 a.C.)

A dinastia Zhou (1100 a.C. - 256 a.C.) permaneceu por duas eras devido à mudança da capital Fonhao para a cidade de Chengzhou (Loyi) e devido à modificação da cultura e da arte. A primeira era foi Zhou Ocidental (1100 a.C. - 771 a.C.) e a segunda era foi Zhou Oriental (770 a.C. - 221 a.C.), que foi dividida em dois períodos: período das Primaveras e dos Outonos (771 a.C. - 481 a.C.), outro período dos Reinos Combatentes.

Após conquistar a dominação da política, Zhou construiu uma nova capital em Xi'na (Chang'na). Zhou continuava com o mesmo sistema do Shang: usava o parentesco como o principal elemento de organização da política. Criou uma nova legitimidade com base da teoria do Mandato Celestial cuja ideia influenciaria as dinastias subsequentes até a última dinastia Qing (1911 d.C.).

A Cerimônia de Investidura Zhou era uma delegação elaborada com a autoridade da natureza contratual. Também junto com os presentes simbólicos ritualísticos, o rei Zhou cedia a um senhor vassalo o povoado de certa área. A tarefa de construção de um Estado durante as Três dinastias da Idade do Bronze consistia em obter maior submissão à dinastia dirigente e central ou a aceitação dela.

O governante construiu uma unidade de cultura como base para a unidade política num único estado universal. Segundo Fairbank (2006), a doutrina unida da política em um estado universal do Zhou teria como consequência uma condição geográfica isolada e facilitaria a ação do Estado na sociedade. O autor ainda concordou com as opiniões de Etienne Balazs (1964) e de Stuart Schram (1987), que dizem que o governo do Zhou é um governo do oficialismo, pois tal Estado,

Desde o começo, foi o poder central da sociedade chinesa, e o comportamento exemplar, os ritos, a moralidade e a doutrinação sempre foram considerados, na China, como meios de governo. (FAIRBANK, 2006, p.59).

Os governantes Shang costumavam buscar a orientação de seus ancestrais, e os Zhou declaravam que sua dominação política foi permitida pelo Céu (tien), e o seu mandato (tianming) poderia ser conferido a qualquer família moralmente capaz de assumir a responsabilidade. Essa doutrina revelava que o governante deve ser uma pessoa virtuosa e capaz de guiar os povos do estado (FAIRBANK, 2006 p. 58).

O regime do Zhou se estabeleceu um sistema de rede feudal, sendo o território dividido aos filhos dos governantes Zhou, com controle de cerca de cinquenta ou mais estados

vassallos. Realizou o projeto de transporte das famílias de elite Shang para administrar o trabalho relacionado à construção e usaram as habilidades dos Shang nos rituais e no governo. Na mesma época outras famílias Shang mudaram-se para povoar e desbravar o oeste. Tal ação foi à primeira migração populacional do norte para o sul na história da China (Fairbank, 2006, p. 54). As classes sociais dividiram-se em vários níveis, compondo diversas classes: elite, nobres, classe comum e classe de escravos (JIEN, 2003, p. 7).

A expansão do poder central dos Zhou desenvolveu uma aculturação. As tribos ao lado da Planície Central (Zhongyuan) eram a cultura dominante; no norte, nordeste e noroeste se misturavam diferentes culturas devido ao casamento entre os povos diferentes. A unidade política do Zhou era definida mais culturalmente do que territorialmente. Para o Zhou, o território do governo é o lugar núcleo-político, onde mora a elite, ou seja, os líderes; ao contrário, quem habita ao lado da cidade capital são povos bárbaros. Por isso, os chineses costumavam chamar os povos do leste ser “Yi”, os do sul ser “Man”, os do oeste ser “Rong” e os do norte ser “Di”. As letras significam que os estrangeiros são povos bárbaros, menos civilizações. . (FAIRBANK, 2006, p. 58).

Na parte da civilização, Zhou já tinha uma história escrita. Os povos chineses tinham um nível alto de homogeneidade cultural. Também inicialmente havia a criação de uma sociedade dominada pelo poder estatal. Neste período, Zhou contribuiu em todas as atividades: agrárias, tecnológicas, comerciais, militares, literárias, religiosas, artísticas que influenciaram nas dinastias seguintes da China (FAIRBANK , 2006, p. 59)

A arte da agricultura na Dinastia Zhou era controlada pelo próprio governo. O sistema da agricultura dividia a terra em nove partes como em um jogo de xadrez, que em

língua chinesa chama-se “jing”. Os servos cultivavam terra pública em conjunto, e cada um tinha sua parte. Ao fim, os grãos da parte do meio ficavam com o governo, e os das partes ao redor ficavam com os servos. De tal modo, o governo podia utilizar a comida e distribuí-la em tempos de colheita ruim. (CHEN, 2003, p. 8)

Com o rompimento da linhagem do parentesco real, o poder da corte de Zhou gradualmente diminuiu, e a fragmentação do reino acelerou-se. A partir da Era do imperador Zhou Ping Wang, os reis de Zhou mandavam apenas simbolicamente. Os nobres não eram da mesma família dos reis, porém declaravam-se tais. (CHEN, 2003, p. 8-9).

A partir da era do Zhou Oriental, muitos nobres se transformaram em classe comum, pois não havia muito território e riquezas para se dividir. No período de Primavera e Outono, os nobres queriam apoio dos intelectuais para fortalecer a própria força política. Sendo assim, estimulou-se a educação popular e transformou-se em uma sociedade acompanhada de grande florescimento cultural. Nesta época, surgiram duas principais correntes filosóficas da China que influenciaram a sociedade desde o imperador até classe comum: o confucionismo e o taoísmo. Este atentava para o cultivo de virtudes morais, e aquele defendia uma vida em harmonia com a natureza. Para Mêncio, seguidor de Confúcio, a importância da educação seria como um meio de aperfeiçoar a natureza humana (CHEN, 2003, p. 11 e p. 14).

Tabela 2 – Principais períodos na China Imperial

Zhou	771-256 a.C.
Reinos Combatentes	403-221 a.C.
Qin	221-206 a.C.
Início do Han	206 a.C.-8 d.C.
Final do Han	25-220 d.C.
Período da desunião do Norte e do Sul	220-589 d.C.
Wei do Norte	386-535 d.C.
Sui	589- 618 d.C.
Tang	618-907 d.C.
Song do Norte com império Liao(Qidan) na fronteira norte	960-1125 d.C.
Song do Sul com império Jin(Ruzhen) no norte da China	1127-1279 d.C.
Yuan (mongóis)	1279-1368 d.C.
Ming	1368-1644 d.C.
Qing (marchus)	1644-1912 d.C.

(FAIRBANK, 2006, p. 40)

2.5 A Primeira Unificação – Dinastia Qin (221 - 210 A.C.)

O rei de Qin, por conselho do súdito legalista Shang Yang (lord Shang, morto em 338 a.C.), conquistou todos os seus rivais e o seu líder auto-intitulou-se o Primeiro Imperador, Shi Huangdi (tal nome tem como explicação na língua chinesa aquele que esperava que seu trono continuasse a se passar para seus filhos e netos para sempre), em aproximadamente 221 a. C. (FAIRBANK , 2006, p. 67).

Após conquistar o poder, Qin Shi huan aceitou a sugestão do primeiro ministro, Li si (280 a.C. - 208 a.C.), e abandonou o sistema feudal de Zhou, reorganizando o seu governo pela centralização. Sendo assim, o imperador indicou três ministros na administração da capital, um ministro civil, um ministro militar e um ministro inspetor. A parte de fora da capital, ou seja, o território ao lado da capital, dividiu-se em 36 capitânicas (jun). Em cada capitânia havia um governante civil e um governante militar, e também um inspetor imperial para vigiar os governadores. Para cada capitania havia vários condados (xian); subdividiam-se naqueles que tinham os chefes locais, os quais eram indicados pelo primeiro ministro (CHEN, 2003, p. 1-2)

Para controlar o pensamento e evitar manifestações contra o governo, o governo político do Qin mudou os nobres locais para o centro da capital, destruiu as muralhas das cidades e confiscou os instrumentos feitos com ferro do povo. Sendo assim, as milícias não-governamentais foram dissolvidas. O governo ainda mandou queimar todos os livros e registros que não se referiam aos feitos dos Qin e matou cerca de 460 estudiosos que os contrariavam – em especial os confucionistas, embora os arquivos dos estados conquistados tivessem sido destruídos e somente os registros dos Qin tenham sido preservados. Politicamente, o Estado admirava seus administradores e fazendeiros e prejudicava comerciantes e artesãos. Em geral, a meta do rei era preservar o poder, não importando se isso beneficiaria o povo. Não se presumia comunhão de interesses entre rei e súditos (FAIRBANK, 2006, p. 67-68)

Na fase da cultura, a grande influência às dinastias posteriores do Qin foi padronizada e unificada a escrita, pesos, medidas e moeda. Na escrita oficial do Qin, costumava-se usar a escrita de selo pequeno (ciau zhuang). O LiSi inventado foi empregado para inscrições em pedra e gravações formais. Mais tarde, o Qin shr huang pediu à Chng Mião inventar outra escrita de Lishu, uma escrita mais cursiva e simples, a qual era muito usada

para os afazeres do cotidiano. (CHEN, 2003, p. 2) e (FAIRBANK , 2006, p. 68).

A centralização política incluía as construções de estradas imperiais, de canais de redes e muralhas, como a construção de estradas imperiais, a partir de centro da capital, Xianyan, a cidade do Leste, Shangdong, à Oeste Gansu, à Norte Mongo, Hebei, ao Sul até Zhejiang, Anhui e Hubei. Tais atividades contabilizam mais de seis mil quilômetros, assim como no Império Romano. A estrada reta cruzava diretamente a árida região de Ordos, também chegando à fronteira junto aos nômades da estepe, tendo funções econômicas e políticas. A construção de canais e redes de irrigação fortaleceu a economia e também ajudou a sua primeira conquista em termos de posição (FAIRBANK , 2006, p. 68-69).

O Qin reconstruiu as muralhas que foram construídas pelos outros Reinos Combatentes pelo fato da falta de força militar para afastar os estrangeiros (não-chineses) do norte. Os administradores atacam/ negociam com outros reinos vizinhos para resultar uma decisão melhor. Mas desde os governantes Qin, tinham lidado com os povos estrangeiros pelas atividades de intermédio de comércio, diplomacia ou guerra. (FAIRBANK , 2006, p. 69)

Além das várias atividades e construções, segundo Fairbank, “nas artes da guerra, os carros a cavalo da Antigüidade já tinham sido suplantados pela cavalaria e infantaria em massa, munidas de armas de bronze ou ferro, em especial a besta" (FAIRBANK , 2006, p. 68).

Sendo assim, a política do Qin unificou os estados, mas as grandes demandas de homens e tributos impostos cada ano acabaram por exaurir o povo e os recursos do Estado. Em 210 a.C., o Qin Shihuang faleceu, logo Han derrubou a dinastia Qin e acabou o sonho de

continuação do império.

2.6 A Dinastia Han (206 A.C. - 220 D.C.)

A dinastia Han derrubou a dinastia anterior, Qin, subindo ao poder em 206 a.C. A dominação do governo Han permaneceu por cerca de quatro séculos. Para os chineses, Han foi uma dinastia longa e fonte de diversas origens da cultura chinesa. Atualmente, é grande o número de chineses da etnia de Han. Percebendo as falhas políticas do Qin, o primeiro imperador Gau Zhu, (256 - 195 a.C.) colocou seus filhos para governar os reinos e paulatinamente reduziram seus territórios e o tamanho de suas cortes. A capital mudou-se para Chang'an, pois tinha boa condição geográfica de dominação. Formulou-se o sistema de ritual para segurar o poder político.

Fairbank relata que:

Han distribuíam centenas de marquesados, que consistiam em determinados tributos sobre a terra e a população de uma certa área, a parentes e homens de mérito que arrecadariam os impostos e seriam partidários aristocráticos do trono na região (FAIRBANK, 2006, p. 70).

Após o falecimento de Han Gau Zhu, seu filho, Hueidi assumiu o trono. Porém, perdeu o poder para a própria mãe, Lü pelo caráter pessoal fraco. A senhora Lü dividiu os reinos com seus próprios parentes que dominaram o poder principal do governo. Como

Fairbank diz, "O problema do Han foi como evitar a dominação da corte pela família da imperatriz" (FAIRBANK , 2006, p. 70). Até o falecimento da imperatriz Lü, os súditos derrubaram o poder da dominando da corte da família da imperatriz. Em seguida, o imperador Wen Di assumiu o trono em 156 a.C. (WANG, 1996, p. 65-66).

Para controlar os habitantes da capital da Han Anterior (Chang'na), o governador da cidade dividiu-a, fora do palácio, em 160 distritos. Cada um tinha sua muralha e portões próprios, também supervisionados por um grupo escolhido de moradores. Tal sistema é semelhante das associações de bairro hoje em dia. (FAIRBANK , 2006, p. 69 e p. 81).

Inicialmente, os imperadores do Han utilizavam a doutrina do taoísmo, pois o pensamento do taoísmo defendia uma vida em harmonia com a natureza, que servia a sociedade em um meio destruído pelas guerras. No período dos imperadores Wen (202-157 a.C.) e Jin (188-141 a.C.), com duração de cerca de 40 anos, se formou uma sociedade próspera e pacífica. Na história tradicional chinesa chama-se "a Regra de Wen Jing", ou seja, a dominação dos Wen Jing (156-141 a.C.).

Quando o Han estava chegando à dominação do Wudi (158-87 a.C.), o sistema mudou para a doutrina inspirada no confucionismo, que "tinha o objetivo de treinar uma elite por homens superiores, para chegar a serem capazes de assegurar o respeito do povo e de orientar a conduta do governador" (FAIRBANK , 2006 p.74). Para o imperador Han Wudi, a educação é uma forma de melhorar a qualidade da classe, por isso, ele usava a ideologia do confucionismo em que os funcionários do governo deveriam ser instruídos, e "promovia o aprendizado como um dos canais para recrutamento de funcionários" (FAIRBANK , 2006, p. 74).

O período da dinastia Han era produtivo para a cultura chinesa. Fairbank (2006) revela que, em 1971, a China descobriu três túmulos em Mawangdui, próximo a Changsha, os

quais seriam de 186 a.C. até 168 a.C.

O corpo bem-conservado da princesa Daí no interior de um casulo de quatro caixões à prova d'água estava acompanhado por mil objetos, incluindo pinturas, textos escritos em bambu e sedas multicoloridas, que o correspondente romano da princesa dificilmente poderia ter igualado em beleza e arte. (FAIRBANK, 2006, p. 72).

Também por explicação de Fairbank, outros artigos chineses de luxo incluíam: artesanato em madeira, cerâmica, bronzes e aço para armas, produzidos pela mescla de dois tipos de ferro com teores diferentes de carbono.(FAIRBANK , 2006, p. 72).

Pela observação de Fairbank (2006), o filósofo da religião da sociedade Han já desenvolveu bastante da teoria do taoísmo e o Império também ocorreu a entrada dos primeiros oradores budistas. Na área da literatura, desenvolveu-se amplamente em todos os campos: história, romance, poesia, teatro etc. Sobre a arte, há uma renovação estimulada pelo contato com estrangeiro (WANG, 1996, p.109-112)

Algumas reformas foram feitas no período do Han wudi: fundação das escolas públicas, a Universidade para ter um acesso à formação para funcionários públicos, a realização de provas para escolher os funcionários etc. Reformou o calendário de Xia, que é o calendário lunar. Também reformou o sistema econômico, unificou a moeda por "a cunhagem de dinheiro". O dinheiro é "uma moeda de cobre com um buraco quadrado no centro" (FAIRBANK , 2006, p. 72).

O imperador também trabalhava com monopólio de mercadorias manufaturadas como sal, ferro e vinho. Em 117 a.C., o governo fundou 48 órgãos com milhares de funcionários para fabricar o sal, ferro e vinho com a ideia de monopólio de tais mercados

(Wang, 1996, p. 68-69). Han reformou o exército para combater a ameaça dos bárbaros do Norte, Xiongnu. Na época do Imperador Han Wudi, de 140 a 87 a.C., os exércitos marciais chineses e sua influência política, cultural, aprofundaram-se no sul da Manchúria, norte da Coreia, sul-sudeste da China e norte do Vietnã. Tais exércitos permitiram abrir as primeiras ligações comerciais entre a China e o Ocidente pela Rota da Seda. Na história chinesa, também tornando possível o tráfego mercantil através da Ásia central, desenvolvendo o comércio inclusive com os romanos. (WANG, 1996, p. 92 e p. 100).

Na dinastia Han, o imposto territorial era baixo, "de um décimo a um trigésimo da colheita, ao passo que o aluguel pago pelos meeiros a seus senhorios iria de metade a dois terços da colheita". Sendo assim, durante os quatro séculos de administração do governo Han, amplas mudanças aconteceram na China, ocorrendo aumento demográfico e crescimento das propriedades dos magnatas locais. Também ocorreu progressão da arte e da agricultura, chegando a uma população de 55 milhões (FAIRBANK, 2006, p.72).

Han almejava controlar a economia social. Os comércios urbanos eram dentro dos mercados do governo, onde os funcionários determinavam os preços das mercadorias e arrecadavam os impostos comerciais que seguiam diretamente para o tesouro real. Quem era registrado nas cidades não podia ocupar um pedaço de terra, tornar-se funcionário ou ter um estilo de vida requintado. Já os comerciantes sem registro, que vendiam mercadorias entre as cidades e países que renderam riquezas gradualmente, ficaram mais ricos. Ainda com relação aos funcionários do governo, eles mudaram-se da posição de latifundiários para acumular mais rendas e ganhar mais lucros com a exportação de ouro e seda para a Ásia Ocidental e Roma.

Segundo Fairbank,

Em suma, o mal do comércio tendia a corromper os funcionários. Um departamento do governo encarregado do comércio poderia ter algum poder se não fossem os valores confucianos em condenar fortemente a sede pelo lucro (FAIRBANK, 2006, p. 71-72).

No final da época da dinastia Han, ocorreram conflitos do poder entre parentes da família da imperatriz e eunucos pelas aquisições de terras, invasões e rixas. Assim, ocorreu grande confusão na sociedade; a pobreza estimulou as rebeliões organizadas por camponeses, em anos 184 d.C, tais ações resultando em uma era de chefes guerreiros. Tal episódio na história chama-se “A Rebelião do Turbante Amarelo”. Com o fracasso da dominação do governo Han, em seguida os Três Reinos (em ano de 214 d.C.) subiram ao palco político da história da China (WANG, 1996, p. 81-84).

2. 7 A Dinastia Wei e Jin: O Norte e o Sul da China

Após a derrubada da dinastia Han, a China entrou em uma época de rebelião e estava com dois processos de desunião entre o Norte e o Sul. O primeiro era a incursão recorrente de povos nômades ao norte da China. O segundo era a migração dos chineses da dinastia Han, mudados para as áreas do vale Yangzi, mais para o sul.

De 220 a 265 d.C., época dos Três Reinos, os reinos de Wei, Shu e Wu. Pouco depois, os reinos foram derrubados por Jin, do Oeste. Era uma reunificação temporária do país entre anos de 280 d.C. e 304 d.C. Finalmente, de 317 a 589 d.C., uma sucessão de Seis Dinastias no sul da China ao longo e abaixo do Yangzi e ao Norte da China basicamente se

tornou uma arena de guerra pelo poder entre todos os Dezesesseis Reinos. Nesta época, a sociedade produzia uma fecunda fusão cultural. O delta do rio Yangzi tornou-se uma região agrícola próspera, fundamentada nas culturas de arroz e chá. Também teve uma economia desenvolvida. Sendo assim, etnias do oeste e norte passaram para o sul, formando uma grande harmonia e convivência entre nacionalidades.

Com a relação à intercultura religiosa, difundiram-se o budismo e o taoísmo. No entanto, o budismo foi mais protegido pelos governantes. Na área da literatura, calígrafos e pinturas continuaram a se desenvolver. Na área de ciências e tecnologias, por exemplo, Zu Chongzhi (429-500 d.C.) foi o primeiro a calcular a razão de circunferência ou número π até o sétimo número depois da vírgula decimal (WANG, 1996, p.113 e p. 153) e (FAIRBANK, 2006, p.82 e p. 84)

2.8 Segunda Unificação: Dinastias Sui e Tang

Em 581 d.C., o fundador do Sui, Yang Jian (541 a 604 d.C.), assumiu o poder no alto funcionalismo do reino Zhou do norte e conseguiu submeter à sua autoridade a região do sul, depois da conquista de Nanquim (Nanjing).Ele elaborou um novo código judicial com quinhentos artigos, impôs a ordem no governo local e deu continuidade a diversas instituições iniciadas por reinos anteriores (FAIRBANK , 2006, p. 86).

Sui Yang Jian abandonou o regime de seis ministros, e colocou o novo regime de três províncias e seis ministros. Assim, a nova dinastia, denominada Sui, reunificou o país

depois de três séculos de fragmentação política, econômica, cultural e linguística. (FAIRBANK , 2006, p. 86)

Na época do Sui, o filho do fundador, Sui Yangdi (569 a 618 d.C.) conseguiu utilizar os recursos do império para realização de grandes projetos. Um que chamou mais atenção de todos foi a ampliação do Grande Canal desde o norte de Hangzhou passando pelo Yangzi até Yangzhou, e então até o noroeste na região de Luoyang (FAIRBANK , 2006, p. 86-87). Tal construção uniu o rio Yangzi ao rio Amarelo, que serviu ao povo, também para seus passeios pessoais. Nesta dinastia, também foi criado um regime de vestibular, para selecionar bons funcionários com qualidades. No ano de 618, Sui Yangdi foi enforcado por sua personalidade cruel; assim terminou a curta dominação política da dinastia Sui (LIN, 2003, p. 2 e p. 5).

O fundador da dinastia Tang era um descendente da família Li, de origens militares turcas e status aristocrático. Em 618 d.C., Li Yuan pegou o poder político central e assumiu o trono e a dinastia Tang foi se estabelecendo. No método da dominação política, os fundadores do Tang foram mais prudentes.

Segundo relato do autor Fairbank (2006), os Tang herdaram as conquistas dos Sui, incluindo a enorme capital de oito por nove quilômetros, Chang'an, e a capital secundária, Luoyang. Enquanto os departamentos administrativos da dinastia Han tinham coordenado os assuntos palacianos e dinástico-familiares lado a lado com os assuntos de interesse geral da nação, os Sui e os Tang estabeleceram seis ministérios-administração pessoal, fazenda, ritos, exércitos, justiça e obras públicas – que formariam as principais divisões do governo chinês até 1900 d.C.. Outros órgãos incluíam a censura, que analisava e apresentava relatórios sobre a conduta oficial e até mesmo a imperial, e uma versão primitiva do sistema de exames oficiais (FAIRBANK , 2006, p. 87).

O segundo imperador, Li Shimin, (Tang Taizong, 598-649 d.C.), espalhou as tropas

aos países vizinhos e estabeleceu o seu poder político, das direções diretas até a Coreia, Vietnã. Assim, ele conseguiu a sua alta posição política na Ásia Central, pois havia prefeituras chinesas funcionando até no oeste dos Pamirs. Tal expansão estimulou a maior função das cidades comerciais dos oásis da Rota da Seda e a Ásia Ocidental. Fairbank (2006) relatou que,

A capital dos Tang em Changán tornou-se uma grande metrópole internacional, um marco do mundo eurasiático. Entre 600 d.C. e 900 d.C. nenhuma capital ocidental ganhava dela em tamanho e esplendor. (FAIRBANK, 2006, p. 87)

Na área da cultura, o desenvolvimento da literatura conquistou uma posição nas belas-artes, tornando-se modelo para as dinastias seguintes. A sociedade do país era mais aberta na época, concordando com visitas de estrangeiros do Japão, Coreia, Vietnã, Pérsia e da Ásia Ocidental em sua terra. A religião budista tinha aumentado dando outra dimensão à herança Tang dos Han (FAIRBANK, 2006, p. 87).

Após Taizong falecer, em 649 d.C., seu filho subiu ao trono, e foi o terceiro imperador Tang Gaozong (628-683 d.C.). A sua imperatriz, Wu (624-705) controlou o poder autocrático pelo fracasso de Gaozong. A imperatriz Wu era talentosa e hábil na área política, mas os seus métodos assassinos, ilícitos de conservação do próprio poder arruinaram sua reputação e relação entre os burocratas do sexo masculino. Na história chinesa, a imperatriz foi a única governante mulher. Tal situação na sociedade chinesa era rara, dificilmente acontecia. Sobre sua dominação da vida política, por exemplo, Fairbank (2006) citou:

Em 657 d.C., o governo Tang usava apenas 13,5 mil oficiais para controlar uma população estimada em cinquenta milhões. Obtendo uma milícia local (fubing) de fazendas auto-suficientes e exigindo que elas cumprissem trabalhos em cada localidade, o governo cortou seus gastos. A administração ainda queria ver os fazendeiros independentes e donos

legítimos de suas terras, e portanto, sob o sistema de campo igualitário(juntian), redistribuía periodicamente a terra segundo os registros populacionais. Mas ao passo que o segundo imperador governou por um método prático e ativo, trabalhando com seus conselheiros todos os dias, as manipulações da imperatriz Wu fizeram do poder imperial algo mais remoto, conspiratório e despótico. Ela rompeu o poder dos clãs aristocráticos do Noroeste e deu à planície do Norte da China maiores oportunidades de representação (FAIRBANK, 2006, p. 90).

O imperador Xuanzong (713-755 d.C.), subiu ao trono após a queda da Imperatriz Wu. Nesta época, os Tang chegavam a um alto ponto de prosperidade e esplendor, mas as falhas se acumulavam sem perceber. O florescimento cultural e de expansão territorial da dinastia Tang terminou com a derrota chinesa das tropas dos árabes em 751 d.C., próximo a Samarkand, na fronteira norte-ocidental. Com tantos fatos, como o problema da expansão militar, a milícia fubing, o alto número de funcionários, até os conflitos entre os eruditos e eunucos, ocorreu uma fase de decadência e esta resultou em nova fragmentação.

Até 755 d.C., An Lushan se rebelou e tomou as capitais. Sendo assim, de 755 d.C. a 763 d.C., uma rebelião altamente destrutiva assolou o país. Em 907 d.C., a dinastia Tang saiu do palco político e a China entrou em um período de caos político que indicava “cinco dinastias e dez estados“ de 907 d.C. a 960 d.C., embora tenha havido um importante desenvolvimento científico que se plasmou na invenção da imprensa (LIN, 2003, p. 11 e p. 23).

2.9 A Dinastia Song (960-1276 d.C.)

A dinastia Song pode se dividir em dois períodos, o primeiro período foi o Song do Norte, de 960 a 1126, o qual durou 167 anos. O segundo período foi o Song do Sul, de 1127 a 1276, durando 153 anos. Em 960, Zhao Kuangyin, o comandante da guarda do palácio da última das Cinco Dinastias do Norte da China foi indicado por seus colegas militares como o novo imperador. Assim, ele subiu ao trono e fundou a dinastia Song, Song Taizhong (939-997 d.C.). Ele conseguiu o poder imperial, para realizar o controle dos militares e o estabelecimento de um novo poder civil.

Song Taizhong aposentou os generais, substituiu os governadores militares por funcionários civis, concentrou as tropas de elite no exército palaciano, construiu uma burocracia composta de diplomados por meio de exames e centralizou a receita. Sendo assim, a dinastia Song foi o período mais criativo da China, de modo semelhante à Renascença, que começaria na Europa dois séculos mais tarde (FAIRBANK, 2006, p. 95).

A meta da política dos imperadores Song era mais focada na parte da educação, embora tivessem construído um sistema de exames com o objetivo de escolher estudantes de qualidade para sua burocracia. Segundo Peter Bol (1992), após os exames, os examinadores Song nomearam homens capazes de defender a nova ordem civil para encaixar os ideais confucianas “leais à ideia de um governo civil”. Os exames da dinastia Song para as pessoas talentosas e pobres eram uma oportunidade de carreira; também permitiram que jovens adultos tivessem acesso para serem funcionários públicos por seus próprios méritos (FAIRBANK, 2006, p. 101).

A construção de uma burocracia sobrecarregada com os custos da defesa aos estrangeiros foi o fato principal de debilidade dos Song. Segundo relato de Fairbank (2006), os militares eram excluídos da lista-padrão confuciana dos quatro grupos – eruditos (shi), camponeses (nong), artesãos (gong) e mercadores (shang). A sociedade desprezava os militares que influenciavam na qualidade e na força das tropas do Song, por isso, o governo sempre sentia falta no número de militares do país (FAIRBANK , 2006, p.113).

O fracasso dos imperadores Song também estimulou as ameaças dos países vizinhos, Vietnã (ao sul), Nan Zhao (ao sudoeste), Tibete, o Tangut Ocidental Xia (Xixia) (ao noroeste) e o Qidan Liao (ao norte). Os imperadores assinavam diplomacia com os países estrangeiros, mas ainda pagavam tributos para comprar a paz do governo. De 1004 a 1042, por exemplo, Song conquistou a guerra com o Estado Liao, mas enfim, assinou um contrato de pagamento anual, “O Tratado do Shanyuan”, mostrando que o Song aceitava um status inferior. Sendo assim, os eruditos planejaram as reformas políticas com objetivo de fortalecer a força do governo. Em 1043 e em 1068, por exemplo, os primeiros-ministros Fan zhongyan (989-1052) e Wang Anshi (1021-1086) tinham projetos de reformar o governo. Porém, não mantiveram uma prosperidade duradoura, apesar de terem ajudado a aliviar contradições sociais (LIN, 2003, p. 6).

A dinastia Song pode ser frágil na história da China, mas o desenvolvimento da área cultural e sua tecnologia eram mais avançados que qualquer outro país no mundo. Fairbank (2006) relatou que a dinastia Song foi uma época criativa e avançada na invenção de tecnológicas, produção material, filosofia política, governo e cultura de elite. Tais atividades, livros impressos, pinturas, o sistema de exames para o serviço civil, são exemplos da preeminência da China (FAIRBANK , 2006, p. 95). Na área da ciência, inventaram a bússola, a tipografia e a pólvora. Nesta época, os chineses usavam simples bombas e lanças incendiárias contra os invasores nômades.

Na fase da literatura, surgiu a filosofia confuciana idealista. O desenvolvimento do transporte estimulou o crescimento da indústria nesta época. Fontes de carvão e ferro permitiram desenvolver uma técnica de eliminação do carbono para a produção de aço. “Por volta de 1078, o norte da China estava produzindo anualmente mais de 114 mil toneladas de ferro-gusa (setecentos anos mais tarde, a Inglaterra produziria apenas a metade dessa quantidade)” (Fairbank, 2006, p. 96). Na tecnologia náutica, os grandes navios compartimentados da China eram os melhores do mundo nesse tempo, que, dirigidos por um leme de popa e pelo uso de mapas e da bússola, podiam embarcar até quinhentos homens. Sendo isso, “na época dos Song, uma grande expansão do comércio marítimo nos portos chineses de Guangzhou (cantão), Quanzhou (Zayton), Xiamen(Amoy), Fuzhou e Hangzhou aconteceu” (FAIRBANK , 2006, p. 99).

Durante os períodos dos Song, os governos estrangeiros começaram a fortalecer sua própria força política. Logo, Liao foi dominando por Tunguzic Ruzhen (Jurchen), tribos do Norte da Manchúria, que adotaram o nome dinástico de Jin (dourados) e os Tangut do estado do Xia cidental (Xixia), no Noroeste da China, sempre ameaçaram os Song. A dinastia Song, após o general Yue Fei (1103-1142) ter sido assassinado pelo chefe do conselheiro e negociador, QinGui(1090-1155), foi derrubada pelos Mongóis (FAIRBANK, 2006).

2.10 Dinastia Yuan (1279-1368)

No século XIII, o poder dos mongóis chegou à Ásia Central, Rússia, e até Europa. Em 1206, Gêngis Khan uniu suas tribos e ordenou que seus filhos e netos governassem os

quatro Khanatos. O comportamento cruel e a feroz energia destrutiva dos mongóis lhes trouxeram uma má imagem; um exemplo citado por Fairbank (2006, p. 123) foi: sua primeira invasão do império Jin no Norte da China deixou mais de noventa cidades carbonizadas. Em 1234, os mongóis conquistaram os Jin, e mais tarde derrubaram a dinastia Song do Sul, em 1279. O neto de Gêngis, Khubilai Khan, implantou a sua capital em Beijing, assumiu o trono e nomeou a sua dinastia Yuan (FAIRBANK, 2006, p.125).

Para a China, a entrada dos governantes estrangeiros trouxe um choque à sociedade, especialmente no aspecto cultural. O governo de Yuan formou uma grande estratificação social pela ineficiência administrativa, principalmente devido à inexperiência em administração pública dos mongóis. Yuan dividiu as classes sociais em diversos níveis: o primeiro nível era dos mongóis, o segundo eram estrangeiros (os de olhos coloridos) e o último nível eram os nativos chineses. Apesar disso, o governo Yuan distribuiu todos os mongóis no extrato superior da sociedade, conferindo-lhes isenção de impostos e direitos de propriedade. A maneira da administração na época foi injusta para os povos chineses, pois, por exemplo, “as punições da época do Yuan eram aparentemente menos severas do que as da era Song; havia menos exações irregulares somadas aos impostos ”.(FAIRBANK, 2006, p. 126).

Sobre a dominação do governo mongol, Fairbank (2006) também comenta que

(...) os príncipes mongóis podiam desfrutar de seus apanágios e bater-se entre si. Os mongóis podiam colocar guarnições em pontos-chave, porém não eram capazes de administrar o governo, de policiar as comunidades locais, de censurar a literatura e os teatros chineses ou de dar à China uma liderança intelectual e cultural (FAIRBANK, 2006, p.126).

O imperador Kublai Khan havia extinguido a tradição do concurso público para a seleção de chineses para compor cargos burocráticos do governo. Finalmente, o sistema de prova foi restaurado em 1315, mas foi uma corrupção generalizada pelo fato de faltarem administradores com experiência e pela fraqueza dos secretários. Tais sistemas de exames foram combinando dois tipos, um tipo mais fácil para os mongóis e povos não-chineses, e o outro tipo mais difícil para os chineses. Para segurar o seu poder na China, o imperador estudava e utilizava os costumes confucianos de maneira bastante eficaz, mas seu comprometimento foi sendo destruído pela guerra civil entre seus conterrâneos “não-achinesados e obstinados”. (FAIRBANK, 2006, p.127).

O desenvolvimento da economia na época do Yuan, pelas grandes obras públicas de Khubilai, o sistema do segundo Grande Canal, estimularam e deram espaço para a prosperidade. Os governantes mongóis aproveitaram o talento dos árabes com o comércio, “regulavam o fluxo de mercadores muçulmanos e lhes concediam empréstimos para investir no comércio. Sendo assim, os mercadores muçulmanos também ajudavam os mongóis a coletar o excedente agrário, canalizando uma parte dele para seu comércio” (FAIRBANK, 2006, p. 128). Ainda segundo a história de Marco Pólo (1254- 1324), o desenvolvimento urbano, o carvão e o papel-moeda na época de dinastia Yuan fascinaram Marco Pólo (JI, 1993).

A política do governo mongol não usava os chineses do sul nos cargos de funcionários públicos, mas deixava que os chineses mantivessem a sua própria cultura, continuando a desenvolvê-la nas comunidades locais. Essa sociedade promoveu aos estudantes a autoformação moral do indivíduo como fundamento da ordem social e do governo eficiente. O erudito Zhu Xi fundou uma escola que ensinava o método do estudo do

mundo prático. Outro erudito, Lu Xianshan, indicou uma contemplação mais voltada para o interior. As tendências filosóficas estimularam uma escola de ciência política do Estado, com abordagem pragmática de como governar instituições políticas. Os novos pensamentos começaram a ser praticados na área moral e insistiam na virtude da lealdade, abrindo caminho para o neoconfucianismo. Para os chineses, tais filosofias foram como antídoto aos governos arbitrários (FAIRBANK, 2006, p.128).

O governo Yuan promoveu suas campanhas militares contra reinos vizinhos com objetivo de ampliação do próprio território. Ele atacou o Japão com milhares de navios em 1274 e 1281, também invadiu os reinos do Sudeste Asiático, o Vietnã e o Champa (na Indochina do Sul), as ilhas Liu-qui e, em 1292, Java. Contudo, sempre fracassaram. Burma e Sião também foram invadidos. Além das violências, os imperadores Yuan também aprenderam com as dinastias anteriores da China, usando o método diplomático para segurar as boas relações com os países vizinhos. (FAIRBANK, 2006, p. 127).

Segundo Fairbank (2006), para a dinastia Yuan, ao governar a China, o principal problema dos Mongólia foi com relação à cultura. Por causa das falhas da administração política e econômica do governo estrangeiro, Yuan foi derrubado pela força revoltada camponesa que instaurou a dinastia seguinte, Ming, em 1368 (LIN, 2003).

2.11 A Dinastia Ming (1368-1644)

A dinastia Ming foi a última dinastia na história da China governada pelos étnicos Hans. Em 1368, Zhu Yuanzhang (1328-1398 d.C.) expulsou os príncipes mongóis separatistas e subiu ao palco do poder com a ajuda de eruditos confucianos que redigiram as declarações e cumpriram os rituais necessários para reclamar o Mandato. Ele também construiu uma grande capital em Nanjing. Durante o período do governo Ming, o imperador Hongwu (1368-1398 d. C.) era mais ideólogo do que um militarista e cheio de ideias. Segundo a explicação de Fairbank (2006),

Hongwu emitiu um fluxo de reprimendas e de regulamentos, destinados a orientar a conduta de seus súditos – códigos legais, mandamentos, instruções ancestrais, uma série de declarações grandiosas, estatutos de aldeias e de governo e regulamentos cerimoniais. Esses códigos constituíam o protótipo da ordem social ideal e incluíam sanções para apoiá-la (FAIRBANK, 2006, p. 131).

Tais ações eram com o seu objetivo de manter um poder centralizado sobre o maior e mais diversificado Estado do mundo. Assim, ele transformou seus comandantes em uma nobreza chinesa militar, com hierarquia e emolumentos superiores aos dos mais altos funcionários civis – até que os considerassem suspeitos de traição e os assassinasse (FAIRBANK, 2006, p.131).

Inicialmente, a política da dinastia Ming era cheia de tristeza e sentimento de terror pela personalidade do imperador Hongwu. Segundo Fairbank (2006), Hongwu tinha uma aparência feia, energia agressiva, violentas crises temperamentais, com tais caracteres suspeitava de modo paranóico da existência de conspirações contra ele. Havia punições e desconfiança às elites do governo (em 1380, por exemplo, o imperador descobriu que o seu primeiro ministro conspirava contra ele). De repente, o governante aboliu o cargo de primeiro-ministro e a secretaria-geral, além de ter decapitado a burocracia civil. Para o

acusador, o governo matou o ministro e todos os membros de sua família, também afastou os parentes, os amigos e os discípulos do criminoso. Tais assuntos permaneceram ao longo dos anos entre cerca de quarenta mil pessoas. Mais tarde, o clima da decapitação ainda continuava nos oficiais, e, ao final dos feitos, foram totalizadas cerca de cem mil vítimas (FAIRBANK, 2006, P.131- 143).

Por outro lado, o imperador tinha uma atitude de respeito e tratava bem os agricultores, porque ele também tinha tido experiências de vida como camponês. O governante dirigiu um estado de baixos impostos sobre a terra, plantou árvores para combater a erosão, conservou os diques nos rios Amarelos e Yangzi, mandou os estoques de cereais contra a fome, apoiou o sistema de ajuda mútua contra o banditismo e encorajou a aristocracia para socorrer os necessitados.

O imperador também tentou promover a auto-suficiência das comunidades, realizou o plano que

(...) o povo funcionasse como sua própria polícia, capacitou o Exército a produzir seus próprios alimentos e compeliu a população local a realizar serviços nas residências oficiais (FAIRBANK, 2006, p.132).

Este sistema fez com que, sem novos impostos do governo, acontecesse corrupção na dinastia Ming (FAIRBANK, 2006, p. 132).

No sistema do governo imperial Ming existiu a Corte Inferior, eram umas equipes pessoais do imperador, que governavam os níveis hierárquicos pessoal e o trabalho burocrático que os imperadores Ming tinham. O governante confiava aos eunucos administrativos, militares ou outras questões especiais. Houve épocas em que a corte contou com setenta mil eunucos (FAIRBANK, 2006, p.135)

Na época da dinastia Ming, um gasto mais pesado era criado nas tropas pessoais do imperador. As tropas como a Guarda de Uniformes Bordados, funcionavam como guarda-costas, também como uma polícia especial, que dirigia uma temível prisão para o “tratamento especial” de criminosos políticos. Em 1383, o governo substituiu aproximadamente 16 mil homens deste tipo de Guarda, por cerca de 75 mil homens.

A partir de uma guerra civil, o imperador Yongle (1360- 1424 d.C.) assumiu o trono em 1402. Ele “transferiu a capital para Beijing, porque era o local onde dispunha de maior influência pessoal, além de ser o ponto estratégico que permitia manter controle sobre os mongóis”. Também construiu uma Cidade Imperial, Cidade Proibida; lá havia uma área de um pouco mais de sete quilômetros quadrados, onde tinham mais de cinquenta escritórios de serviços ou lojas de suprimentos, que empregavam cerca de cem mil artesãos e outros trabalhadores para produzir os produtos das necessidades da casa imperial, sem nenhuma distinção entre funções públicas ou privadas (FAIRBANK, 2006, P.134).

Após a época do governo Ming, o primeiro imperador Hongwu atacou os mongóis quatro vezes com sucessos, porque os estrangeiros estavam incomodando a vida da dinastia Ming (Jien, 2003). Yongle, o terceiro imperador, realizou cinco expedições militares para o Norte contra os mongóis. Neste período, o comércio marítimo da China estava em uma fase próspera, os navios dos mercadores chineses tinham exportado seda, porcelana e moedas de cobre para outros países.

Mais tarde, o imperador Yongle mandou que o seu Grande Eunuco Zheng He organizasse uma campanha naval em direção às rotas de comércio ao Sul da China. Assim, entre 1405 e 1433, as sete viagens de Zheng He foram muito importantes na história do mundo. Nas três primeiras viagens, eles visitaram a Índia e muitos portos no caminho. Na quarta vez, ultrapassaram a Índia e foram até Hormuz. Nas três últimas viagens, passaram

pelos portos na costa oriental da África até o sul, em Malindi, onde tinham vendido a porcelana e as moedas de cobre dos Song. A maior função de Zheng He era a de transportar emissários que traziam tributos na ida para a China e de volta a seus países de origem. Esta atividade marítima dos Ming estava crescendo no mundo, contudo, não progrediu (FAIRBANK, 2006).

Em anos 1449, um chefe eunuco forçou o imperador a atacar os mongóis, mas a operação não foi bem sucedida. Sendo assim, o governo parou de contra-atacar os estrangeiros com a força militar. A partir de 1474, eles retomaram a construção de grandes muros de tijolo e pedra e, com suas muitas centenas de postos de vigilância, formaram o que chamamos hoje de Grande Muralha, durante todo o século XVI. A ação teve como motivos isolar a China e evitar as ameaças dos estrangeiros (FAIRBANK, 2006).

Desde então, as dominações do governo Ming foram controladas por equipes dos eunucos que gradualmente pioraram a política. Um chefe de eruditos, o grande secretário sênior, Zhang Juzheng, planejou uma reforma para diminuir as contradições sociais e manter a dominação da dinastia Ming. Com o plano, ele

(...) reformou seu padrão administrativo, prosperou a agricultura, construiu canais e drenou leitos de rios, ao mesmo tempo em que reajustou imposto num todo, de modo que reduziu encargos do povo (JIEN, 2003, p. 3).

No entanto, seus métodos forçaram o povo a fazer economias e desobedecer a convenções. Depois de sua morte, suas maneiras altaneiras foram bombardeadas (FAIRBANK, 2006).

Na década de 1620, as lutas entre os eunucos e os eruditos estavam continuando. A luta de facções, segundo Fairbank (2006, p. 142), “inspirou os discursos morais dos burocratas, que criticaram as atitudes erráticas do imperador ou combateram a sinistra influência dos eunucos”.

Depois da morte de imperador, Wanli, o ditador eunuco, assumiu o poder, que aproveitava para violentar os eruditos de Donglin (“um grupo desses eruditos confucianos, em geral movidos por ideais nobres, mostrou uma preocupação com a moralidade que emprestou ânimo a seus ataques contra os funcionários”), mas alguns deles sobreviveram a esses ataques, terminando por obter vitória contra ele. A partir de então, o destino da política da dinastia Ming estava caminhando para o fracasso e a destruição (FAIRBANK, 2006, P.143).

O desenvolvimento da literatura, arte e vida urbana do Ming foi uma renovação dinâmica na sociedade, na cultura e na economia. A economia mercantil mostrou vários sinais do capitalismo. Todavia, as relações do comércio e o contato com o Ocidente ameaçaram a ordem política. A China também sofreu por invasões do Japão, Espanha, Portugal e Holanda por não ter acompanhado a progressão da ciência e da tecnologia no final da dinastia Ming (JIEN, 2003).

▫ As falhas da dominação e o problema fiscal derrubaram a vida dos chineses. Em 1627, na província de Shaanxi aconteceram calamidades naturais, as quais provocaram rebeliões contra a cobrança de impostos do governo. A partir disso, a dinastia Ming foi derrubada pelas rebeliões e por Manchus em 1644 (JIEN, 2003).

Segundo o artigo do professor Huang (1995), o chefe de uma expedição portuguesa, Fernão Peres de Andrade, chegou à China, em 1517, e conseguiu negociar com as autoridades chinesas de Cantão a entrada do embaixador português Tomé Pires a Pequim e o estabelecimento de uma feitoria em Tamau. Tal atividade abriu um novo passo nas relações

entre a China e o país ocidental Portugal, no século XVI.

Desde 1573, os portugueses foram autorizados a permanecer em Macau, mas as autoridades chinesas defendiam que Macau era uma parte integrante do Império Celestial Chinês, por isso os portugueses foram obrigados a pagar aluguel anual (cerca de 500 taéis de prata) e determinados impostos aos chineses. No ano de 1582, o padre Matteo Ricci (1552-1610) chegou a Macau com uma missão religiosa na terra da China. Ao longo do tempo, ele conseguiu fundar cinco residências e batizou mais 700 fieis. Também conquistou um método missionário que tomava conta da língua chinesa e dos costumes. Além disso, ele ainda escreveu várias obras em chinês e em latim.

2.12 A Dinastia Qing (1644-1911 D.C.)

A dinastia Qing foi a última dinastia imperial da China, fundada pelo clã Man hu Aisin Gioroda, em 1644. A conquista de Manchu mostrou que o poder do governo Ming estava com uma fragilidade fora da China. Na época, a combinação essencial de militarismo e de administração civil podia ser mais prontamente unificada fora da Muralha do que dentro dela. (FAIRBANK, 2006) Com a potência da força militar, o território da dinastia Qing chegou a mais de 12 milhões de quilômetros quadrados durante seu período mais próspero.

Antes de os Manchus terem conquistado a dinastia Ming, eles tinham criado o muken, uma administração civil em miniatura, uma imitação de Beijing. Quando eles derrubaram a dinastia anterior e assumiram o mandato Celestial, os manchus já estavam

preparados para resolver o seu problema da administração fundamental, ou seja, “como governar à maneira chinesa, sempre mantendo sua identidade manchu” (FAIRBANK, 2006, p.148).

Com a ajuda das rebeliões camponesas e resistências dos seguidores da dinastia Ming no sul da China, Qing unificou todo o país gradualmente. Os manchus utilizaram um sistema de nomeações duais na administração civil da china, pelas quais tanto os chineses quanto os manchus eram colocados em cargos importantes. Para evitar contradições aguçadas, a corte divulgou leis para estimular os agricultores e diminuir impostos, assim, desenvolver a economia da sociedade. Tal sistema possuía três governantes que realizaram uma forte liderança executiva durante 133 anos: o imperador Kangxi (que reinou de 1662-1722), Yongzheng (1722-1736) e Qianlong (1736-1796). Assim, até meados do século 18, a economia feudal entrou numa etapa muito rica, estimulou um crescimento da população da dinastia Qing, aumentando para, aproximadamente, 300 milhões de pessoas no fim do século XVIII (FAIRBANK, 2006).

No início da conquista da China, os machus não tinham planos de ação revolucionista social. Eles assassinavam quem os contrariasse, mas concordavam com o status das famílias aristocratas chinesas que aceitavam as normas dos Qing. Os manchus utilizavam o sistema de exames para escolher os chineses mais talentosos e inteligentes, mantendo sua alta qualidade e eficiência. Em 1729, o imperador Yongzheng fundou uma Secretaria de Finanças Militares secreta, composta por oficiais de alta patente, que carregavam os assuntos urgentes da casa imperial. Mais tarde, a secretaria tornou-se a principal agência da Corte Interior, e os estrangeiros a conheciam como o Grande Conselho. (FAIRBANK, 2006).

A expansão do controle dos Qing na Ásia Interior, no século XVIII, foi em direção à Mongólia, ao Tibete e ao Turquestão chinês. Entre 1685 e 1686, o imperador Kangxi ordenou

as tropas para irem contra os invasores russos, ao mesmo tempo que negociou com os invasores russos para solucionar a questão fronteira sino-russa no leste. Em 1689, foi assinado o primeiro acordo fronteiro “Tratado de Nipchu (Nirchinsk)”. Em 1727, foi assinado outro tratado que permitia o acesso à capital de um tráfico exíguo de caravanas russas. A partir de 1755, os chineses e os povos tribais da Ásia Interior formavam uma relação de intimidade da geopolítica. Com a sua própria versão de império colonial na Ásia Interior, teriam uma liderança na nação chinesa do século XX (FAIRBANK, 2006).

Após 1750, a Revolução Industrial estimulou a mudança social do mundo. Mas para a dinastia Qing, a nação chinesa ainda existia no país agrícola, feudal e com xenofobia e autoconfiança. As mudanças sociais eram lentas e não acompanhavam o caminho do Ocidente. Apesar dos esforços dos eruditos para com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, dificilmente salvariam o fracasso da imagem do governo (JIEN, 2003).

Em meados da dinastia, notou-se a fraqueza do governo Qing, que não tinha condições para oferecer uma sociedade próspera. Sendo assim, iniciavam-se as contradições sociais diariamente. Entre as lutas, uma das mais famosas e influenciáveis rebeliões era a do grupo da religiosa Bailian, que acabou com a fase mais próspera da dinastia Qing.

Com o desenvolvimento do Oriente, os países da Europa, com grandes ambições de conquistar o mercado da China, incentivaram várias guerras e assinaram vários acordos de desigualdade, tendo alugado terras e pago indenizações, além de terem obrigado a abertura de portos e permitido a entrada de estrangeiros na China. Desse modo, a China se tornou numa sociedade semifeudal e semicolonial. A guerra mais importante e que chamou mais a atenção foi a guerra de Ópio, em 1840. O fator da ocorrência desta guerra foi o governo da China proibir a entrada da droga, pois Grã-Bretanha vendia ópio indiano para China com objetivo de compensar suas perdas nos lucros. Finalmente, China abriu os portos ao comércio com o

ocidente, chamados de "portos de tratado". Desde então, todos os países europeus tinham concessões e privilégios comerciais. (FAIRBANK, 2006).

No final da dinastia Qing, o governo entrou uma fase caracterizada pela corrupção política e a fraqueza na dominação. Assim, os chineses sofriam com a situação de pobreza e surgiram as lutas dos movimentos antifeudal, tais como o movimento “Reino Celestial Taiping” e “Exército Nian”. Mais tarde, o governo realizou as reformas para salvar a sua administração, como o “Movimento de Ocidentalização” e o “Movimento Reformista de 1898”. Mesmo com muitos reformistas sacrificando-se pela nação, não conseguiram melhorar a situação. Em 1911, ocorreu a Revolução de 1911 pelo patriotismo. Finalmente, tais grupos derrubaram a dinastia Qing e o sistema feudal, que durou mais de 2000 anos, terminou, ao tempo que a China entrou numa nova época histórica (FAIRBANK, 2006).

Tabela 3 – Eventos na China, 1796-1901

Rebeliões internas	Invasão estrangeira	Resposta dos funcionários e da elite
Lótus Branco 1796-1804		
	Turquestão 1826-1835	
	Gerra Anglo-Chinesa do Ópio 1839-1842	Militarização crescente sob a elite local
Taiping 1851-1864		As rebeliões foram derrotadas
Nian 1853-1868	Anglo-francesa 1856-1860	
Muçulmano- chinesa		Restauração Qing 1861-1876
Sul do Este 1855-1873		
Norte do Este 1862-1873		
	Francesa 1883-1885	
	Sino-japonesa 1894-1895	Movimento da reforma 1895-1898

	Invasão imperialista 1898	
Revolta dos Boxers 1898-1901	Gerra dos Boxers 1900	Reformas Qing 1901-1911

Citado por: China- uma história nova. Fairbank, 2006, P. 181

2.13. A República da China (1912-1949)

No início do Século XX, a China estava mudando no aspecto cultural e no político-social, pois as entradas das grandes potências e dos estrangeiros estavam influenciando os intelectuais chineses (FAIRBANK, 2006). Em 1912, os republicanos derrubaram a última dinastia imperial Qing, estabelecendo-se o regime político, a República da China. A troca de governo foi uma etapa de grandes crises políticas e sociais, marcada pela independência virtual de amplas zonas da China, sob o controle dos chamados "senhores da guerra", e pelos numerosos confrontos militares. No entanto, o país vizinho, Japão, iniciou uma guerra com o intuito de conquistar o território da China.

Depois de terminada a guerra de sino-japonesa, a China entrou numa guerra civil por causa das brigas entre o partido Kuomintang, o partido nacionalista político que dominava as instituições da República, e o partido Comunista Chinês, em 1945. O partido Comunista venceu a guerra e, desde então, a China continental entrou para a história da República Popular Chinesa pela liderança de Mão Zedong. O partido rival, os nacionalistas, fugiu para Taiwan, uma ilha ao lado da china. Então, mudaram o governo para tal ilha, sendo a República da China, e estabeleceram lá a administração política até hoje.

Segundo relato de Li (1994), do final de século XIX até início de século XX, a estrutura da sociedade da China passou por grandes mudanças. A sociedade tradicional chinesa era organizada por quatro grupos principais: trabalhadores, estudantes, agricultores, e

comerciantes. Entre todos os grupos, o dos agricultores era o maior (representava 80% da população da China). O menor grupo era o dos estudantes, mas era um grupo formado por uma grande força de influências sociais. Com as relações entre a China e os países ocidentais, estimularam-se as atividades comerciais e, devido ao desenvolvimento industrial e comercial, a posição dos comerciantes elevou-se. Desde então, o pensamento da tradição chinesa que foi construído pelo imperador Qin Shihuang, em que os comerciantes eram desprezados, pois eram considerados uma classe inferior, foi extinto (Li, 1994).

A confusão na sociedade, os movimentos sociais e a guerra civil deixaram os chineses sem segurança. Alguns até abandonaram a terra natal e foram para países pacíficos a fim de buscar uma nova vida. Sendo assim, atualmente, os imigrantes chineses estão espalhados por vários países do mundo. No Brasil, existem mais de 200 mil chineses e seus descendentes, na tentativa de melhores resultados na economia e na vida pacífica daqueles que tinham.

3. A IMIGRAÇÃO CHINESA NO BRASIL

3.1.0 A Primeira chegada dos imigrantes chineses

3.1.1 O reinado de Dom João – Introdução da cultura do chá no Brasil

Segundo Lasser (2001), a entrada dos imigrantes chineses no Brasil começou a acontecer nos anos 1810, com o apoio do juiz João Rodrigues de Brito, que era economista e

membro da suprema corte de Salvador, na Bahia. Para ele, os chineses eram “ativos, industriais e peritos na prática das artes e agricultura”.(LASSER, 2001, P. 40) Sendo assim, o ministro do exterior português no exílio, o conde de Linhares, Rodrigo Domingos Antonio de Souza Coutinho, concordou com a idéia e pensou na hipótese de trazer dois milhões de chineses para dar um jeito de contornar a proibição do tráfico de escravos, a pressão que vinha dos ingleses, e de satisfazer o desejo do rei Dom João, de transformar chá num produto de exportação importante.

Mais tarde, chegaram várias centenas de plantadores de chá – mais de 300 chineses, segundo a informação de Teixeira (1995), para trabalhar na fazenda do governo imperial no Rio de Janeiro e na Fazenda Imperial de Santa Cruz, em Niterói. No ano de 1812, o navio Vulcano trouxe mais de quatrocentos plantadores de chá com o intuito de plantar o “negócio rendoso”, como era conhecido o chá (ROHMER, 2002, p.18). Este navio partiu de Macau para o Rio de Janeiro e trouxe muitas mudas e sementes de chá. Entre os plantadores, havia alguns mestres a quem competiria orientar o plantio, a colheita e a seleção e preparo das folhas. Os agricultores eram da província de Hubei, interior da china e experientes no trabalho. (TEIXEIRA, 1995).

Dois anos depois, chegaram mais quatro chineses (os mestres da plantação de chá) no Brasil com missão oficial (orientar e organizar os trabalhos técnicos da plantação de chá) e foram morar na residência do Conde da Barca. Segundo o documento que registrou os nomes originais no Registro de Entrada de Estrangeiros, os nomes são: Liang Chou, Ming Huang, Chian Chou e Tsai Huang. Somente estas quatro pessoas possuem seus nomes originais registrados, de 1810 a 1842; os demais possuem nomes portugueses pelo fato de terem sido pessoas humildes, como por exemplo: Joaquim Pereira, Cipriano Rangel, Joaquim Antonio Francisco etc.

A introdução do chá na Europa deu-se nos últimos anos do século XVI, através da manifestação dos holandeses (TEIXEIRA, 1995). Até o século XVIII, o chá se tornou uma bebida nacional dos ingleses. Ainda segundo Teixeira, a carga do navio britânico *Oley* compunha-se de 100 toneladas de chá em 1705, o que bem revela as preferências do mercado naquela época.

De acordo com o relato de Johann Moritz Rugendas (1802-1858), a Inglaterra importava mais de três milhões de libras de chá da China. No século XIX,

A importação de chá, pelos ingleses, saltou para 10 toneladas em 1823 e para 34 toneladas em 1858. Para a implantação de chá na Europa, gastaram-se 125 milhões de francos em 1849. Em 1867, de uma parte da Ásia, a china exportou 67 toneladas, no valor total de 5,5 milhões de libras, e o Japão a metade (Rohmer, 2002, p. 18).

Na mesma época de século XIX, o preço do chá era uma “febre do lucro”. Rohmer (2002) relata que:

Na Holanda, os mercadores aproveitaram o embalo das constatações, de que as folhas de salgueiro levavam a melhor sobre as do chá, em matéria de benefícios à saúde, e fizeram um autêntico negócio da China, numa rendosa operação de troca: para cada quilo de salgueiro que forneciam, recebiam 1 kg de folhas de chá. Tinham seu lucro multiplicado por mil, pois o quilo de salgueiro custava 22 centavos de franco, ao passo que o chá era vendido a 220 francos o quilo (ROHMER, 2002, p. 19)

Conforme Teixeira (1995), o preço do chá na Europa custava vinte vezes mais do que o do mercado de origem, Cantão.

A plantação do chá no Brasil, depois de alguns anos de trabalho, apresentou

resultados em várias vozes dos intelectuais. Para Rugendas (1802- 1858, um pintor alemão), “o chá no Rio de Janeiro parece ter repercutido mais profundamente”, mas o chá do Brasil não tem o mesmo gosto do chá da China, sendo que aquele tem um gosto acre de terra. Para Carlos Augusto Taunay (1791- 1867, Francês), o chá brasileiro tem “um insuportável cheiro de verniz”, por lhe faltar aroma. (TEIXEIRA, 1995)

Por causa do cheiro estranho e da qualidade inferior, após 1814, o chá chinês continuava chegando ao Brasil e fazendo propaganda nos jornais. Os anúncios de venda divulgados no Rio de Janeiro, na Bahia e em Pernambuco que mostravam o chá produzido no Brasil não receberam a aprovação dos consumidores locais (TEIXEIRA, 1995).

Quanto à qualidade inferior do chá do Brasil, Rugendas achou que o defeito “pode ter sido originado por falta de competência dos próprios chineses encarregados da lavoura”. (TEIXEIRA, 1995, p. 217). Para Carlos Augusto Taunay, talvez o chá do Brasil faltasse aroma, por isso não estarem disponíveis as essências certas no local (TEIXEIRA, 1995). Outro autor na época, Oliveira Lima (1867-1928) foi um [escritor](#), [crítico](#), [embaixador](#) do [Brasil](#) em diversos países e professor-visitante na [Universidade Harvard](#), que deixou a culpa para os plantadores e pensou que os chineses importados eram sinônimos de “incapacidade, inexperiência ou baixo nível profissional”. Para Frei Leandro do Sacramento (1778 – 1829, foi um frade [carmelita](#) e [botânico brasileiro](#).), os plantadores chineses de chá queriam proteger a contas das maiores riquezas da China e esconderam o segredo da plantação.

Sobre esta questão, o autor Shu Chang-sheng (2009) deu sua opinião, afirmando que “os chineses geralmente bebiam chá verde e simplesmente não conheciam os gostos euro-brasileiros (que preferiam tomar o chá preto adoçado com açúcar) “ (SHENG, 2009, p. 7).

Segundo Teixeira (1995), outro fator é que

O clima do Rio de Janeiro simplesmente não se prestava à cultura do chá, e a plantação do chá da China é cultivada na vizinhança de montanhas elevadas, onde a neblina e mesmo a neve contribuíam em muito para a obtenção de melhores sabores e aromas... E, mais tarde, mudou a plantação do chá para São Paulo e Minas Gerais, deu um melhor resultado que o anterior. (TEIXEIRA, 1995, p. 220)

Rohmer (2002) relata que o gosto do consumidor da Europa é chá preto, o é demonstração de bom gosto e refinamento. Mas a família imperial da Ásia e as altas castas sociais preferiam o chá verde, facilmente perecível, mais adstringente, mais rico em clorofila e com menor teor de fibra.

O processo de produção do chá preto deve passar por varias circunstâncias e precisa de maior conservação para fácil transporte e distribuição ao mercado (ROHMER, 2002). A principal diferença é que o chá verde não se deixa fermentar durante o processo. Por isso a experiência do trabalho de segurar no ponto certo e não deixar passar ou não faltar no ponto é muito importante, ou seja, a parte técnica também influencia na produção do chá, além da condição do clima e da geografia.

Depois do fracasso da plantação do chá em Rio de Janeiro, o Coronel Anastácio de Freitas Trancoso introduziu a cultura na própria propriedade, o local onde hoje se situa o Bairro do Anastácio. Também em São Paulo, José Arouche de Toledo Rendon (1756- 1834), era um [militar](#), [advogado](#), [professor](#) e [político brasileiro](#) que introduziu a cultura em suas terras, que se localizavam onde hoje se encontra o Largo do Arouche. A plantação do chá chegaria a cerca de 44 mil pés. (TEIXEIRA, 1995).

Pela informação de Daniel P. Kidder (1815- 1891), o cultivo deve ter sido iniciado

por volta de 1829. Naquele momento, a qualidade do chá ainda não alcançava o nível da produção da China, e o preço do chá nacional era mais caro do que o chá importado da China, mas os agricultores tinham esperanças de eliminar o custo da produção e melhorar a qualidade do chá para conquistar o mercado interno e externo.

Segundo Rohmer (2002), o cultivo do chá no Brasil ia muito bem. Vinte e dois anos depois da introdução do chá no Brasil, eram colhidas 2,5 toneladas de folhas nesses dois estados (São Paulo e Minas Gerais). Também segundo a informação na exposição de Viena de 1873, a qualidade do chá brasileiro na época, estava em terceiro lugar no mundo.

Em 1834, devido ao fracasso da plantação do chá, o Rio de Janeiro abandonou seu cultivo. A qualidade era boa, mas não era exportado para exterior, por isso não alcançou o objetivo de Dom Pedro de obter lucro com a plantação do chá (ROHMER, 2002). O rumo agrícola do Brasil foi mudado da plantação do chá para o café, o que foi definido por Dom Pedro I e Pedro II, pois o café tinha preferível produção e preço (TEIXEIRA, 1995).

Os imigrantes chineses, depois de chegarem à nova terra, foram assustados pelo diretor do Jardim Botânico, que tratava os trabalhadores de forma severa e, por isso, eles não aceitaram de forma passiva as condições de servidão dentro da fazenda imperial. Mais tarde alguns deles fugiram.

Segundo a observação de Carl Friedrich Philipp Von Martius (1794 – 1868, foi um médico, botânico, antropólogo e pesquisador alemão.), depois de ter visitado a Fazenda de Santa Cruz,

A maioria tinha ido para a cidade, a fim de andar pelas ruas como vendedores ambulantes, oferecendo pequenas bugigangas chinesas, especialmente tecidos de algodão e foguetes” e “os chineses permaneciam em Santa Cruz e dedicavam-se não à lavoura do chá, mas sim a

pequenas plantações de café. (TEIXEIRA,1995, p. 213)

Por volta de 1835, os imigrantes chineses começaram a se espalhar pela cidade, vivendo com um pequeno negócio de venda nos pequenos portos de café localizados ao fundo da Baía da Ribeira, vindos do Rio de Janeiro.

Logo depois, os recém-chegados trocaram a lavoura por trabalhos mais lucrativos, como por exemplo: trabalhando como mascates, aguadeiros, vendedores de pasteis, donos de lavanderia, fogueteiros etc., pois esses trabalhos além de serem fáceis, também exigiam pouco capital e permitiam que se trabalhasse sozinho. Tais trabalhos facilitavam a vida das pessoas que não têm muito dinheiro e que não dominam a língua portuguesa.

Mas, mesmo vivendo no Brasil, como por exemplo, os que viviam no Bananal, os chineses não abandonaram os seus costumes chineses; eles ainda mantinham os hábitos alimentares típicos chineses e as roupas. Segundo Teixeira (1995), ainda é possível ver traços orientais em Bananal, e também os seus descendentes de quarta ou quinta geração. Os chineses ainda continuam mantendo seus costumes nacionais e comemorando as festas tradicionais da China.

3.2 A História do professor Dr. Yang Tseng-Min

3.2.1 A saída de casa

Yang Tseng-Men nasceu em 1928, na província de San Dong. Motivado pela Segunda Guerra Mundial, Yang saiu de casa e entrou uma escola militar. Em 1948 chegou Taiwan, formou-se na escola militar de Konjun Dienzi (*Air force Institute of Technology*).

Com a ocorrência da guerra civil chinesa, liderada por Mao Tse Tung e a criação da República Popular da China, o outro líder chinês Guo Ming Dang fugiu para Taiwan, criando a República da China. Neste período, Yang trabalhava em Taiwan e a separação política dos dois países também separou o contato e as relações entre Yang e a família. Em 1950, por interesse e desejo em continuar seus estudos, Yang ganhou uma bolsa da Faculdade de *Keesler Air Force Base*, no Mississippi, Estado Unidos. No ano de 1954, depois de concluir seus estudos ele retornou para Taiwan, ainda buscando melhorar a sua própria qualidade de trabalho e, em 1960, iniciou seus estudos em Matemática, na Universidade Tamkang.

Tomado pelo afastamento de mais de 20 anos do convívio com a família, reflexo do sistema político implantado na China/Taiwan, buscou o caminho da imigração, abandonando seu país. No ano de 1964, as notícias sobre o Brasil, país do outro lado da terra que estava aceitando os imigrantes que chegavam para trabalhar, colocam-no, com a família e o amigo Lu, na rota de mudança para o Brasil, já em 1965.

3.2.2 O caminho da imigração

Para a imigração, a passagem da navegação a vapor era a condição mais barata. Naquele momento, Yang só tinha 1.900 dólares na mão. Gastou U\$1.600 para comprar as passagens da família, dois adultos e quatro crianças, sobraram 300 dólares. Como sobrou pouco dinheiro e a primeira providência era buscar alguma alternativa financeira, Yang usou 200 dólares para comprar material de artesanato para fazer bolsas, objetivando vendê-las para ajudar nos gastos da família quando chegassem ao Brasil. Assim, sobraram apenas 100

dólares quando partiram de Taiwan. A viagem durou 62 dias e as famílias chegaram inicialmente ao Porto de Santos (São Paulo).

3.2.3 As dificuldades

Os imigrantes chegaram numa terra nova e, no início, o domínio da língua portuguesa e a oportunidade do trabalho eram as principais dificuldades. Quando Yang chegou ao Brasil, não tinha condições para alugar uma casa apenas para a sua família, pois só tinha 37 dólares consigo e não havia nenhum fiador. Não tinha casa para morar e não havia trabalho para sustentar a família.

Porém, o problema de moradia foi resolvido quando encontrou um senhor, Xiu, que propôs ser seu fiador, e reunindo-se com outras quatro famílias, que estavam na mesma situação, alugaram uma casa: cinco famílias morando numa casa, totalizando trinta e poucas pessoas. Passados alguns dias, Yang e o amigo Lu arranjaram trabalho numa fábrica eletrônica e usaram o inglês para se comunicar com os colegas.

3.2.4 Aventuras

Convivendo com as adversidades que a situação lhe impunha e desejoso de rever sua família na China, Yang mudou de trabalho e começou a vender toalhas bordadas nas ruas. Carregava uma mochila ou bolsão cheio de mercadorias e transitava entre as ruas e bairros residenciais, fazendo o tibao, tipo de comércio pequeno, sinônimo de sacoleiro ambulante. Contudo, o caminho do comércio não era tão fácil como ele pensava. Não falava a língua portuguesa e não sabia as leis do Brasil, o que lhe trouxe muitas dificuldades e problemas. Certa vez, um fiscal tomou todas as mercadorias e mandou ele e sua família saírem da cidade em 24 horas. Aprendendo a lição e com a ajuda de uma amiga brasileira, Creia, solicitou o alvará de vendas, conseguindo recuperar toda mercadoria e continuar a vida comercial.

3.2.5 De comerciante a professor universitário

Na incessante busca por uma condição de vida melhor, no ano de 1968, Yang entra no mestrado de Bioeletricidade da Universidade da Paraíba, se formando em 1970, vindo, na sequência, a trabalhar naquela universidade. Tal condição permitiu realizar o sonho de visitar sua mãe, fato ocorrido em 1971. No ano de 1979, Yang buscou a mãe e a família do irmão mais novo para morarem juntos no Brasil.

Em decorrência de suas atividades universitárias foi, em 1993, premiado na China como um dos imigrantes chineses mais famosos do mundo. Também foi premiado pelo *The American Biographical Institute*, em 1998. Recebeu vários outros prêmios em Taiwan, entre os anos de 1997 a 2003.

Doutor Yang insistiu em realizar os sonhos que tinha, sem medo, apesar das dificuldades. Para os chineses, o Doutor Yang é um exemplo de sucesso. Para os imigrantes chineses no Brasil, esta história é um grande exemplo de coragem para continuar a vida de imigrante.

3.3. A Questão chinesa

A necessidade de mão-de-obra e a experiência da introdução do plantador de chá no Brasil estimularam o governo brasileiro a implantar o plano de entrada do trabalhador chinês. Com a hipótese do Conde Linhares (era um [título de nobreza Português](#) criado por um decreto de D. [João III de Portugal](#)), Rodrigo de Sousa Coutinho (1745–1812), de trazer dois milhões de chineses ao Brasil, a sociedade brasileira se assustou. Outro motivo para a vinda de tantos chineses para o Brasil foi o crescimento da mão-de-obra “coolie” dos impérios da Europa e das Américas do Sul e do Norte, o que levantou a discussão da questão chinesa. O questionamento feito pelo povo brasileiro era se “os trabalhadores chineses viriam para enriquecer a economia do Brasil ou para prejudicar a cultura brasileira, transformando-a de ‘européia’ em ‘asiática’” (LASSER, 2001, p. 38).

Coolie , o trabalhador contratado chinês no Brasil em início de Século XIX, também escrito pelos cooly, kuli, quli, koelie que é um marco usado historicamente para indicar trabalhadores braçais oriundos da [Ásia](#), especialmente da [China](#) e da [Índia](#), durante o [século XIX](#) e início do [século XX](#). Segundo a explicação de Teixeira (1995, p.23), “culi parece-nos na grafia melhor do que a forma correta, cule: o vocábulo, que para alguns é de origem indiana, pode ser derivado do chinês ku, dor, sofrimento, mais li, força. Culi significaria, por conseguinte força ou trabalho do sofrimento”. Também segundo o relato de Li (1990), os trabalhadores chineses foram contratados pelos países ocidentais, e tratava-os como animal, desde da partida da china até o país destinado. Tal contrato indica o prazo de oito anos, mas era como comprar um semi-escravo. Por isso, os chineses chamam o de contratado de trabalhador chinês por porcos, tal ação como vende porco para país extra. (LI CHANG FU, 1990, p.256)

A discussão dividiu a sociedade em dois grupos opostos: um grupo a favor de chegada de chineses com o objetivo de crescimento da produção econômica, outro grupo contra, pois temiam que a população sociedade se transformasse em uma sociedade asiática.

No lugar do Antinacionalismo, racistas ardorosos achavam que os chineses eram uma raça biologicamente degenerada. Os abolicionistas acreditavam que os chineses viriam a constituir uma classe de neo-escravos; também achavam que os chineses contratados representariam um passo adiante em direção a um regime pleno de trabalho assalariado. Alguns proprietários de terras preferiam que o africano trabalhasse na lavoura. Outros queriam um grupo mais barato e mais dócil, e acreditavam que os chineses tinham talento agrícola e que poderiam contribuir para tornar o Brasil mais competitivo no mercado mundial. Concluindo as discussões, finalmente, todos acharam que “os chineses que entrariam eram pouco mais que uma mercadoria”. Ou seja, eles concordavam com a entrada de chineses, mas não queriam muitas pessoas (LASSER, 2001, p. 40).

3.3.1 O debate de 1855

Em 1854, o governo imperial determinou uma delegação em Londres que concordou o plano de enviar 6 mil chineses ao Brasil, contratando a firma Sampson & Tappan, de Boston, para transportá-los. O governo formulou o contrato afirmando que os chineses mereciam exames relativos à saúde, por causa da mão-de-obra, e etnicidade. Para evitar a miscigenação, os chineses deveriam ser casados, tendo direito de trazer as noivas, mulher e filhos menores de doze anos. No ano seguinte, a firma trouxe poucos chineses ao Brasil, mas

o anúncio do contrato da firma Sampson & Tappan reacendeu o debate.

Em 1855, um memorando dirigido ao governo imperial, sobre:

A imigração Chinesa e o Que se Sabe sobre seus Resultados em Vários Países”, descartava os temores, insistindo que o chinês não é como o negro que só trabalha por algum tempo para ganhar com que se sustente, assegurando nos aos políticos que ele não se estabelece... e não coloniza. Um outro relatório manifestava sentimento contrário, afirmando que os chineses não vinham aumentar a soma de nossos conhecimentos agrícolas, nem melhorar a nossa moralidade e civilização! (LASSER , 2001, p.42- 43)

Segundo relato de Lasser (2001): Adadus Calpe (um historiador do século XIX) concordou com as noções negativas sobre os chineses, concluindo que: “a configuração orgânica do chinês é retrógrada por natureza (...), o chinês não é forte como negro e nem tão paciente e constante como europeu”.

De todas as pessoas contrárias, a maior influência do ataque à imigração chinesa veio de Luiz Peixoto de Lacerda Werneck (1824 - 1886), um advogado, fazendeiro, político, empresário, escritor e diplomata brasileiro, que aceitou que os escravos poderiam ser substituídos por mão-de-obra, mas que preferia os alemães aos chineses. Para ele, os chineses eram “homens-animais”,

Cujo caráter é apresentado por todos os viajantes com cores desfavoráveis e terríveis... o mais torpe egoísmo, o orgulho, e uma insensibilidade bárbara alimentada pela prática do abandono ou trucidamento dos filhos, que assim parecem aos milhares, são vícios gerais na China. (LASSER , 2001, p.44)

Ele destacou ainda que “os chineses vão degenerar a população do Brasil”. Em seu

ponto de vista, “os alemães eram moralizados, pacíficos e trabalhadores”. (LASSER , 2001, p. 44)

Neste debate, as ideias de Werneck tiveram ampla divulgação e influência. Até um fazendeiro de Maranhão citou as ideias de Werneck e deu uma sugestão de estabelecimento das raças do Brasil, selecionando as melhores e as mais inteligentes, industriosas e progressivas

Em 1858, o diretor da Repartição Geral das Terras Públicas exclamou que

A experiência (os EUA proibiram seus cidadãos de transportar trabalhadores chineses para qualquer país) com os trabalhadores chins deu péssimo resultado (...) nos achamos livres de nova importação de semelhante gente, que decerto ninguém mais receberá. (LASSER, 2001, p. 45)

O abolicionista Agostinho Marques Perdigão Malheiro defendeu que, como o Brasil já tinha muitos índios, não havia a necessidade da importação de chineses para substituir os escravos (LASSER, 2001, p. 45).

Aureliano Cândio Tavares Bastos (1839-1875) era líder do abolicionismo, anti-escravagista, pró-imigracionista, que se levantou em resposta às opiniões contrárias à vinda dos chineses para o Brasil.

Ele achava que os chineses estimulariam o crescimento econômico dos Estados Unidos e do Caribe Britânico, e insistia que os chineses, devido a sua “sobriedade, perseverança e aptidão para o comércio”, eram um passo intermediário entre a mão-de-obra africana, pouco inteligente e depravada, e os imigrantes europeus, espertos demais para virem para o interior do Brasil. Assim, para Tavares, a entrada de chineses era uma nova forma de

tráfico de escravos (LASSER, 2001).

Quintino Bocayuva começou a agitar a favor da imigração chinesa. Ele escreveu um panfleto, cujo tema era: A crise da lavoura, em 1868. Sua posição era favorável à importação de ‘coolie’ chinesa ou indiana, uma vez que esperar e só contar com a colonização europeia lhe parecia um erro. Segundo seu relato, os chineses seriam ‘refratários a toda de assimilação’ e teriam aptidão para os trabalhos agrícolas. Ele também declarou que “os aspectos negativos da cultura chinesa eram positivos para o Brasil”. A maior intenção dele era “os trabalhadores chineses trouxessem o crescimento econômico, e o que era ainda melhor, deixassem o Brasil após completar suas tarefas” (LASSER, 2001, p. 46 – 48).

O medo da competição econômica e da mistura étnica tornou impossível a aprovação fácil do envio de uma missão de tratado à China.

3.3.2 O debate de 1875

Até 1870, para aliviar a crise brasileira de mão-de-obra, o governo implantou um decreto sobre o plano de importação de mão-de-obra por um período de dez anos (LASSER, 2001).

Logo depois, em 1875, aconteceu o debate sobre o assunto da imigração chinesa na Assembléia da Província da Cruz Júnior, Rio de Janeiro e as ideias de Werneck reapareceram na hora. O estudante de Medicina José de Souza Pereira da Cruz Júnior afirmava que a “febre

de colonização havia levado a um Brasil repleto de chineses cobertos de andrajos, e quebrados por efeito de enfermidades, esmolando pelas nossas ruas” (LASSER, 2001, p. 45).

As discussões sobre o “Respeito ao futuro do Brasil como parceiro igualitário entre as nações mais poderosas do mundo” era o assunto mais importante e que trazia maior preocupação na época.

Os membros I.C. Galvão, Miguel Calmon Menezes de Macedo e Thomas Deschamps de Montmorency, da Seção de Colonização, publicaram um texto sobre a questão: “conviria ao Brasil a importação de colonos Chins?”.

Para eles, os chineses “eram climaticamente adaptáveis, dóceis, sóbrios e dispostos a trabalhar por baixos salários. Os chineses não eram imigrantes nem humanos. E tinham vantagem de fáceis de controle.” (LASSER, 2001, p. 47)

Os chineses, para Galvão, “eram os imigrantes perfeitos: eles trabalhavam silenciosamente e ao fim de seus contratos, iriam embora do Brasil”. Ele também citou as experiências das colônias da Europa e da América do Norte e do Sul, dizendo que “se os chineses não são convenientes, todos os plantadores de todas as colônias estão errados e estão rapidamente desperdiçando seu dinheiro.” Ainda afirmou que a cultura não era genética e que os chineses certamente seriam um povo melhor (LASSER, 2001, p. 47- 48).

Para Bocayuva, “os chineses não tinham ambições de virem a se tornar proprietários de terras, mas sim a aspiração de apenas retornar à sua pátria” (LASSER, 2001, p. 48).

Menezes de Macedo afirmava que se não houvesse os chineses, a economia brasileira acabaria. Para ele, “o negro estúpido e impotente resiste ou morre: o colono reage ou abandona o patrão em busca de melhor sorte (...) a importação dos chins é de urgente

necessidade” (LASSER, 2001, p. 49).

José Ricardo Moniz ironizou seus colegas por estes sugerirem que “os coolies não fariam parte da questão de população – a questão de Estado”. Ele insistia que o chim era o açoriano, e que os alemães e os povos do Leste Asiático tinham em comum um gene ariano. Ele perguntou a seus opositores: “não quereis a raça mongólica porque a cor amarela a vós não agrada” e insistia em dizer que “selecionar trabalhador era tão simples como ir às cidades nas montanhas, onde todos são fortes e robustos, e não a Cantão, que era um povoado com as fezes das outras províncias” (LASSER, 2001, p. 49).

Pedro Dias Gordilho Paes Leme dirigiu aos políticos e fazendeiros uma carta aberta intitulada “A nossa lavoura”. Ele acreditava que seria um erro grave introduzir e estabelecer no país uma raça inferior, mas suas viagens a Califórnia, a Cuba, a Martinica e a Guadalupe convenceram-no da utilidade da mão-de-obra chinesa. Em seu discurso, na abertura do Congresso Agrícola, afirmou que os imigrantes europeus estavam mais interessados em se tornar proprietários de terras do que serem trabalhadores assalariados, e que o sucesso das colônias inglesas, francesas e espanholas tinha como base a mão-de-obra chinesa. (Lasser, 2001)

Sinimbu conseguiu convencer os fazendeiros a aprovar uma resolução fraca, que incentivava a aquisição de trabalhadores de outros povos de raça ou civilização inferior à nossa, incluindo africanos livres e coolies bem escolhidos e não aqueles que vivem sobre as águas ou como que em formigueiros nas grandes cidades da China.

Em 1879, Arthur Silveira da Motta comandava uma missão naval incumbida de estabelecer relações diplomáticas com a China. A Câmara confirmou que a imigração amarela viria a criar uma nova classe de escravos.

Um grupo de fazendeiros de São Paulo decidiu contornar o governo Qing, enviando o Dr. José Custódio Alves de Lima, com propósito de contratar 3 mil trabalhadores chineses residentes nos EUA. Mas a ação não foi realizada.

Em 1882, a Companhia de Comércio e Imigração Chinesa (CCIC) foi fundada, com apoio ativo do governo e visando trazer para o Brasil 21 mil trabalhadores.

O primeiro grupo de mil chineses foi enviado pela CCIC a Minas Gerais para trabalhar na Companhia Mineradora de São João d'El-Rey, de propriedade britânica, dona da maior mina da América do Sul, a Morro Velho.

Esse grupo confirmou os piores temores do governo chinês: mais da metade deles recusou-se a pôr os pés na mina, e os que aceitaram, fugiram pouco tempo depois (LASSER, 2001).

Nicolão Moreira, da Seção de Agricultura, achou que os chineses nada estavam fazendo para ajudar o Brasil e a se aperfeiçoar. Joaquim Antonio d'Azevedo concordava que o Brasil precisava de imigrantes que estabelecessem colônias e se fixassem no Brasil em caráter permanente (LASSER, 2001).

Em 1875, João Lins Vieira Cansação de Sinimbu convenceu o ministro da Agricultura, Coelho de Almeida, a solicitar a Nicolão Joaquim Moreira que examinasse o papel da imigração nos EUA, realizada em 1876. Porém, Moreira escreveu um relatório detalhado com sua posição anti-chinesa. Ele afirmou que o Brasil precisava de uma população sedentária e moral, e que a importação dos chins ou de coolies em condições idênticas, senão inferiores, à dos escravos africanos, empobreceria de nossa educação civil e política (Lasser, 2001).

3.3.3 Outro ataque de Domingos José Norgueira Jaquaribe Filho

Jaquaribe(1820-1890) foi um [juiz desembargador](#) e [político brasileiro](#). As reflexões sobre a colonização no Brasil 1878 era um ataque à imigração chinesa e a seus defensores na Sociedade auxiliadora. Ele também afirmava que os chineses seriam perigosos caso ficassem e antipatrióticos, caso se fossem, posição essa repetida nas décadas de 1920-1930 com relação aos imigrantes japoneses e em tempos mais recentes, com referência aos coreanos.

Em 1873, o governo chinês proibiu toda a imigração, exceto a comprovadamente voluntária, e os britânicos também proibiram a saída de trabalhadores de Hong Kong, exceto para as colônias britânicas. A ruptura das relações diplomáticas entre a China e Portugal levou à proibição da emigração a partir de Macau. Mas, em 1874, ainda havia a entrada dos chineses contrabandeados por via marítima para o Brasil. E, mais tarde, a marinha Japonesa descobriu que um navio brasileiro estava transportando 2 mil chineses sem contrato de trabalho. Em outras tentativas, como no trajeto Califórnia e França, a importação dos trabalhadores chineses também fracassou.

Em 1877, a pressão de necessidade de mão-de-obra foi aumentando pelas empresas e fazendeiros. Após as proibições britânicas e chinesas, tais ações estimularam os fazendeiros a obrigar o governo brasileiro a contratar o trabalho oficial com os imigrantes. Os funcionários do governo foram incumbidos de encontrar e selecionar imigrantes. Assim, as agências de

imigração tinham a tarefa de construir sociedades ideais, cheias de trabalhadores laboriosos, contentes e culturalmente adaptados.

3.3.4 A diplomacia entre a China e o Brasil

Em 1880, o Brasil assinou um tratado amplo de “amizade, comércio e navegação” com a China, pois o diplomata brasileiro Eduardo Callado estava ansioso por enviar trabalhadores chineses ao Brasil. Mas, o governo Qing não concordou com a contratação de mão-de-obra, percebendo que os proprietários de terras viam o asiático e o negro africano como máquinas ou como elementos baratos para o trabalho, e não como colonos. Ou seja, seria uma classe inferior na sociedade brasileira.

Mais tarde, em 1883, após Tong Kingsing visitar o Brasil, os fazendeiros ainda estavam com ideia de colocar o chinês em lugar inferior, como a escravidão brasileira.

Depois das reuniões do imperador Dom Pedro com Tong, o imperador disse que os custos de viagem e de alojamento seriam subvencionados pelos fazendeiros, não pelo governo, e que deveria ser criado um sistema de contratos.

Tong não concordou e disse a Dom Pedro que aquele esquema não deveria ser levado adiante, sendo que ele não tinha interesse em trazer chineses para o Brasil, exceto como imigrantes livres.

O Senador na época de debate, Alfredo d’Escagnolle de Taunay, liderava a facção

oposicionista e publicou alguns artigos com a acusação de que os chineses seriam uma raça terrível e incapaz de colaborar. Com isso, o discurso de Taunay se transformou uma política social oficial do Brasil.

O primeiro artigo, publicado em 1890, foi exposto sob a forma de proibição do ingresso de asiáticos e africanos sem a aprovação do Congresso. No segundo, políticas, vieram aos poucos, a abrir espaços, por menos intencionais que fossem, para outros grupos não-europeus, os árabes e os japoneses. Foi-se aspirando a ideia de que “os imigrantes não precisavam falar português ou seguir as normas religiosas brasileiras para serem úteis ao desenvolvimento”. Mas, na verdade, na mente dele, a entrada permitida seria dos alemães, não dos chineses. Esses princípios foram rapidamente incorporados à cultura da política brasileira.

Até anos 1889, o Brasil realizou a abolição de escravos, mas neste momento não discutiu sobre o assunto da mão-de-obra chinesa. Mais tarde, em 1893, o Secretário da Agricultura de Minas Gerais, David Moretzsohn Campista, fez uma pesquisa de opinião entre os políticos e proprietários sobre a ideia da mão-de-obra, a qual mostrou que os trabalhadores chineses eram os mais desejáveis, e pediram pela introdução do trabalhador asiático, cujo braço é reputado indispensável e urgente.

O chefe da diretoria do Serviço Brasileiro de Colonização, Joaquim da Silva Rocha, citou as ideias de Werneck em sua História da colonização do Brasil, obra em três volumes publicada em 1919. Após o comentário de Rocha, as discussões da questão chinesa terminaram no século XX. As discussões traziam a questão de como a entrada de um novo grupo étnico viria a afetar a identidade nacional brasileira. Também mostraram os pensamentos fundamentais dos brasileiros: entre a maioria, existem ideias raciais e essa maioria prefere as entradas de imigrantes europeus para não transformar a sociedade brasileira

em asiática. Então, desde o século XIX até hoje, os chineses são um pequeno grupo de imigrantes.

3.4 Os Livros e Revistas que influenciam o debate sobre a Questão chinesa no Brasil

A revista mensal Mephistópheles, do Rio de Janeiro, atacou a colonização chinesa em uma caricatura editorial de página inteira. Tal cômico não obscurecia seu forte racismo.

Joaquim Nabuco (1849-1910, foi um [brasileiro político](#), [diplomata](#), [historiador](#), [jurista](#), [jornalista](#) e um dos fundadores da [Academia Brasileira de Letras](#).) escreveu na Revista Ilustrada: “a Bíblia da abolição dos que não sabem ler”, disse que Sinimbu como um apologista, queixou-se: como se os pretos já não fossem o bastante, teremos os amarelos!

Neste período, uma empresa encontrava-se profundamente na questão chinesa, o Jornal Cidade do Rio, cujo diretor era José do Patrocínio (abolicionista). Tal publicação da empresa não ajudou as decisões dos fazendeiros de fora do Estado de São Paulo. Os fazendeiros preferiam usar os chineses como a mão-de-obra.

Outra comissão criada em Minas Gerais promoveu a imigração asiática e publicou suas conclusões em O Pharol, um jornal de Juiz de Fora. Eles atacaram o medo sinóforo da “mongolização” dos opostos.

Em 1888, no período de debate, tanto na capital quanto nas províncias, eram repetidas praticamente literalmente as acusações e contra-acusações que, desde meados do

século, pairavam sobre o Brasil.

Em 1892, a Imprensa Nacional oficial traduziu “Meu paiz: A China Contemporânea”, do general Tcheng Ki-tong, uma visão extasiante da vida e da sociedade chinesa. Logo, o Senado aprovou a concessão de verbas para missões diplomáticas na China e no Japão, bem como uma lei permitindo a imigração chinesa e japonesa.

Lasser (2001) relatou que os autores dos dois livros que mais influenciaram na época foram Alfred Legoy e Leonard Wray. Legoy não negou a entrada da mão-de-obra chinesa, mas concordou com a vinda de um pequeno número de chineses. Disse que “teria um efeito cultural positivo”.

Leonard Wray escreveu *The Practial Sugar Planter* porque trabalhou dezesseis anos administrando plantações de açúcar na Jamaica, na Índia e os chineses inteligentes, industriais e empreendedores são: a melhor classe de emigrantes sob o céu. Tal informação atraiu os fazendeiros e amenizou as informações de que o chinês tinha falta de educação e de informação. Então, aprovaram um plano de importação (LASSER, 2001).

No final de 1870, surgiu a vinculação mais explícita entre identidade nacional brasileira e etnicidade imigrante num discurso proferido por José Ricardo Moniz ante a sociedade Auxiliadora. Ele ironizou seus colegas sobre tal assunto, de que os “coolies” não fariam parte da “questão de população - a questão de Estado” (LASSER, 2001, p. 48-49).

3. 5 A chegada do Trabalhador Livre – Culi

O Brasil começou a utilizar um grande número dos trabalhadores chineses para substituir a mão-de-obra dos escravos com dupla vantagem: primeiro seria para manter as condições de relacionamento comercial com os ingleses, e suas exigências e, segundo, que se os “chins livres” fossem tratados um pouco melhor que os negros escravos, dificilmente iriam reclamar, dada a grande distância entre os países e entre as línguas, somado a isso o fato de que na época a China não tinha vínculo diplomático com o Brasil.

Por volta de 1850, o Brasil começa a sugerir outras opções de mão-de-obra como consequência do declínio no uso do negro como mão de obra. Com essa nova prática associada à introdução da cultura do chá, a ideia de facilitar a imigração (também) de trabalhadores chineses ganha força. Nesta época, esse trabalhador contratado se chamava Culi (coolie).

Após a Guerra do Ópio, entre Inglaterra e China, em 1840, mostrou-se o fracasso da força militar do governo Chinês, sendo assim, a imigração de trabalhadores chineses passou a ser uma tendência dos países latino-americanos. Cuba começou, já em 1850, a contratar os serviços da firma inglesa Tait & Co., dando início, em Amoy, ao engajamento de culis para o trabalho. Devido à grande necessidade de mão-de-obra nas novas terras e o grande lucro resultante desta “importação” de trabalhadores chineses, aliciadores ligados a Tait & Co. desprezavam a proibição de venda sob a forma de escravos dos trabalhadores da China e, para isso, assaltavam ou mentiam para os pobres e pequenos agricultores, reunindo-os e guardando-os em barracões em Amoy a espera das condições de transporte para as Américas. Durante os dias de espera pela saída dos navios, os chineses eram frequentemente torturados e ameaçados para assinarem um contrato de trabalho por um prazo de oito anos.

Entre os anos de 1847 e 1853, quarenta navios tinham saindo de Amoy, com um total de 11 mil pessoas trazidas para as Américas nas mais diversas condições. Nos anos de

1852 a 1858, o porto de Santos transportou, para as mais diversas localidades no Brasil, 40 mil chineses, dos quais 8.000 morreram antes de partir, sendo que seus cadáveres foram simplesmente jogados na praia.

Os culis foram transportados para os países latino-americanos entre os anos de 1847 a 1874, totalizando 500 mil chineses, e a maioria foi para a Cuba e para o Peru. Devido ao trabalho pesado e a má alimentação, ou seja, os maus tratos de seus “donos”, a vida média de um culi em Cuba não ultrapassava cinco anos; a taxa média de mortalidade era de 75%. De quatro mil chineses que chegaram à Chinha, no Peru, em 1860, quase todos morreram por terem sido torturados no trabalho.

Com o grande lucro na “importação” de trabalhadores chineses, as empresas que realizavam este tipo de trabalho usavam navios velhos, colocando números cada vez maiores de pessoas. Tais fatos sempre causavam conflitos entre os chineses e os trabalhadores do navio, levando a muitas mortes durante as viagens. A título de exemplo, a média da taxa de mortalidade das viagens para o Peru era de 31%.

Em 1860, o navio da França “Augustina” transportou 350 chineses de Macau, mas só chegaram 11 pessoas ao Peru; depois da chegada, morreram outros seis chineses, ou seja, a viagem só conseguiu levar cinco chineses ao destino. O fato de serem mal tratados durante a viagem causava, além de conflitos, suicídio ou doenças. Sobre isto, o historiador Hosea Ballou Morse (1855-1934) disse que a viagem dos navios que carregavam os culi era como um inferno voador (*floating hells*, em inglês) (Hosea, 1917, p. 170)

A “importação” de trabalhadores chineses de um lado foi motivada pelo lucro, de outro lado para resolver o problema da falta de mão-de-obra nas colônias. Neste processo, muitos trabalhadores chineses foram assaltados ou ameaçados pelas firmas, enquanto apenas

alguns foram contratados de forma correta e pela própria vontade para trabalhar fora da terra natal.

3.5.1 Relato de história de um culi

Sobre a história dos culi, um exemplo (citado por Li Chang Fu, 1990 p.259- 260), ocorrido em 1871, merece destaque. Segundo este relato, em 1871, o navio Don Juan, que havia partido de Macau, pegou fogo na região de Hong Kong. Os marinheiros fugiram para salvar suas vidas, deixando os pobres chineses que estavam sendo transportados morrerem queimados ou afogados. Segundo registro da polícia de Hong Kong, o navio carregava 650 pessoas, salvando-se apenas 50 pessoas.

Entre tantos relatos do que ocorria nestes processos de imigração, destacam-se as palavras de uma testemunha: Chen. Chen nasceu em Sa Chen (vila) da cidade Sun-on, um dia de caminhada longe de Hong Kong. Chen trabalhava com o pai na agricultura e, no final dos anos 1870, foi trabalhar no barco citado e aproveitava o tempo para comprar ópio em Hong Kong, que era fornecido para um vizinho a pedido do pai. No dia 19 de dezembro, foi a uma casa de jogo onde, querendo jogar, mas sem dinheiro, jogou com o dinheiro do tal vizinho, perdendo os 10 Yuan que seriam utilizados para a compra do ópio.

Ao retornar para casa no dia seguinte, sem saber como resolver a questão da perda do dinheiro que não era seu, falou sobre o acontecido com Chan-A-Chan (um parente do tal vizinho) que era marinheiro, tendo inclusive o pescoço machucado devido a enfrentamentos com piratas do mar, e que estava desempregado naquele momento. Chan-A-Chan sugeriu que eles fossem para Macau, dizendo que iria ajudá-lo a ganhar os 10 Yuan necessários. Como era

de costume, os dois foram no templo local e se comprometeram com palavras de honestidade que não haveria mentiras. Isso feito, partiram para Macau no dia 22 de abril de 1971, onde ficaram quatro dias numa casa sem fazer nada até que Chan-A-Chan disse que havia um jeito de ganhar 30 Yuan, substituindo alguns deficientes físicos e, assim, fingindo ser culi temporariamente até o dia da saída do navio, enganando a fiscalização e permitindo que, quando da saída dos navios, aqueles que teriam sido retirados pelos fiscais voltassem a tomar seu lugar clandestinamente.

Um senhor chamado Chung-A-Fuk queria ser culi, mas não deu certo, pois era deficiente, e pediu para Chen fingir ser Chung por alguns dias, até a partida do navio. No dia primeiro de maio, Chan-A-Chan levou Chen para um barracão, local coletivo de culi, trocou a roupa por uma velha e relatou a Chen que este não podia falar que não era um culi, também não podia conversar com ninguém, sob pena de ser preso e ficar três anos na cadeia de Hong Kong. No tal barracão, Chen deu a Chan-A-Chan todo o dinheiro e a própria roupa para ele guardar durante os dias de ausência.

No primeiro dia preso no barracão, Chen percebeu que ali havia cento e poucos chineses. No dia primeiro de maio de 1971, à noite, entrou um português acompanhado de um chinês (tradutor). O chinês perguntou em voz alta: “você quer ir para tal lugar (Chen teria esquecido o nome do lugar) e ficar oito anos com o salário de quatro Yuan por mês?” E continuando disse: “Depois de 8 anos, se você quiser voltar para China poderão retornar. E quem trabalhar esforçado poderá ganhar até mais.” Disse ainda: “Se você tem vontade de ir, eu os levo para lá.” Quando questionado, Chen respondeu com os dados que Chan-A-Chan recomendou e que pertenciam ao Sr. Chung. Posteriormente, ao tentar sair do barracão foi impedido pelo guarda da porta.

No dia três de maio, um português chegou e entregou a todos do barracão oito Yuan,

um conjunto de roupa nova, um par de sapatos, um chapéu de bambu e um contrato feito em chinês para português não sendo explicado a ninguém o conteúdo de tal contrato. Uma hora da tarde, todos entraram em um navio, levados por soldados portugueses. Foram divididas em grupos de 50 pessoas. Quando subiam para o navio, Chen esperava a chegada do Sr. Chung, mas isso não ocorreu. Foi quando, aos prantos, percebeu que outros 500 chineses, que também estavam desconsolados, também tinham sido enganados e que não estavam ali por vontade própria em ser culi. Ao tentar falar com os portugueses, ninguém lhe deu atenção e, desta forma, ele se tornou um culi, sendo levado para a América. (LI CHANG FU, 1990 p. 259- 260).

Nesta leva de imigração, no dia nove de fevereiro de 1855, 303 culis desembarcavam no porto de Sapucaia, no Rio de Janeiro, vindos no navio norte-americano “Elisa Annah”. Mais 368 culis chegaram ao Rio de Janeiro transportados pelo navio Saran, também de bandeira norte-americana, partindo do porto de Whampoa no Guanzou em 9 de março de 1856. (TEIXEIRA, 1995, p. 237)

Na galeria Soberana, de propriedade de Manoel de Almeida Cardoso, chegaram 312 culis em 1866. Em 1874, embarcaram 1000 trabalhadores chineses do porto Cantão para o Brasil. Segundo Teixeira(1995), em 25 de Junho de 1855, a firma norte-americana Sampon & Tappan de Boston contratou 2.000 culis, que fossem de preferência casados, sóbrios, não viciados em ópio e tendo entre 12 a 35 anos. A mensalidade variava entre 4 e 5 dólares. Não são citadas mais informações sobre os destinos destes culis. (TEIXEIRA, 1995, p. 238)

A título de compreensão da realidade dos culi, a maioria foi enganada por ignorância e analfabetismo. As firmas de “importação” aproveitavam a pobreza e a ignorância chinesa, principalmente no interior da China. Os donos das fazendas tratavam os trabalhadores chineses pior que escravos, não respeitando os contratos assinados, até castigando-os

fisicamente. Para estes culis, a viagem para o exterior era uma via sem retorno. A tristeza dos pobres culis é igual relatada pelo escritor Rodrigo Otávio (1866-1944) no seu livro “Longe da China”, que fala de uma “triste asiática formosa”:

Olha o céu, olha o oceano e comovida

Pede às ondas do mar,

Pede às estrelas novas do ingrato que Pequim ficará...

3.6 Imigrante chinês no Século XX no Brasil

3.6.1 No Brasil

No Brasil, a maior parte dos imigrantes chineses veio das províncias do litoral no sul da China, de Guangdong (Cantão), de Fujian e de Taiwan (Formosa).

Em 15 de agosto de 1900, 107 imigrantes chineses chegaram ao Brasil; eram os primeiros a chegar a São Paulo no início do século XX. Viajando no navio a vapor Malange, desembarcaram no Rio de Janeiro. O grupo tinha contratos de trabalho com fazendeiros da cidade de Matão. Segundo o relato de Shu (2009), na época do início do século XX, os chineses que ficaram no centro da cidade, tinham maiores possibilidades de sustentar suas famílias. As histórias dos sucessores chineses circulando nos grupos chineses e emigrados em visitas ocasionais ou por intermédio de cartas enviadas a parentes e amigos também se espalharam entre os chineses.

Os jovens das áreas rurais embarcaram com a ajuda das redes de apoio e solidariedade nos navios, atravessaram oceanos e chegaram finalmente à capital do Brasil, pois estavam acontecendo crises sociais e econômicas na China. Os cantoneses mais bem-

sucedidos tornaram-se donos de estabelecimentos, como: restaurantes, lavanderias e mercearias. Os recém-chegados, no início, começavam a trabalhar nos restaurantes, pensões ou pastelarias de parentes e de amigos como empregados. Mais tarde, montavam seus próprios negócios, após juntar dinheiro suficiente.

Outro grupo de imigrante chinês veio da cidade de Qingtian, na província de Zhejiang. Eles começaram a chegar ao Brasil a partir do século XIX. Quando a dinastia Qing foi derrubada, depois de 1911, chegou um maior número deste grupo para o Brasil. Eles dominaram o comércio e estabeleceram pontos de vendas espalhados pelas ruas, localizados geralmente perto do centro comercial ou de algum núcleo de imigrantes. Tal comércio funcionava para vender produtos típicos da China, trazidos pelos fornecedores chineses. Mais tarde, os sacoleiros ambulantes transformaram-se em donos de bazares, após acumularem capitais suficientes.

Em 1919, alguns imigrantes chineses já eram donos de restaurantes, lavanderias e bazares, e o Centro Social Chinês do Brasil foi fundado. Era a primeira associação do imigrante chinês, onde estavam reunidos com membros de amigos e parentes. Tal associação era reconhecida pelo governo republicano de Taiwan e fazia celebrações coletivas nas datas comemorativas no calendário chinês. Também trabalhava como uma rede de solidariedade, ajudando os pobres do local a juntar dinheiro para retornar a China. Mais tarde, em 1921, a associação do Centro Social registrou 296 associados, em que desses, 244 eram cantoneses, 51 chegaram de Qingtian e só uma pessoa da cidade de Xangai.

Em 1949, com a revolução de Mao Tsé-Tung, aconteceu o conflito dos partidos e a guerra civil na China, dividindo-a em duas partes: República Popular da China e República da China, Taiwan. O Brasil transferiu sua representação diplomática da China para Tóquio, no Japão, sede do Comando Supremo das Forças Aliadas (no contexto pós-Segunda Guerra Mundial). Por conta deste conflito, mais chineses fugiram para o Brasil; eram habitantes de

várias províncias costeiras, partindo de Hong Kong, em busca de um lugar em paz para sobreviver. No entanto, os chineses não precisavam solicitar o passaporte para sair do país, eles chegaram ao Brasil com o visto brasileiro solicitados em Hong Kong. Mais tarde, em 1952, o Brasil transferiu a embaixada para Taiwan, recusando o reconhecimento do regime comunista da China continental.

De 1949 a 1974, por não existirem relações diplomáticas entre o Brasil e a China, os imigrantes não podiam obter documentos de viagem diretamente do governo da China, nem do Brasil. Antes de solicitar o visto brasileiro em Hong Kong, os chineses tinham de ir primeiro a Macau para obter o passaporte da República da China – o regime nacionalista em Taiwan, reconhecido pelo governo brasileiro. Era um processo muito complicado e tortuoso. Segundo o trabalho de Chen Tsung Jye (2009), com o título: “Os imigrantes chineses no Brasil e a sua língua”, os imigrantes desta época eram “técnicos e industriais”. Os imigrantes de Shandong e Shanghai optaram por transferir suas fábricas têxteis e seus moinhos para o Brasil.

Nas décadas de 1960 a 1970, os imigrantes chineses vieram ao Brasil em busca de melhores condições de trabalho e sorte. Alguns cantoneses chegaram ao Brasil por causa da Revolução Cultural da China. Em 1974, o Brasil e a República Popular da China restabeleceram relações diplomáticas. Com o medo da insegurança da força política do governo República da China-Taiwan a maioria dos imigrantes chineses partia da República da China, Taiwan. Alguns eram descendentes de chineses que já viviam na Indonésia, e que fugiam do regime do ditador Suharto para a terra do Brasil.

Em 1976, a China continental terminou a Revolução Cultural. Dois anos depois, uma nova história de emigração começou pela reforma e a abertura da China. A partir de 1979, muitos chineses saíram para outro país com o objetivo de aprender novas coisas e reencontrar

com os parentes.

Nesta época, os recém-chegados, seguindo os caminhos dos seus parentes e amigos já estabelecidos, também trabalharam como sacoleiros ambulantes (tibao). Mas, começaram a vender produtos mais amplos, desde toalhas de mesa, tecidos de seda, até jóias de ouro, pérolas e pedras preciosas. Na década de 1960, os recém-chegados acumularam suas economias e tornaram-se proprietários de lojas e restaurantes. Mais tarde, no período de 1970 a 1980, a renda do sustento de vida dos imigrantes chineses vinha das lojas de bazares ou mercearias. Até os anos 1990, as lojas passaram a vender a varejo e a atacado, colocando em suas prateleiras produtos importados da China, Taiwan, Hong Kong e Japão.

O desenvolvimento econômico atingiu um ritmo cada vez mais rápido na China continental. No entanto, por influência da globalização que estava estimulando os movimentos econômicos dos imigrantes chineses no Brasil, muitos queriam sair de lá.

No final do século XX, a maior parte dos chineses no Brasil buscava desenvolver pesquisas nas universidades brasileiras ou trabalhar na área acadêmica.

Atualmente, os chineses não têm um bairro específico, não há um *Chinatown* paulistano (colônia chinesa). Em geral, acompanharam a distribuição espacial dos japoneses. Ocupam bairros como Liberdade, Vila Mariana, Cambuci, Aclimação e a própria Vila Olímpia.

3.6.2 No Paraná

3.6.2.1 Curitiba

Segundo a Associação Cultural Chinesa do Paraná, cerca de 10 mil imigrantes chineses habitam o Paraná, sendo que três mil deles vivem em Curitiba.

A capital do Paraná, Curitiba, é a terceira cidade que mais reúne imigrantes chineses do Brasil. A imigração em Curitiba teve início no século XX, nos anos 1920, com um pequeno número de pessoas que vieram diretamente da China. Após a revolução da China, em 1976, entre os anos de 1970 e 1980, cerca de 200 famílias radicadas em Moçambique, antiga colônia portuguesa na África, escolheram o Paraná como sua nova casa. Quando eles chegaram a Curitiba, começaram a trabalhar em pequenos comércios, principalmente na área de alimentos.

A partir de 1990, chegaram mais chineses de Hong Kong, da China e de Taiwan, com o intuito de melhorar a condição da economia. Agora, as imigrantes de chineses habitam o centro da cidade: a maior parte dos descendentes trabalha na área da alimentação em restaurantes ou lanchonetes, outros participam do ramo de armazéns, secos & molhados, profissões liberais, joalherias, importação e exportação e outras atividades ligadas ao comércio. A Igreja Presbiteriana e Sócios do Clube Santa Mônica são lugares que eles frequentam.

Em Curitiba, existe uma associação de imigrantes de chineses. De acordo com o presidente da Associação Cultural Chinesa do Paraná, ACCPAR, Willian Wing, tal associação foi criada por sugestão do Consulado Chinês devido ao grande número de chineses em Curitiba que tem objetivo de apresentar a cultura chinesa para os brasileiros. Por isso, a associação está funcionando como uma organização sem fins lucrativos e realizando diversos eventos com o objetivo de integrar as culturas chinesa e brasileira.

3.6.2.2 O Oeste do Paraná

3.6.2.2.1 Foz do Iguaçu

O início da chegada do imigrante chinês na cidade de Foz do Iguaçu foi nos anos de 1970, por causa da mudança da política entre EUA e República da China, Taiwan e, a prosperidade econômica da região. Então, desta vez, muitos chineses de Taiwan se mudaram para fora, alguns chegaram à cidade de Foz do Iguaçu, Brasil, pela via da Cidade Del Oeste, Paraguai. Segundo o vereador da cidade de Foz do Iguaçu, Hsu, “a região da tríplice fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina) abriga uma comunidade chinesa entre três e quatro mil indivíduos”. Em Foz do Iguaçu, existem cerca mil chineses e descendentes. Os imigrantes têm agências de turismo, imobiliárias, são médicas e construtoras que atendem somente clientes orientais.

Segundo o relato de um filho de dono de restaurante chinês de Cascavel, o amigo do pai, era um ex-dono de um restaurante chinês de Foz do Iguaçu, Ming, chegou ao Foz do Iguaçu no ano 1975, que primeiro chegou a São Paulo, depois para cidade Cascavel e montou o restaurante antes de chegar a Foz do Iguaçu.

3.6.2.2.2 Cascavel

Cascavel é considerado um município novo no estado do Paraná. Para os imigrantes chineses, por ser uma cidade pequena, não é fácil ganhar uma vida tranquila financeiramente. Segundo dados levantados por esta pesquisa, há cerca de 50 imigrantes chineses em Cascavel. O senhor Hui, nascido em Xangai, ex-dono de um restaurante, teria sido o primeiro a chegar.

Durante a Segunda Guerra mundial, o senhor Hui tinha 18 anos, chegou ao Brasil

em 1944, para buscar melhores condições de vida. Depois que chegou ao Brasil, se casou com uma imigrante japonesa, aproximadamente em 1960. Nos primeiros períodos, morou no estado de São Paulo, foi trabalhando em restaurante, como cozinheiro e mais tarde mudou-se para Cascavel em 1977, com o objetivo de ter uma melhor condição de renda.

O segundo imigrante a chegar seria o seu sobrinho, Xui, em 1982, dono de um restaurante também, que foi estimulado à imigração pelo próprio tio, Hui. Ele, então, veio para Cascavel diretamente. Ele também começou da mesma forma que outros pioneiros imigrantes chineses: num restaurante, sendo que quando chegou ao Brasil, foi empregado no restaurante do tio. Atualmente está realizando o próprio negócio como o dono de restaurante de comida típica chinesa.

Outros chegaram ainda no final do século XX, de 1996 a 2000, e são taiwaneses, que vieram de República da China, Taiwan. Uma família chegou em 1996, na cidade de Ponta Porá, Mato Grosso do Sul, mas veio para Cascavel, em 2003, onde reside até hoje. Uma chegou em 1997, em São Paulo, e em 1999 se mudou para Cascavel. Cinco chegaram em 1998, diretamente habitando na cidade de Cascavel. Três dessas cinco famílias entraram pela fronteira da Argentina, as outras duas famílias pelo aeroporto de estado São Paulo. A outra família chegou em 2000 e também reside na cidade Cascavel.

Os pioneiros imigrantes chineses estão buscando uma vida em paz. Já para recém-chegados, a situação é diferente, pois eles não têm muito capital e os diplomas de formação da terra natal não garantem uma renda suficiente. Por isso, agora, a maioria deste grupo está trabalhando na feira do pequeno produtor: quatro famílias estão produzindo alimentos típicos orientais, e uma planta e vende flores. Outra família montou uma loja de informática, vende peças de computador e também faz manutenção e uma família atua em um restaurante, pois tem facilidade e domina bem a culinária.

4. AS CONTRIBUIÇÕES E INFLUÊNCIAS DE IMIGRANTES CHINESES AO BRASIL

Desde a vinda dos trabalhadores contratados (culi ou cooli), e posteriormente de seus familiares, do século XX até os dias de hoje, os chineses venceram muitas dificuldades e desafios e, finalmente, depois de muito esforço, podem ter uma vida relativamente tranquila e deixar boas contribuições ao Brasil, como sua segunda terra natal.

Em média, os imigrantes chineses que chegaram ao Brasil seguiam três atividades econômicas básicas pelas próprias condições de capital. A primeira é o comércio, segmento ainda forte hoje, sobretudo com o fortalecimento das importadoras de produtos eletrônicos. A

segunda ocupação é a dos restaurantes, pois não necessita muito dinheiro. Em terceiro, os serviços terapêuticos, como a acupuntura chinesa. O livro “O mundo das imigrantes chineses na América do Sul – Coletânea do congresso: Trinta anos de cultura vivencial chinesa na América do Sul”, publicado no ano de 1999, em Taipei, Taiwan (Yu Kuang, 1999), nos traz exemplos de contribuições de imigrantes chineses. A obra é dividida nas áreas da cultura e educação, da ciência e tecnologia, de comércio e administração e da religião.

Na parte da cultura e educação, os imigrantes chineses contribuíram seus conhecimentos nas áreas da literatura Chinesa, da educação da língua chinesa, da educação tradicional, das publicações em língua chinesa e da medicina oriental, arte Marcial , Arte de desenho e demais artes. .

Com a intenção de “união através de palavras e contribuição a sociedade”, se criou a Associação dos Escritores Chineses na América do Sul, em 1991. Até os dias de hoje, tal associação realizou vários eventos culturais, editou livros e revistas, também deu apoio a outras associações chinesas e divulgou a cultura chinesa na sociedade local. Com as preocupações dos pioneiros chineses, se uniram as forças da associação e da religião para fundar as escolas da educação da língua chinesa. No entanto, o idioma chinês não é considerado tão importante como idioma local, pois muitos alunos chineses não apresentaram o interesse em aprender chinês, só aprendem devido à insistência dos pais. Na educação tradicional no grupo chinês, em geral, os jovens chineses são obrigados a terminar a faculdade para sua família. Depois disso, os pais vão orientar ou dar sugestão ao filho sobre continuar estudando ou começar a trabalhar.

No Brasil, existem vários jornais e revistas da língua chinesa. A maioria é particular ou pertence às associações, muitos deles são gratuitos. As publicações em língua chinesa são um meio de divulgação da literatura chinesa e a ferramenta de educação. Também funcionam

como intercâmbio das associações e divulgação da cultura chinesa. A arte milenar é divulgada nos institutos e academias para ensinar não só chineses, mas também brasileiros, artes como tai-chi-chuan, acupuntura, chi-kong etc. Outras artes tradicionais como a pintura e a caligrafia chinesa também merecem destaque da sociedade brasileira.

Segundo o relato do livro, “O mundo dos imigrantes chineses na América do Sul-Caletânea do congresso “ Trinta anos de cultura vivencial chinesa na América do Sul”, (Yu, 1999), no final do século XX, muitos chineses já alcançaram uma posição de destaque na sociedade, e vários deles se destacaram na área de ciência e tecnologia. Alguns nomes de destaque são: Dr. Abraham Yu, Dr. Shiow Shong Lin, Dr. Chang Cheu Shang, Dr. Abraham Chian Long Chian, Dr. Bin Kang Cheng, Dr. Carlos Chien Ching Tu, Dr. Liu Cheng Shang, Dr. Alexandre Wang, Dr. Chen Tsung Jye, Dr. Chen Yung Hoo, Dr. Li Shin Min, Dr. Liang Chão Lin, Dr. Lin Chih Cheng, Dr. Liu Wen Yuh, Dr. Shi Weichen, Dr. Shiou Pin Huang, Dr. Wei Gang Li, Dr. Wu Xiao Bing, Dr. Tsen Men Young, Dr. Li Luan Liang, Dra. Beverly Wen Yuh Liu, Dra. Li Binbin etc.

A maioria deles são imigrantes da primeira geração que se formaram na faculdade na terra natal e lutaram muito para conquistar a sua posição aqui no Brasil. De acordo com o livro, Dr. Chen Tsung Jye e Dr. David Jye Yuan Shyu chegaram na década de 1970. Eles estabeleceram a vida do Brasil com as bases do próprio conhecimento já aprendido na terra natal. O Dr. Chen Tsung Jye, professor do Departamento de Línguas Orientais da USP, era um engenheiro químico que, nascido no sul da China, se formou em Taiwan e especializou-se nos EUA. Ele trabalha há mais de 25 anos na instituição. Hoje, muitas áreas no Brasil como engenharia elétrica, civil, agrícola, geológica, florestal e agropecuária já possuem técnicos chineses trabalhando e contribuindo com seus conhecimentos e sabedorias.

No aspecto do comércio e da administração, a grande parte dos imigrantes chineses

está envolvida no comércio, um ramo que dá um bom lucro na sociedade brasileira. Desde alimentação até vestuário, os casos de sucesso foram influenciados pela tradição da administração familiar. A comunidade chinesa no Brasil é muito diversificada e competitiva, mas demonstra harmonia e respeito mútuo. Os grupos das religiões também respeitam um ao outro, tanto que cada grupo, tendo sua própria estrutura, nunca ataca ou discrimina os outros.

Na verdade, as religiões têm funções importantes na vida espiritual da colônia chinesa. Junto com a propagação da religião, a cultura chinesa também penetrou na sociedade local. As primeiras fundações das principais religiões no Brasil foram: na década de 40, I-Guan-Tao, aspirando o pensamento do Budismo e Confucionismo; na década de 50, a Igreja Católica e Igreja Cristã, fundadas em São Paulo, em 1955; a Igreja Cristã Chinesa, em 1958; em 1964, o grupo do Templo Budista Mi-Tuo. Cada religião cresceu bastante no final do século XX, e por isso, fundaram mais igrejas e templos nas cidades diversas.

De acordo com o livro (Yu,1999), as religiões da comunidade de imigrante chinês têm algumas partes semelhanças e diferenças.(ver a tabela 4)

Tabela 4: Semelhanças e diferenças das religiões da comunidade de imigrantes chineses

Semelhanças	Diferenças
1, Todas entidades religiosas têm registro cadastrado no órgão governamental;	1. Nas igrejas católicas e cristãs chinesas, somente os chineses participam; no entanto, nos templos budistas, já existem muitos brasileiros participando;
2, Todas delas praticam ação beneficente na sociedade local (a ajuda	2. Desde 1995, a Associação Budista Chi-Chie se juntou a um grupo de médicos

a seca do nordeste do Brasil em 1998 foi um exemplo delas);	para dar diagnósticos médicos gratuitos à população pobre e carente todos os meses. Em 1998 se instalou o centro de diagnóstico médico, para dar assistência médica gratuita;
3. Cada religião tem mostrado respeito com as outras religiões;	3. A Igreja Católica na Rua Santa Justina possui uma biblioteca, que contém mais de cinquenta mil exemplares de livros e revistas chinesas.
4. Cada religião aprende com outras e dá apoio quando promove algum evento;	4. As 13 igrejas cristãs se uniram em 1990 para criar o Instituto Cristão da América do Sul, o Seminário Servo de Cristo, com o objetivo inicial de formar líderes para as igrejas chinesas
5. Possuem escola própria, ensinando a língua chinesa;	
6. Possuem revistas próprias;	

(Yu,1999, P25- P.29).

Quanto à política, alguns descendentes chineses participam, como por exemplo, o deputado Woo de São Paulo e o general João Lee de Rio de Janeiro.

Na agricultura, na década 60, um grupo de pequenos agricultores chineses reuniu suas famílias e comprou um terreno na cidade de Mogi das Cruzes, Estado São Paulo, a

fazenda Botojuru. Começaram a se desenvolver, plantar legumes, criar galinhas para produzir ovos, até plantar cogumelos, que era um produto pouco conhecido na época. Com uma boa produção, eles montaram uma fábrica para produzir cogumelo em conserva. Desta forma, conseguiram se desenvolver e sustentar suas famílias, com o melhor da tradicional cultura chinesa. Até hoje, 80% dos imigrantes chineses da Igreja Presbiteriana de Formosa do Botojuru plantam cogumelos. Segundo o líder da igreja (Yuen,1998), as segundas gerações destes imigrantes chineses pioneiros (seis famílias) da cidade Mogi das Cruzes de São Paulo possuem o Ensino Superior. Lá há sete médicos, seis administradores de empresa e dois engenheiros civis, que contribuem para o Brasil com seus talentos e conhecimentos.

Para os imigrantes chineses, deve haver um aumento na quantidade e qualidade da cultura para enfrentar o desafio de avanço tecnológico e volume de informações. As tarefas mais importantes para os imigrantes chineses no Brasil são: participar das ações de interação com a sociedade brasileira para eliminar a discriminação de raça e cultura, unir as forças das comunidades para levantar as potências competidas em cada área e acompanhar o desenvolvimento da globalização para poder trazer benefícios para o Brasil e para a própria terra natal.

5. A EDUCAÇÃO E A CULTURA CHINESA

O caráter da cultura chinesa é por essência baseado na ética e na moral sobre as relações entre os humanos, os espíritos, natureza e objetos. A sociedade se constitui por grupos de parentesco. Esta cultura influenciou a educação formal e informal obrigando a, quando se fala da educação chinesa, falar diretamente da cultura chinesa.

A educação formal da China surgiu com o imperador Shung 𐀀, aproximadamente de 2850 a.C. a 2205 a.C. A época de “Três Augustos e os Cinco Imperadores” teria sido o marco inicial deste processo. Nela a educação é dividida em dois graus, por idade: aos 7 anos inicia-se o Xia Xian (Ensino Fundamental) e aos 15 anos o Shan Xian. (Ensino Médio). Contudo, naquela época, a escola só ensinava aos filhos dos nobres. (GAU, 2004, p.71- 73)

Na dinastia Zhou, aproximadamente de 1100 a.C. a 221 a.C., Confúcio (551 a.C. a 479 a.C.) fundou a primeira escola para as massas, com a ideia de “proporcionar educação para todos, sem discriminação e ensinar de acordo com a capacidade do aluno.” Nesta época, muitas escolas foram montadas e passaram a ter grande influência na sociedade. (GAU, 2004, p.74- 75)

Na dinastia Qin, (221 a.C. a 206 a.C.), o primeiro imperador, Qin Shi Huang, preferiu a filosofia do Legalismo, desprezando as outras. Com intenção de dominar o governo, o Imperador queimou os livros, causando incontáveis prejuízos na educação chinesa.

Na dinastia Han, (202 a.C. a 220 d.C.), a falta de apoio de talentos intelectuais, resultado da relação do Imperador Oin com a educação, faz com que o Imperador Han Wu Di adote o confucionismo por sugestão do primeiro ministro Dong Zong Shu, fundando o Tai Xue, em 124 a.C., para educar os funcionários públicos e começar a educação cerimonial.

Fairbank (2006) relatou que o confucionismo é uma filosofia, que foi criado por Confúcio (551 a. C.- 479 a. C.). Cada indivíduo pode se aperfeiçoado pelo seu esforço pessoal de ser correto, também pode ser influenciado pelo exemplo de sábios e homens superiores que conseguiram impor a conduta correta a tudo o mais. Então, o confucionismo procura a via de transformação individual para ser uma pessoa virtuosa e moral. (FAIRBANK, 2006, P.62 -66)

Segundo afirmação do Gau (2004, p. 01), no Tai xue começa-se a usar livros e realizar a educação cerimonial, cuja finalidade era escolher os eruditos virtuosos para o trabalho público. O método estimulou os estudantes pobres que viam uma oportunidade para entrar no serviço público e ascender socialmente. Em 605, a dinastia Sue iniciou a aplicação do “Imperial Exame” que foi o principal modelo de sistema educacional no Império, até a sua abolição e substituição pela moderna Educação dos modelos do ocidente, a partir de 1905. (GAU, 2004, p.1)

Na dinastia Song, (960 d.C. a 1279 a.C.), o sentido do pensamento confucionista foi alterado, passando-se a valorizar mais a busca pela perfeição espiritual dos estudantes. Sendo assim, a partir da estrutura do governo, normas de organização e até cerimônias de casamento passaram a ser realizadas seguindo orientação dos filósofos do novo confucionismo. (FAIRBANK, 2006, p.100 – 112)

Em 1862, a dinastia Qing criou “A Capital de Línguas Estrangeiras ”, sendo a primeira escola formal a dar aulas de línguas estrangeiras. Na época, muitos estudantes saíam para outros países para estudar, enviados pelo governo. A Europa, os Estados Unidos e o Japão eram os destinos preferidos. (LI, 1994, p. 24)

Após a guerra do Ópio, a senhora Wanstall, esposa do pastor Karl Friedrich August Gutzlaff, montou uma escola feminina em Macau, em aproximadamente 1830, introduzindo a educação feminina.

O novo confucionismo, absorvendo a filosofia de outros autores, e ao dar importância à ética e a moral associada às relações no mundo, passou a ser divulgado pelos Imperadores também sendo aceito pelo povo. O filósofo confucionista organiza a sociedade com a ordem cósmica e sua hierarquia de relações entre superiores e inferiores. Para os

chineses, os pais eram superiores aos filhos, os homens às mulheres, os reis aos súditos. Assim, cada pessoa tinha um papel a cumprir, como nos dizem as palavras do Confúcio, registradas no livro LunYu, capítulo 12, verso 11, que passam a ser propagadas e seguidas: “jun jun chen chen fu fu zi zi” (君君 臣臣 父父 子子) (a frase original). O Duque Ching de Chi perguntou a Confúcio sobre o governo. Confúcio respondeu, “Deixe que os senhores sejam senhores, que os súditos sejam súditos, que os pais sejam pais, que os filhos sejam filhos” (FAIRBANK, 2006, p.65)

5.1 A educação social do imigrante chinês

Os chineses tradicionalmente colocam muita atenção na educação dos filhos, o que não se alterou para os imigrantes. A título de exemplo, o imigrante chinês, já citado neste texto, Doutor Yang tem pensamento tradicional da educação chinesa que educar o homem não é só para os filhos ou os alunos ter conhecimento, mas sim deixá-los entender que o ato de estudar e de aprender estabeleceram a base de enfrentar a própria vida no futuro. Diz ele que, para educar os filhos, os pais devem aproveitar o tempo de ouro da aprendizagem dos filhos, ou seja, devem ser educados ainda quando são novos. Devem ser um bom exemplo para estimular o interesse dos estudos. Ele cita que uma maneira para melhorar a aprendizagem é estudar através da auto-competição, premiando os jovens quando estes conseguem elevar seu nível de conhecimento.

Para Yang, o interesse em aprender é o único segredo de melhorar a aprendizagem. Na educação de seus filhos (hoje, todos com curso superior no Brasil e/ou no exterior), Yang

(quando ainda residia em Taiwan) mandou os filhos estudarem em escola privada, pois a escola ensinava duas línguas, chinês e inglês. Ao chegar ao Brasil, os filhos foram estudar numa escola pública de manhã e a tarde estudavam em escola particular, fundada por americanos. Yang examinava as tarefas de casa dos filhos e resolvia as dúvidas na hora, criando mais interesse e autoconfiança nos filhos. Quando da chegada no Brasil, a família estudava muito a língua portuguesa fazendo competições para decorar novas palavras. A cada final de semana a família se reunia na biblioteca para ler novos livros. De acordo com Yang, os estudantes hoje não se concentram na aprendizagem, pois há muita atração para as demais coisas do mundo. O sucesso de Yang, seguidor do confucionismo, ao educar os filhos é um exemplo excelente dos imigrantes chineses.

A partir do início do século XX, os imigrantes chineses trouxeram suas famílias para o Brasil. Na década de 50, aumentou muito o número de imigrantes chineses no Brasil, trazendo a preocupação da educação dos filhos. As associações reuniram as forças da comunidade, foram formadas várias escolinhas chinesas em diversas cidades para educar os filhos chineses, incluindo aulas de mandarim, (língua oficial chinesa), língua portuguesa e línguas maternas como a cantonesa, hakanesa ou taiwanesa. Normalmente, os povos se comunicam em dois idiomas: língua materna e língua oficial, ou seja, o dialeto e o mandarim.

Inicialmente, as escolinhas chinesas eram formadas por pequenos grupos. Nesta época, os professores trabalhavam voluntariamente, devido às dificuldades financeiras das famílias. Alguns exemplos de escolas em São Paulo são: a Escolinha da associação de Zong Hua (República da China), em 1969; a Escolinha da Igreja Presbiteriana de Formosa no Brasil, em 1983; a Escolinha da Igreja Presbiteriana de Formosa em Mogi das Cruzes, em 1987; a Escolinha da cidade de São José dos Campos, em 1992 e a Escolinha de Fo Guan (A

luz de Buda), no Rio de Janeiro, em 1995.

Em São Paulo se reúne o maior número de imigrantes chineses. Em tal região, a Escolinha da Missão Católica chinesa é uma das primeiras fundadas, montada no ano de 1957 pelo padre Tang. Atualmente, a escola possui mais de 300 alunos, 21 salas de aula, um laboratório de informática, um laboratório para atividades audiovisuais, um ambulatório, um anfiteatro e uma biblioteca, que é considerada a maior da América do Sul, no gênero, com 50.000 livros, aproximadamente.

Há, atualmente, mais de 40 escolas chinesas registradas só na região de São Paulo, a maioria fundada por associações. Para os fundadores destas escolas, o único motivo de sua criação é a preocupação com a continuidade da cultura chinesa, pois os descendentes chineses já não falam (ou pouco falam) ou entendem a língua chinesa. Segundo relato de pesquisa realizada pelo historiador Yang Zong Yun (1999) com descendentes chineses, 76,1% destes estudaram chinês em alguma escola chinesa. Entre eles, 62,1% são nascidos no Brasil e 28,7% são nascidos em Taiwan. Os pais dos alunos das escolas chinesas são 70,7% nascidos em Taiwan e 16,4% são nascidos na China.

Devido às dificuldades em falar o português e assim conseguir um bom trabalho no Brasil, os imigrantes, em grande número, montam lanchonetes ou restaurantes, tornando a culinária, além da medicina chinesa e do Tai Ji Chuen, uma representação da cultura do imigrante chinês no país. (YUEN, 1998)

5.2 .1 A educação dos imigrantes chineses em Cascavel

Cascavel possui aproximadamente 300.000 habitantes. Os “amarelos” são 0,5%. Apenas 13 famílias, ou, em número de indivíduos, 47 imigrantes chineses ou descendentes vivem na cidade. Os dados coletados para esta pesquisa apontam que a maioria das pessoas é nascida em Taiwan.

Quanto à idade dos imigrantes chineses em Cascavel (ver tabela 4) , com idade acima de 81, há uma pessoa, com idade entre 51 até 60, há sete pessoas(15%), com idade entre 41 até 50, há 13 indivíduos(28%), com idade entre 31até 40, há uma pessoa, entre 21 até 30, há 9 pessoas (19%), entre 11 até 20, há 13 pessoas (28%) e abaixo de 10 anos, há 2 pessoas. Tais dados indicam que os pais possuem mais de 41 anos de idade. Os filhos estão no processo de vida escolar, na idade entre 1 e 40.

Tabela 5 –A idade dos imigrantes chineses em Cascavel em 2010

Idade	Número de pessoas	%
De 1 a 10	3	6%
De 11 a 20	13	28%
De 21 a 30	9	19%
De 31 a 40	1	2%
De 41 a 50	13	28%

De 51 a 60	7	15%
De 81 a 90	1	2%

Quanto ao número de gerações, a primeira geração de imigrantes chineses tem 34 pessoas, a segunda geração tem 11 pessoas e a terceira e a quarta gerações têm apenas uma pessoa em cada. Segundo os números mostram, o maior número de imigrantes chineses está na primeira geração (ver a tabela 6).

Tabela 6 Os números da geração de imigrante chineses em Cascavel

Grau de geração	Número de pessoas	%
1ª geração	34	73%
2ª geração	11	22%
3ª geração	1	2%
4ª geração	1	2%
Total	47	

A quantidade de homens chineses é de 18 (38%) indivíduos e possuíram 29 mulheres habitadas em Cascavel. O dado demonstra que o número das mulheres maior que dos homens.

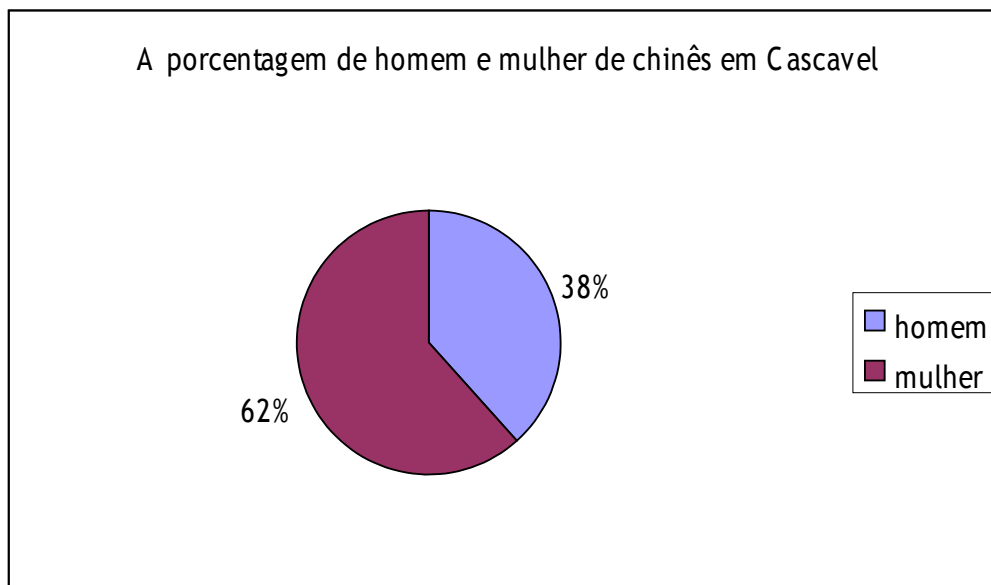


Gráfico 1 –A porcentagem de homens e de mulheres chinesas em Cascavel

Quanto aos dados da nacionalidade dos imigrantes chineses e descendentes (ver gráfico 1), temos que dois vieram de Xangai, China (4%), um de Hong Kong, China (2%), 31 de Taiwan (66%), 5 da Argentina (11%) e 8 (17%) são nascidos no Brasil.

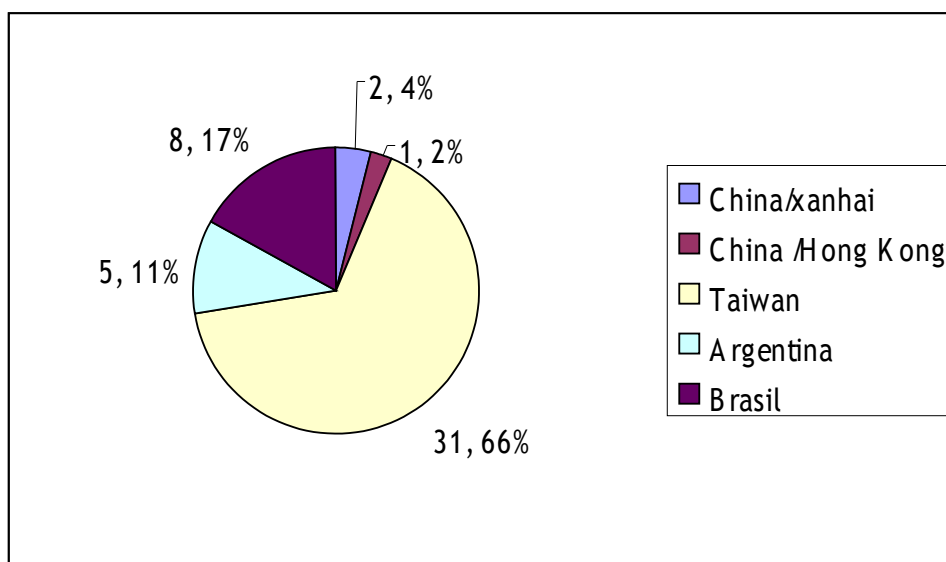


Gráfico 2 – Nacionalidade dos imigrantes chineses e de seus descendentes

Quanto à pesquisa sobre as profissões dos imigrantes chineses, segundo dados, 9 são comerciantes (19%), 13 feirantes (28%), 2 professores (4%), 20 estudantes (43%), 1 secretária (2%), 1 contador (2%) e 1 aposentado (2%). O número de estudante é o maior número dos tipos de trabalho, pois os filhos ainda estão na idade de estudar.

Tabela 7 – As profissões dos imigrantes chineses e de seus descendentes em Cascavel

Profissão	Número de pessoas	%
Comerciante	9	19%
Feirante	13	28%
Professor	2	4%
Secretária	1	2%
Contador	1	2%
Estudante	20	43%
Aposentado	1	2%
Total	47	

Quanto à escolarização dos pais de imigrantes chineses, de todos os pais (20 pessoas), 9 (45%) possuem ensino superior completo, 9 deles são formados no ensino médio completo (45%), um no ensino fundamental e um é analfabeto. Estes dados mostraram que os

pais dos imigrantes chineses possuem uma escolarização de alto nível.

Tabela 8 Escolarização da primeira geração de imigrantes chineses de Cascavel em 2010

escolarização	Número de pessoa	%
Ensino Superior	9	45%
Ensino Médio	9	45%
Ensino Fundamental	1	5%
Analfabeto	1	5%
Total	20	

Quanto aos imigrantes chineses e seus descendentes, dois estão cursando pós-graduação, 12 têm a graduação completa (26%), 7 estão se graduando (15%), 10 são formados no ensino médio completo (21%), 4 possuem ensino médio incompleto (9%), 10 estão estudando no ensino fundamental (21%) e um é analfabeto. A pesquisa mostrou que os imigrantes chineses têm muita preocupação com a educação

Tabela 9 –Escolarização dos imigrantes chineses e de seus descendentes em Cascavel, Paraná no ano de 2010

Escolarização	Números	%
Pós-graduação	2	4%
Ensino superior completo	12	26%
Ensino superior incompleto	7	15%
Ensino médio completo	10	21%
Ensino médio incompleto	4	9%
Ensino fundamental completo	1	2%
Ensino fundamental incompleto	10	21%
Analfabeto	1	2%

Sobre a educação dos imigrantes chineses na cidade Cascavel, no que se refere à educação regular (formal), se as condições financeiras das famílias possibilitam, os pais

optam por colocar seus filhos em escolas particulares. Mas, segundo os dados da pesquisa do ano de 2010, dentre os filhos de imigrantes chineses, 12 pessoas estão estudando em escolas públicas, o que representa 70%. Apenas 5 pessoas (30%) estudam em escolas particulares(ver o gráfico 3). Por este dado, então, pode-se entender que os imigrantes não têm uma boa condição financeira para oferecer estudo privado. Apesar disso, há estímulos para a busca de mais conhecimento. Os imigrantes procuram, na educação informal, maneiras de complementar a educação formal. De acordo com a pesquisa, de dez famílias, os filhos de oito delas estudaram língua chinesa em aulas de grupo de comunidade chinesa. Entre eles, os filhos de três famílias tocaram algum instrumento musical na aula particular. Os filhos de quatro famílias aprenderam a língua inglesa em escolas de idiomas. Os pais pensam que permitir que os filhos aprendam a língua chinesa garante a presença da própria cultura, a língua Inglesa serviria para completar a base de conhecimento, e aprender a tocar um instrumento musical auxilia na qualidade de vida.

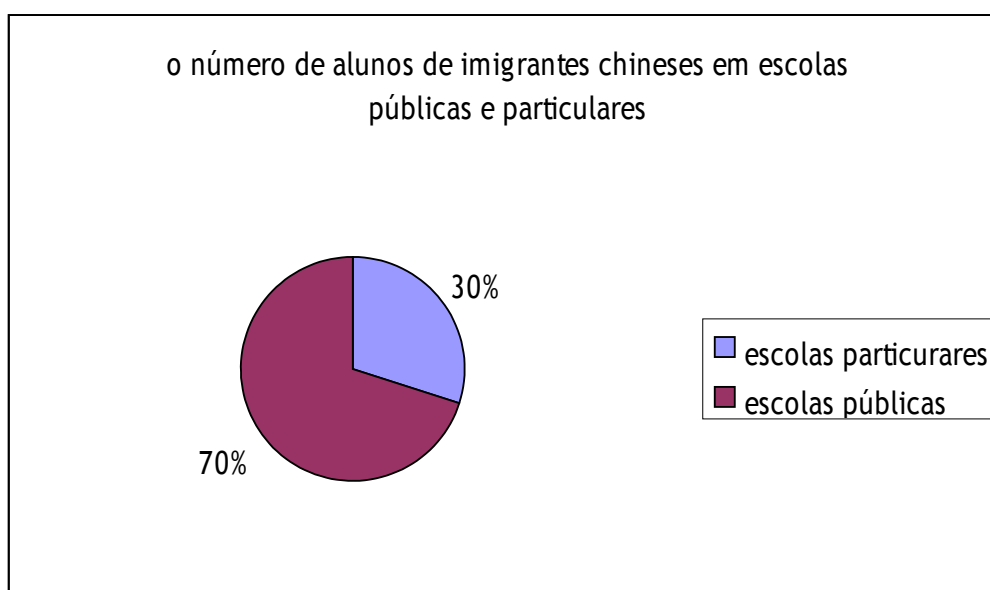


Gráfico 3 –O número de descendentes chineses em escolas públicas e particulares em Cascavel

Hoje em dia, em Cascavel, os imigrantes chineses ainda estão realizando o mesmo tipo de educação gratuita e laica na língua chinesa. As crianças chinesas participam das aulas de língua chinesa na casa de um professor. As aulas são semanais e as famílias se revezam para oferecer também lanche às crianças. Os professores, com experiência profissional, são formados no curso de Pedagogia em Taiwan e em Cascavel e trabalham voluntariamente. Este sistema de educação foi usado nos grupos de várias associações de imigrantes chineses no Brasil durante a década de 60, até final de século XX, incluindo a cidade de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Brasília, Recife e Curitiba. Atualmente, quase não existe tal sistema de educação gratuita e através de associações em cidades grandes como São Paulo ou Curitiba, pois os imigrantes chineses já atingiram uma fase de bom desenvolvimento financeiro. Mas, em cidades pequenas, como em Cascavel, os chineses continuam unidos para ajudar uns aos outros.

Para os imigrantes chineses que vivem em Cascavel, a cultura dos festivais anuais é uma maneira de passar a cultura típica de geração para geração. Durante o ano, cada festival tem um sentido importante para os chineses. Por exemplo, o ano novo é um grande dia para os chineses, todos aproveitam para descansar e reunir os membros da família ou ainda visitar os amigos ou parentes distantes. Usa-se papel vermelho para se escrever poemas com escritas chinesas para colar nas portas, para espantar os maus espíritos, e entregam-se balas ou presentes às crianças e amigos. O chefe ou o mais velho da família entrega envelopes vermelhos com dinheiro para cada um dos filhos e netos. Este costume é chamado de “Fa Hon Pau” ou de “Yia Sue Qien”, que significa “manter a idade”, ou seja, “tenha uma boa saúde para sempre”.

A religião dos imigrantes chineses na cidade é, principalmente, o budismo, apesar de não haver um templo budista na cidade, o que dificulta seu culto. Mas eles ainda conservavam o costume de acender incensos para rezar e agradecer ao Deus e aos antepassados no dia-a-

dia.

A seguir, vejamos o diálogo com os pais chineses, que foi realizada em Cascavel. Além dessa, a pesquisa com filhos e professores também foi realizado, o que veremos mais adiante. Esta parte da pesquisa tem o objetivo de entender melhor a realidade da educação do grupo de imigrantes chineses e as relações entre os pais e seus descendentes (filhos), os pais chineses e os professores da escola, mais importante é que as relações entre os alunos chineses e os professores. Como os alunos chineses adaptaram a sociedade brasileira e como superaram as dificuldades pessoais na aprendizagem? Para os pais chineses, qual é o objetivo da educação? Como eles orientaram e educaram aos seus filhos? No lugar do professor, será que a escola apóia os recursos de ensinamento aos alunos estrangeiros? Será que os professores estão preparados para ensinar ou educar os alunos estrangeiros? Também pela pesquisa para entender a estrutura da educação brasileira e a como cuidar os filhos dos imigrantes estrangeiros. O mais importante é que esta pesquisa ajude os novos imigrantes chineses de ter a idéia de adaptar bem a nova vida no Brasil, e propõe ao governo brasileiro dar uma direção educacional, dar mais atenção a educação moral e ética aos povos, tanto brasileiro quanto estrangeiro (ou imigrante no Brasil), pois dá um sentido de indicar ao homem, uma via de auto-educar a si mesmo que terá força de autocontrole de cada individuo também eliminará o problema da violência escolar e social.

5.2.2 O diálogo com os pais chineses

A pesquisa foi realizada entre o grupo da comunidade de imigrantes chineses na

cidade de Cascavel, no Paraná, incluindo os líderes dos 10 famílias. Quando questionados sobre as primeiras dificuldades encontradas no Brasil, os entrevistados disseram que são a língua portuguesa e o trabalho, pois ambos estão relacionados às importâncias das suas vidas. Nove famílias sentiram dificuldade na fase de adaptação com a língua portuguesa. Uma família sentiu dificuldade para encontrar um bom trabalho que rendesse dinheiro suficiente para sustentar os gastos da família.

Quando questionados sobre qual língua é mais falada em casa, os entrevistados disseram que mais falam em casa a língua materna, a língua dialeto ou mandarim, é uma língua oficial da China. Só duas famílias falam mais a língua portuguesa em casa, pois um chinês casou-se com uma brasileira, um casou-se com uma japonesa. Eles afirmaram que residiam há mais de vinte anos no Brasil, que as vivências deles não tinham condição de comunicar com língua materna, mandarim ou dialeto da terra natal. Os dados mostraram que a maior parte das famílias de imigrantes chineses de Cascavel está em fase de adaptação da cultura brasileira.

A língua portuguesa é a primeira dificuldade encontrada entre os imigrantes chineses, as quais são referentes à gramática, escrita, à fala e ao não entendimento da língua.

Para as famílias pioneiras imigrantes chinesas de Cascavel, a escrita é a maior dificuldade em relação à língua portuguesa, pois com a vivência e a aprendizagem natural, a fala se desenvolve cotidianamente e, sem o estudo numa escola regular para aprender a ler e escrever, esses aspectos não se desenvolvem.

Para os líderes recém chegados, segundo os dados da pesquisa realizada, entre os dezesseis chineses, oito são formados em universidades de Taiwan ou da China, seis são formados no segundo grau, ou seja, no ensino médio e dois terminaram somente o primeiro grau, ou seja, o ensino fundamental. Dos membros de tal grupo, nenhum é analfabeto, por

isso, eles não tiveram dificuldades em ler, nem em escrever, mas houve certo desafio com relação à conjugação de verbos e ao jeito de falar, que são diferentes da língua chinesa.

Assim, entre os líderes das famílias chinesas, seis colocaram que a gramática da língua portuguesa é a maior dificuldade encontrada do processo de aprendizagem da língua portuguesa. Um líder da família escreveu que a maior dificuldade em relação à língua portuguesa é de não entender a língua portuguesa e outra é de não falar. A língua é usada para se comunicar, portanto, os dois líderes que estão sentindo dificuldades em falar a língua portuguesa também estão sofrendo um pouco no novo país. Mas, eles estão lutando para enfrentar uma nova vida no Brasil, mesmo encontrando dificuldades, continuam aprendendo para conseguir se comunicar com os brasileiros.

Quando questionados sobre quais as maiores dificuldades em relação à cultura, os entrevistados disseram que a gastronomia, a culinária em si, é a maior dificuldade em relação à cultura. Um chinês colocou que, para ele, a diferença na religião é a maior dificuldade em relação à cultura. Dois líderes acham que o sentido de valor da ética e moral é a maior dificuldade em relação à cultura da vida no Brasil. Outros três chineses não sentiram qualquer dificuldade em relação ao aspecto cultural.

Com relação à educação, quando questionados sobre se aprovam o tipo de educação dada aos filhos pela escola e por quê e o que mudariam. Os entrevistados disseram que seis aprovam a forma da educação da escola dos filhos, quatro não aprovam. Entre eles, um quer uma boa qualidade de professor, como cuidar bem o conteúdo da aula e as relações com os alunos; um líder acha que deve se melhorar a qualidade do aluno, um colocou que não concorda por não entender o sistema de educação brasileira, e outro não tem opinião sobre o assunto. Entre todos, dois levantaram uma mesma sugestão: esperar o governo aumentar as horas de sala de aula, transformando em tempo integral, com objetivo de deixar as crianças aprenderem mais conteúdos e também tendo uma boa orientação no caminho da

aprendizagem.

Quando questionados sobre a participação dos pais chineses da vida escolar, os sete casais entrevistados disseram que participam da vida escolar pelas reuniões da escola com o objetivo de entender melhor o comportamento e a aprendizagem dos filhos, pois eles acham que tal ação é importante para os próprios filhos. Entre todos chineses, três casais de pais não participam porque os filhos já são adultos e também pelo fato de não saberem falar nem entender bem a língua portuguesa.

Quando questionados sobre as “principais qualidades observadas na escola de seus filhos e os principais defeitos.” Quatro entrevistados disseram que a educação gratuita é a principal qualidade da escola. Dois entrevistados acham que a principal qualidade da escola é pouca tarefa e pouca pressão aos estudos. Três concordaram que a principal qualidade da escola é o diversificado método de ensino que permite liberdade de pensamento dos alunos. Um entrevistado gosta da escola do filho pelo fato de tal escola focar mais na aula de religião e em seus princípios, e por isso, eles concordaram que a principal qualidade da escola é o incentivo à leitura da Bíblia.

Já sobre os defeitos, quatro famílias acham que a escola dos filhos não tem defeito. Três famílias pensam que o defeito é a pouca pressão e o pouco incentivo aos estudos; eles acham que, assim, as crianças não têm estímulo para estudar e crescer no processo de aprendizagem. Uma colocou que o principal defeito da escola é a falta de aulas de ética e moral. Uma pensa que as aulas só até o meio-dia correspondem a um curto espaço de tempo para completar uma educação com conteúdo e de qualidade. Uma queixa-se do custo da mensalidade da escola dos filhos, que é alta, pois os filhos estudam numa escola privada.

Entre os imigrantes chineses de Cascavel, seis famílias vieram ao Brasil com o

objetivo de buscar uma vida melhor, uma vida mais tranquila ou outra nova vida. Duas famílias vieram com o objetivo de conhecer outro país para ampliar a própria visão ao mundo. Duas famílias foram estimuladas a residirem no Brasil pelos parentes.

Quando questionados sobre que trabalho realizava no seu país natal e qual passou a realizar quando chegou ao Brasil. Entre os 16 entrevistados, as profissões que tinham em seu país natal eram: três comerciantes, três professores, dois farmacêuticos, dois cozinheiros, um funcionário público, três engenheiros, um contador e uma do lar. Quando chegaram ao Brasil, eles eram: sete feirantes, pelo fato de custo de capital mais barato que outro negócio; dois vendedores ambulantes, segundo relato deles, "porque é mais fácil e não precisa de um diálogo prolongado"; dois cozinheiros, pois havia vagado para trabalhar nesse ramo; dois professores que atuavam pelo próprio interesse; um comerciante, que tentava estabelecer novo negócio no Brasil; e dois não faziam nada, apenas observavam, pois ainda não conheciam bem a nova realidade.

As profissões atualmente dos entrevistados são: sete feirantes, oito comerciantes, que montaram lojas de informática, restaurante ou fábrica de alimentos. Segundo eles, a renda da média de família é de, aproximadamente, dois mil reais, próximo a quatro salários mínimos.

Quando questionados sobre o número de filhos, os entrevistados disseram que três famílias têm dois filhos, três famílias têm três filhos, três famílias têm quatro filhos, uma família só tem um filho.

As idades dos filhos dos imigrantes chineses são entre 8 até 44 anos. As idades são assim distribuídas: dois de 8 anos, três de 11 anos, dois de 12 anos, um de 13 anos, dois de 14 anos, dois de 15 anos, dois de 17 anos, um de 18 anos, um de 20 anos, um de 21 anos, um de 23 anos, dois de 24 anos, um de 25 anos, dois de 27 anos, um de 28 anos, um de 29 anos, um

de 30 anos, um de 32 anos, um de 41 anos e um de 44 anos.

Entre os filhos de imigrantes chineses, dois estão estudando no colégio particular Marista, na 3ª série e 5ª série, outros dois estudam no colégio particular Ideal, no 1º ano de ensino Médio e na 6ª série. Dois estão estudando na escola Estadual de Pacaembu, na 6ª série e no 3º ano do Ensino Médio. Oito estão estudando na escola Estadual Eleodoro, dois no 3º ano do Ensino Médio, um no 1º ano do Ensino Médio, um na 8ª série e quatro na 6ª série. Um estuda na escola municipal Emília Galafassi. Três estão fazendo a graduação: dois na UNIOESTE (Cascavel) e um na USP (SP). Um está cursando pós-graduação em São Paulo. (outra está cursando pós-graduação em UNIOESTE que é a mãe chinesa, por isso não soma no este dado.) Outros três são formados em faculdades no Brasil.

A escolarização dos filhos de imigrantes chineses são dois (7%) de ensino fundamental I (1ª série até 4ª série), oito (30%) de ensino fundamental II (5ª série até 8ª série), (26%) sete de ensino médio, nove (33%) de graduação e um de pós-graduação. O número total de filhos chineses é vinte cinco.

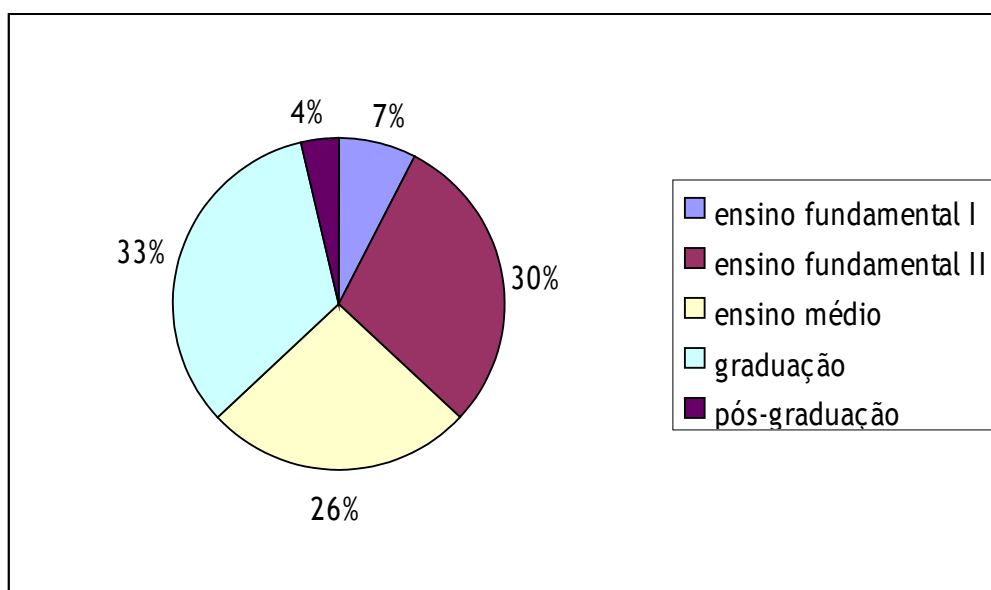


Gráfico 4 - A escolarização dos filhos de imigrantes chineses em Cascavel

A respeito da dificuldade de aprendizagem na escola dos filhos dos imigrantes chineses, os entrevistados disseram que cinco casais acham que os filhos não têm dificuldade de aprendizagem na escola e outros cinco casais pensam que os filhos têm muitas dificuldades de aprendizagem na escola. Quatro casais relataram que a língua portuguesa é a matéria mais difícil para os filhos. Um casal queixou que a história é mais difícil, outro casal mostra que o Inglês é a mais difícil que todas as matérias. Quatro casais pensam que para os filhos não há matéria mais difícil nem mais fácil.

Entre as dez famílias, cinco casais relataram que a matemática é a matéria mais fácil para os filhos. Um pai afirmou que ciências e geografia são as matérias mais fáceis para os seus filhos. Quanto à ajuda nas tarefas escolares do cotidiano do filho, três casais não faziam nada, segundo relatos deles, “pois somos nós que precisamos da ajuda deles.” Sete casais ajudam como forma de apoio e de carinho, orientando no método de estudar, pois resolver juntos traz melhores resultados; até pediram para o filho mais velho ensinar o mais novo. Quando questionados sobre os filhos de imigrantes chineses encontrarem dificuldades na escola, cinco casais acham que eles vão perguntar ao professor ou colegas para resolver as dificuldades na escola. Três casais pensam que o filho vai resolver sozinho. Um casal diz que os filhos vão resolver as dificuldades na escola através do diálogo com os pais. Um pai deixa o filho mais velho ajudar resolver a dificuldade do filho mais novo.

Quanto às relações entre os filhos de imigrantes chineses, colegas e professores, todos os pais entrevistados afirmaram que os próprios filhos têm boas relações com os colegas e professores. Com relação aos sonhos dos pais, na pergunta “o que os pais esperam que os filhos sejam futuramente.”, todos esperam que os filhos tenham um bom desenvolvimento, pensamento e comportamento correto na aprendizagem para ter uma boa contribuição ao país

e à sociedade. Alguns pais esperam que seus filhos estudem até o doutorado.

Quando questionados sobre quais valores a família valoriza, os imigrantes chineses entrevistados consideram que a moral e a ética são os valores mais valorizados na família. Eles também queixaram-se de que a escola não valoriza muito estes aspectos.

Quando questionados sobre a educação formal de seus filhos é complementada em casa ou em outras instituições de ensino. Com quê e por quê. Os entrevistados disseram que apesar da menor condição financeira, os pais ainda procuram a maior possibilidade de estimulação à aprendizagem dos filhos. Os seus descendentes aprenderam a língua chinesa nas aulas extras da escola, que foi elaborado pelo grupo de chineses, funcionado de professores voluntários (são os pais chineses). Também estudaram a língua inglesa em instituição de idiomas para aperfeiçoar a capacidade da terceira língua. Alguns deles tocaram algum instrumento musical pelo próprio interesse, ou aprendem as artes de pintura. Segundo os dados de pesquisa demonstram que os pais chineses ainda acreditam que a educação é uma via de elevação a qualidade da vida, tanto formal quanto informal.

5.2.3 O diálogo com os filhos de chineses

Esta pesquisa possui 18 questões aplicadas no grupo de filhos de imigrantes chineses em Cascavel, Paraná. Um total de 22 indivíduos respondeu às questões.

Idade, sexo, nome da escola e série que estuda. Os entrevistados disseram que com relação à idade, varia de 10 a 44 anos. Quanto à escolaridade, cinco pessoas têm graduação completa e uma está estudando pós-graduação; cinco pessoas estão cursando graduação na UNIOESTE; três estão cursando o Ensino Médio, dois na escola privada, no Colégio Ideal, um na escola Estadual, Eleodoro; oito estão cursando o Ensino Fundamental, três na escola privada (dois no Marista, um no Ideal), cinco na escola pública (quatro no Eleodoro, um no Emília).

Quando a questionados sobre a idade de entrada na escola do Brasil, os entrevistados disseram que um entrou com 3 anos, no Pré I; quatro com 4 anos, no Pré II; quatro com 5 anos, no Pré III; cinco com 6 anos, Pré III; um com 7 anos e outro com 8 anos entraram na 1ª série do Ensino Fundamental; um com 10 anos, na 5ª série; um com 13 anos, na 7ª série; um com 15 anos e dois com 16 anos entraram no 1º ano do Ensino Médio, um com 18 anos, no 2º ano do Ensino Médio; um com 21 anos, no 3º ano do Ensino Médio.

Quando questionados sobre “O que você sabe sobre a China? Aprendeu em casa ou na escola?”, os entrevistados disseram que a maioria dos filhos de imigrantes chineses obteve conhecimento sobre a China em casa. Dois afirmaram que também foram adquirindo informações pela Internet ou TV. Três relataram que as informações sobre a China foram aprendidas em casa e na escola. O maior número deles sabe falar, ler, escrever e compreender

bem a língua chinesa. Para eles, a China é um país do Oriente, comunista, com muitas histórias e culturais fortes.

Com relação à matéria de maior e menor nota na escola, 18 entrevistados obtiveram a maior nota em matemática, um em história, três em Inglês. Quanto à matéria de menor nota, 15 entrevistados acham que a língua portuguesa é uma das matérias mais complicada, pois a gramática é diferente da língua chinesa. Dois alunos tiveram menor nota em história, um em geografia, um em matemática e três em educação física. Segundo relatos deles, as notas baixas se deram pela falta de interesse, de prática e pela dificuldade na linguagem.

Quando questionados sobre a aprendizagem da língua portuguesa, os entrevistados disseram que é fácil de aprender tal língua pelo fato de terem nascido no Brasil ou terem chegado com pouca idade. Dezesete entrevistados consideram que a língua portuguesa é difícil de aprender, pois a gramática é complexa e alguns vieram quando eram adolescentes, sendo que, quem aprendeu a língua materna por algum tempo, tem mais dificuldade para assimilar a lógica da língua portuguesa, que é diferente da lógica da língua chinesa.

Para os entrevistados, o tempo de adaptação e costume para dominar bem a aprendizagem na escola e a língua é de um mês até três anos, dependendo do esforço de cada um.

Entre os filhos de imigrantes chineses, dois não gostam ou não gostam muito de estudar pelo fato de serem “velhos”, com 41 e 44 anos. Disseram que a idade os torna preguiçosos e sem paciência para exercer tal ação. Os outros vinte entrevistados disseram que gostam de estudar e ir para a aula, pois é a forma mais efetiva de adquirir conhecimento, e por ser legal não perder tempo e poder aprender mais e garantir um diploma e um trabalho no futuro, além de poder fazer mais amigos, poder conhecer e interagir socialmente com outras pessoas. Segundo eles, é uma forma de se aprender melhor a língua portuguesa e ir para a aula

e estudar é um processo da vida pelo quais todos devem passar.

Sobre as relações entre os filhos de imigrantes chineses e colegas e professores, todos colocaram uma resposta positiva, afirmando que têm um bom relacionamento com colegas e professores. Apenas uma menina escreveu que os professores são bons, pois eles quase não chamam a atenção, mas que os colegas são ruins, pois ela acha que eles têm algum tipo de preconceito.

Quando questionados sobre “entre as matérias, você gosta mais de qual? Por quê?”, os quinze entrevistados disseram que gostaram mais de matéria de matemática, pois é mais prática também mais fácil de aprender e, é uma matéria mais interessante. Três entrevistados gostam de inglês, porque já aprenderam antes de chegar ao Brasil ou participaram de aulas extras da escola regular e sentiram que tal matéria é fácil de aprender. Um prefere a matéria de física pelo interesse pessoal. Um prefere a matéria de educação física pelo fato de ser uma oportunidade para se mexer o corpo. Um gosta de todas as matérias, sem distinção.

Em relação ao número de amigos entre os filhos de imigrantes chineses, tem-se que: sete entrevistados têm menos de dez amigos na escola, três possuem de 11 a 20 amigos na escola, dozes tem mais de 21 amigos na escola. Os amigos deles são educados, legais, camaradas, ajudam-lhes e eles brincam muito na escola. Alguns filhos de imigrantes chineses acham que os amigos na escola não são bons companheiros de estudos e não compreendem muitos eles.

Quando eles encontram os colegas, a maior parte costuma conversar com os amigos. Segundo a pesquisa de campo, entre os 22 entrevistados, 21 gostam de conversar com os

amigos para entender melhor a cultura brasileira.

Segundo afirmação deles, “é a forma mais fácil de aumentar e compartilhar experiências e estudos, pois tira minhas dúvidas e falo coisas de meu interesse.” Além de conversar, alguns gostam de praticar esportes e brincar com os amigos.

Quando questionados sobre os pais deles participarem da vida escolar, os 19 entrevistados disseram que os pais participam das reuniões da escola e vêem as tarefas da casa que professor solicitou com o intuito de entender melhor a aprendizagem dos filhos e compreender seu comportamento na escola.

Sendo assim, os filhos entendem a preocupação e o carinho dos pais. Alguns acham que os pais participam da vida escolar para ser um bom exemplo na educação aos filhos e pelo amor dos pais que os obrigam a cuidar dos filhos. Apenas três filhos afirmaram que não havia participação dos pais, porque eles não tinham tempo e nem sabiam falar bem o português. A relação dos pais imigrantes chineses com a escola é prejudicada pela dificuldade na comunicação da língua portuguesa.

Quando questionados sobre as principais diferenças entre o que os filhos de imigrantes chineses aprenderam com os próprios pais e o que a escola ensinava, os quatro entrevistados disseram que não tem nenhuma de diferença do ensinamento dos pais e a escola sobre os valores, cultura ciência e religião. Os outros 18 entrevistados consideram que há diferença em todos os aspectos, mas maior parte de diferença ainda na cultura, nos valores e na religião.

Quando questionados sobre os filhos de imigrantes chineses se acharem mais parecidos com os brasileiros ou com os chineses, dez entrevistados disseram que são mais parecidas com os chineses, pois chegaram com idade maior e há pouco tempo, ou foram

sendo influenciados mais com a cultura da família chinesa. Quatro entrevistados se acham mais parecidos com os brasileiros, porque são nascidos e estão crescendo no Brasil, ou pelo fato de a família não ligar muito para a cultura chinesa, ou seja, a família guarda pouco da cultura chinesa. Seis entrevistados disseram que eles são parecidos com ambos, já que, segundo relatos deles, possuem aparência do chinês, mas o comportamento mais parecido com o do brasileiro, pois foram influenciados mais pela cultura brasileira. Dois entrevistados disseram que acham que não são nem parecidos com o chinês, nem com o brasileiro, pois convivem com as duas culturas, as duas formas de pensar, ao mesmo tempo, de ambos os países.

Quando questionados sobre “gosta mais da cultura brasileira ou da cultura chinesa?”, oitos entrevistados disseram que gostam mais da cultura chinesa porque ela tem uma história milenar e a gente aceita costumes que são mais interessantes, a educação chinesa é mais rígida, os costumes mais disciplinados; a maior parte deles aprende mais da cultura chinesa e alguns não conhecem muito bem a cultura brasileira.

Nove entrevistados disseram que gostam das duas culturas, pois ambas têm suas qualidades positivas. Quatro entrevistados disseram que gostam mais da cultura brasileira, porque já estão acostumados a ela e não conhecem a cultura chinesa.

Quando questionados sobre “você prefere morar no Brasil ou na China? Você acha que as pessoas são mais felizes no Brasil ou na China? Por quê?”, os entrevistados disseram que preferem morar no Brasil, pois estão acostumados e adaptados ao ritmo de vida brasileira. Eles acham que o Brasil pode proporcionar um bom futuro para eles, além de ser o único lugar onde possuem amigos, também têm mais oportunidades de aprender mais, pois a maioria está vivendo no Brasil e nunca foi para China.

Entre eles, onze entrevistados acham que os brasileiros são mais felizes que os chineses porque no Brasil a vida é mais tranquila, não há tanta poluição, as pessoas são mais abertas socialmente e também acham que o Brasil tem mais liberdade. São “pessoas alegres e de coração, um povo hospitaleiro”. Um deles relatou que na China não tinha tanto tempo para relaxar de vez em quando, pois os chineses vivem apenas para trabalhar e estudar.

Onze pessoas acham que as pessoas do Brasil e da China são igualmente felizes, pois a felicidade depende do pensamento de cada pessoa, isto é, em qualquer lugar a pessoa pode ser feliz. Um deles relatou que “não há muita diferença de ânimo da pessoa, depende só se ela quer ser feliz ou não”. Alguns acham que cada povo tem sua própria razão de serem felizes.

Quando questionados sobre “quais as coisas que você gostaria de fazer com seus amigos e que seus pais não deixam fazer? Por quê?”, doze entrevistados disseram que não há nada que os pais digam “NÃO”. Dez entrevistados disseram que os pais não os deixam saírem sozinhos e dormir na casa de outras pessoas, participar de festas, viajar ou ir ao cinema por gastar dinheiro e por ser num horário muito tarde.

Quando questionados sobre de “atividades você gostaria de fazer e seus amigos não lhe acompanham? Por quê?”, catorze entrevistados disseram que não têm esse problema. Outros oito entrevistados afirmaram que os amigos não os acompanham quando fazem leituras, tarefas, trabalho da escola, pois os colegas não são responsáveis e não gostam de ler, também pelo fato de os colegas preferirem coisas mais animadoras como festas, churrascos.

Quando questionados sobre “em relação às coisas da moda, o que os filhos de imigrante chinês gostariam de fazer ou mudar em seu corpo e que seus pais não permitem?”, para quinze dos entrevistados, não há nada que eles queiram mudar em seus corpos. Segundo relatos deles, “os pais são pessoas modernas e sempre mantemos diálogo para evitar

problemas, e não há nada no meu corpo que eu gostaria de mudar” e para aqueles que querem mudar algo, “Se não fica muito estranho, os pais concordaram”. Sete meninos reclamaram que gostariam de deixar o cabelo crescer para conhecer-se com o cabelo comprido, mas antes de começarem tal plano, o cabelo tinha sido raspado.

Algumas meninas disseram que gostariam de experimentar outros tipos e modelos de roupas, mas não foi permitido porque tais roupas eram muito curtas e mostravam muito o corpo. Houve casos em que foi recusada a vontade de fazer uma limpeza de pele, pois os pais não tinham tal costume e achavam que gastaria dinheiro.

5.2.4 O diálogo com os professores dos descendentes chineses

Na pesquisa com os professores dos filhos de imigrantes chineses em Cascavel, foram 16 professores que participaram respondendo a dez questões. Uma professora do Colégio Marista de Cascavel disse que seu aluno, o filho de imigrante chinês não é estrangeiro, pois o pai mora no Brasil há 20 anos e a sua mãe é brasileira. Portanto, ela respondeu apenas a primeira pergunta, não respondendo as demais.

Os professores entrevistados são de Colégio Estadual Eleodoro Ébano Pereira, do Colégio Ideal, do Colégio Marista de Cascavel, Colégio Pacaembu e da Escola Municipal de Emília Galafassi, pois os imigrantes chineses são habitantes na região central de Cascavel, os filhos dos imigrantes chineses estudam nas escolas próximas.

Quando questionados sobre quantos alunos estrangeiros já teve em suas turmas e em quais turmas. Os entrevistados disseram que já tiveram um aluno estrangeiro até oito alunos estrangeiros em suas turmas. Os alunos estrangeiros, em especial de filhos de chinês, são: um de 3ª série da Escola Municipal Emília Galafassi, um da 3ª série e um da 5ª série de Colégio Marista de Cascavel, um de 6ª série e um de 1º de Colégio Ideal, os outros são da 5ª série até o 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Eleodoro Ébano Pereira e do Colégio Pacaembu.

Quando questionados sobre “quais foram as principais dificuldades encontradas com alunos estrangeiros e como as superou. (em especial com chineses)”, onze entrevistados disseram que os alunos estrangeiros não têm dificuldade nenhuma, pois eles dominam bem a língua portuguesa.

Segundo os professores, eles são tímidos e mais recatados que os demais alunos, mas não chega a ponto de atrapalhar seus rendimentos. Os alunos estrangeiros, em especial os chineses, são inteligentes e muito disciplinados.

Alguns professores relatam que acreditam que as dificuldades mais comuns ocorrem nas primeiras séries do Ensino Fundamental, e para tais alunos, os professores acrescentam conteúdo à disciplina de história. Outros professores acham que os alunos estrangeiros têm dificuldades com a língua, com os conhecimentos sobre o costume local, com a linguagem escrita e a fala, na ordenação e na estrutura frasal, porém, aos poucos eles vão se adaptando.

Com relação às disciplinas que os alunos estrangeiros (em especial com chineses) têm mais facilidade e dificuldade, a questão mostrou que os professores acham que os alunos estrangeiros têm maiores facilidades nas disciplinas da área de exatas, como matemática e física, e com o inglês. As maiores dificuldades estão na área das humanas, como português, história e geografia, pois envolvem a linguagem escrita e a interpretação. Alguns professores disseram que tanto a facilidade quanto dificuldade depende do desempenho do aluno, e acreditam que os alunos têm dificuldades de interpretação apenas em alguns assuntos, e não em outras disciplinas.

Quando questionados sobre “quais os principais entraves culturais que a escola enfrenta com os alunos estrangeiros. (em especial com chineses)”, oito entrevistados expuseram que os alunos estrangeiros não deram a perceber nenhum entrave cultural, pois eles se relacionam bem com os colegas da sala de aula, estão muito bem integradas e a escola trata todos igualmente, independente da cultura de cada um, e ainda, por outro lado, os relatos detalhados da cultura chinesa são bem interessantes para os demais alunos.

Sete entrevistados disseram que o maior entrave cultural é a adaptação destes alunos com a cultura do Brasil, e ainda disse que, devido ao pouco tempo no estado, não tinha uma resposta certa. Outro professor afirmou que “o processo mais difícil seria a prova de classificação para validar o grau de estudo”.

Outras opiniões dos entrevistados são de que os alunos estrangeiros há um “choque

de cultura e costumes dos países”, “os costumes – horário, cardápio da cantina são diferentes”, e a “adaptação à língua portuguesa também pode ser um entrave”.

Quando questionados sobre “as famílias de estrangeiros, em especial os chineses, participam da vida escolar e como. Quais são as principais queixas apresentadas por eles.”, os entrevistados disseram que os pais são sempre solicitados a comparecem na escola e participam acompanhando o estudo dos filhos, as reuniões dos pais e eventos da escola. Eles também participam para buscar ajuda extra, aulas particulares ou de reforço em casa. Há encontros com a família com frequência para melhorar a adaptação. Segundo os relatos dos professores, os pais dos alunos estrangeiros não apresentaram nenhuma queixa a escola.

Quando questionados sobre “as relações com a ciência e a religião é diferente quando estrangeiros estão na sala. Como supera as diferenças.”, os entrevistados disseram que os alunos estrangeiros não mostram diferença nas relações com a ciência e a religião na sala, pois a sala de aula tem a característica heterogênea no que diz respeito à religião, as diferenças e crenças são respeitadas, cada um crê a sua maneira e o estudante é tímido.

Um professor relatou que:

Em minhas aulas procuro já nos primeiros dias orientar para que cada aluno respeite as crenças dos colegas. Nas quintas séries sempre faço oração no início da primeira aula, mas peço que mentalmente cada aluno que não for da religião católica, faça sua própria oração, destacando sempre que o que importa é o respeito que devemos ter com crenças, valores e costumes diferentes do nosso.

Outro professor afirmou que

as diferenças só acrescentam e fazem com que se exercite a tolerância, o respeito e a solidariedade, porque as diferenças culturais devem ser aceitas por todos. É preciso que a tolerância, o respeito e a integração sejam privilegiados. É necessário que a humanidade conviva e respeite as diferenças e ainda, se possível, que aprenda com elas.

Para os professores, todos os alunos são tratados com igualdade e respeito, sem problemas com as diferenças. Outros quatro professores responderam que sim, que havia diferença, pelo fato de que “há uma nova realidade que também precisa ser apresentada aos demais. A troca cultural e religiosa é muito importante para o respeito ao outro”.

Quando questionados sobre a questão de “fazer amizade com os colegas, os alunos estrangeiros têm dificuldade ou não,” os entrevistados disseram que os alunos não têm nenhuma dificuldade de fazer amizade com os colegas, pois inclusive os nativos gostam de tê-los para aprender e são até bastante receptivos. Entre os entrevistados, alguns disseram que os alunos são mais cuidadosos em suas relações inter-pessoais, sendo mais seletivos e mais reservados. Alguns entrevistados acham que os alunos têm dificuldade de fazer amizade com os colegas pelo preconceito das outras pessoas e pela dificuldade de comunicação, ou pelos fatos de que eles são muito fechados, introvertidos, quietos e não se manifestam.

Um professor relatou: “A princípio sim, depois a integração ocorre normalmente. Os alunos demonstram curiosidade sobre a cultura língua e alimentação.”

Um professor afirmou que na sala de aula, eles são disciplinados, a timidez e a educação que receberam dificulta fazer amizades. Por sua educação rígida, eles têm poucos amigos, o estudante é mais fechado. Então, para os alunos estrangeiros existem sim certa dificuldade no início, mas depois o relacionamento se torna normal, pois os alunos querem conhecer novos amigos.

Quando os professores encontram situações de dificuldade na relação com os colegas e os alunos estrangeiros, eles os ajudam com o diálogo, criando atividades nas aulas que possibilitem a interação de uns com os outros ou ajudando na resolução de atividades. Os professores até incluem os estrangeiros em projetos, trabalhos em grupo, eventos ou em trabalhos da pastoral, que envolvam os alunos novos para a “quebra de tabu”. Assim, os isolamentos não ocorrem mais.

Em sala, há constante monitoramento dos professores e de alguns alunos.

Os resultados são favoráveis, pois há uma troca de conhecimento e cultura e conseguimos promover um ensino mais significativo, e os resultados sempre foram positivos. Geralmente, os alunos são bastante esforçados e raramente ficam devendo trabalho, atividade ou recuperação.

Quando questionados sobre a questão de os professores, quando têm alunos estrangeiros em suas salas de aula, costumarem buscar informações a respeito da cultura daqueles países para melhorar suas aulas e entender melhor sua maneira de ser, os entrevistados disseram que eles sempre perguntam para os alunos sobre a cultura de seus pais, ou sempre procuram questioná-los a respeito de seus conhecimentos. Tal atividade auxilia no desenvolvimento da aula, pois o aluno pode dizer algo sobre a sua origem, até para ocorrer uma troca cultural interessante que enriqueça a experiência dos demais alunos.

Alguns professores relataram que sempre trabalham com um conteúdo referente ao povo a que o aluno pertence, como por exemplo: a cultura chinesa que faz parte dos conteúdos da quinta série, e também buscam informações quando trabalham com a Segunda Guerra Mundial na oitava série.

Um professor disse que ele estava colocando os alunos em contato com o estrangeiro

e o estrangeiro com os outros alunos através de trabalhos em grupo, deixando os colegas como tutores do estrangeiro até que ele tivesse como se virar sozinho. O resultado é bom, pois é através da interação que se consegue promover um ensino mais significativo. Em suma, os professores sempre procuram incentivar estes alunos a retomar coisas próximas a sua cultura e, por meio destes trabalhos, os colegas conhecem um pouco de si.

Sobre a relação do professor e os alunos estrangeiros, em especial do chinês, os resultados da pesquisa são considerados positivos. Segundo relatos dos entrevistados,

Ao meu modo de ver, (eles) são alunos que apresentam uma disciplina familiar muito presente na escola e com muita responsabilidade e que isso vem de casa; os pais não deixam somente para a escola.

Outra professora diz: “Percebo que geralmente eles são mais aplicados do que os brasileirinhos, e o meu relacionamento com eles sempre foi dos melhores.”

Para uma coordenadora da escola ,

Nos relacionamos muito bem de maneira clara, eficiente. Eles são muito dedicados, esforçados e buscam sempre ajuda quando necessitam. São alunos participativos. Trazem com eles valores e informações precisas sobre a cultura, valores e caráter, são alunos ótimos.

Uma professora de artes do mesmo colégio relatou: “Bom, gosto de conhecê-los, vivenciar

o que gostam, como se portam etc. Acho que isso enriqueceu nossas experiências, boas experiências de sala de aula.”

Um professor relatou, os alunos

são muito educados, coradíssimos, comprometidos, participativos. O que mais me chama atenção é a educação, são diferenciados dos demais. Levam mais a sério os conteúdos. As notas também são melhores. Na classe há respeito por parte dos colegas, são elogiados pelos professores. Quanto a cultura, é pouco o tempo que temos para conversar; sabemos mais sobre o aluno.

Para a coordenadora de outro Colégio, o aluno estrangeiro é

muito responsável, educado, aprende bem os conteúdos com muita facilidade. O relacionamento é bem tranquilo, há muito diálogo; normalmente eles têm curiosidade e vontade de aprender, por isso, aprendem mais facilmente.

Outra professora da mesma escola disse: “Na escola, o professor busca dar todo suporte necessário para o aluno estrangeiro.”

Uma professora relatou:

Eu sempre tive um ótimo relacionamento com alunos estrangeiros (até hoje só tive alunos chineses) e aprendo muito com eles sobre sua cultura, seus valores e, quanto ao caráter, acredito que a educação que os pais passam a essas crianças os tornam alunos

responsáveis, sensíveis, íntegros e educados.

Uma professora do Colégio Estadual, afirmou que “o relacionamento é bom, pois são muito educados, tem facilidade em aprender, há o respeito mútuo quanto à cultura e os valores. São de ótimo caráter.”

Para a outra professora que trabalha na mesma escola,

o relacionamento é tranquilo, pois os alunos estrangeiros, com os quais tive contato, são esforçados, responsáveis, sensatos, dedicados, alcançam as melhores notas. Eles respeitam o professor, os colegas, nunca se envolvem, ou provocam desavenças ou desentendimento. Quando solicitados, comentam sobre sua cultura, língua, culinária etc. Enriquecem assim, o conhecimento do país do estrangeiro.

A relação entre ela e os alunos é muito boa, “o esforço no domínio da linguagem, a diferença cultural, costumes diferentes, não impedem que ocorra trocas significativas entre as culturas.”

Um professor trabalha na escola Estadual que disse: ”Gosto muito deste contato, pois aprendo muito com estes alunos; é uma troca de conhecimentos muito gratificante e interessante.” Outra professora da mesma escola, disse que “Sempre os respeito; sempre os ajudo, sempre os valorizo e sempre os questiono para melhor compreendê-los e integrá-los”.

E para a professora da Escola Município que ,

Não há dificuldade em trabalhar com alunos estrangeiros. No caso de uma aluna estrangeira que tenho em sala, fizemos um trabalho de coleta de informações sobre

cultura, alimentação, nacionalidade, o qual foi de grande sucesso, pois trouxe informações sobre a família dela.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gente usa o bronze como espelho para poder observar bem a própria aparência; se observar outra pessoa no lugar de refletir a si, não poderá entender melhores os próprios defeitos ou qualidades; estude a história profundamente para poder prevenir a mudança das coisas do mundo - o imperador de Tang Taizong (559d.C. – 649 d.C.) (Wu, 1978, p. 20)

Depois de estudar a história da China, pode-se entender que, inicialmente, o governador foi escolhido pela qualidade de sua sabedoria e por ter exemplos morais. Este sistema funcionou no período de 2850 a.C. a 2205 a.C. Em 1.100 a.C., a dinastia Zhou criou uma nova legitimidade com base da teoria do Mandato Celestial, cuja ideia influenciaria as dinastias subsequentes até a última dinastia Qing (1911).

A estrutura da administração do governo também influenciaria a cultura chinesa até a estrutura familiar chinesa. Segundo relato de Fairbank (2006, p. 35), “a família chinesa era um microcosmo, como um Estado em miniatura”, que “representava a unidade social e o elemento responsável pela vida política e pela sua localidade”. Tal ideia sobre a função da família foi fácil de perceber pelo grupo de imigrante chinês de Cascavel, que é de criar seus filhos para se tornarem leais servidores (alguns pais de imigrantes chineses expuseram essa mesma ideia no questionário da pesquisa).

Para eles, o pai é um autocrata supremo, tendo o controle sobre a utilização de todo o patrimônio familiar e toda renda. Cada dinastia foi sendo construída com o mesmo processo de reprimir os conflitos de rebeliões interiores e exteriores para unificar os estados por uma grande China, como o exemplo das dinastias Qin e Sui.

A unificação dos estados prometia estabilidade, paz e prosperidade no país. No início, os fundadores cuidaram bem desde a administração política até as situações de vivências dos povos, havendo, sempre um bom resultado no governo. Mas o tempo passa, e os descendentes do imperador (fundador) esqueceram da dificuldade de estabelecer um governo e até deixaram o país ficar fraco.

Quando cada dinastia se tornava forte, a força política chegava aos países vizinhos. Por exemplo, a força de dinastia Han chegou a influenciar os romanos. Na dinastia Yuan (século XIII), os mongóis tinham ameaçado os países europeus. Tal ação deixou com medo dos povos ocidentais até século XIX. Podemos sentir bem com o exemplo as discussões da questão chinesa no Brasil nos anos de 1850.

Na fase da administração política da cada dinastia, houve crise de dominação da corte da família imperial, como o exemplo das dinastias Han e Tang. A imperatriz We da

dinastia Tang matou o imperador para subir ao trono. Mas tal ação vai contra o sistema e a cultura chinesa, então ela foi derrubada pela família do imperador. O sistema de uso dos eunucos no governo também foi uma falha grave na administração política chinesa, que tem a ver com a fraqueza da dinastia Ming.

A partir de dinastia Qin até dinastia Qing, a China foi conquistada pelos estrangeiros, não-chineses. Os mongóis e os manchus construíram a dinastia Yuan no século XIII e a dinastia Qing no século XVI. Os bárbaros se inspiraram na cultura chinesa, possuíram a qualidade da força militar e também estimularam a educação clássica chinesa para os descendentes, que continuaram o mesmo sistema de educação e exames. Fairbank (2006, p. 130) declara que “os invasores não-chineses ajudaram a manter o domínio político sobre a vida econômica e cultura herdada da China antiga”.

Desde a dinastia Han, o imperador considerou a filosofia confucionista a principal ideia para estabelecer no império. Até a dinastia Qing, os exames dos funcionários públicos foram direcionados nos artigos de pensamento confucionista. Cada administração política do governo foi regulada e implantada com o auxílio de estudantes, “cavalheiros eruditos” (shi) (Fairbank, 2006). O código confuciano enfatizava a ideia de comportamento adequado ao “status” (li), que é o ponto mais importante da teoria de governo pelo bom exemplo, também ligada à ideia da virtude e da conduta correta. Segundo Fairbank (2006, p. 66), “*o confucionismo procurou transformar cada indivíduo em um ser moral, pronto para agir com base em ideais, a defender a virtude contra o erro humano, até mesmo de maus governantes*”. Tal ideia pode ser vista no exemplo da dinastia Song, em que o líder militar Yue Fei (1103-1142) foi traído por ministros do imperador que receberam suborno do inimigo e não conseguiram vencê-lo, pois o acusaram de traidor, e ele foi, enfim, enforcado. Até os dias de hoje, os imigrantes chineses de Cascavel consideram que a família valoriza mais a ética e a moral, e esperam que os filhos dêem uma boa contribuição ao país.

Desde 1810, existe a imigração chinesa no Brasil. Os imigrantes chineses pioneiros sofreram com o fracasso do governo da China e com a própria ignorância. Foram vendidos como semi-escravos, os “culi”. Mais tarde, grandes números de trabalhadores imigrantes foram contratados pelas necessidades do desenvolvimento industrial do Brasil, vindo principalmente pela ocorrência da guerra civil na China, na década de 40. Atualmente, os imigrantes chineses chegam ao Brasil também para buscar uma melhor condição de vida.

O exemplo do Dr. Yang e a pesquisa de campo nos trazem a ideia central de que os imigrantes chineses enfrentaram dificuldades essencialmente com a união da força familiar. E por conta da educação é que se tem mantido a cultura tradicional para as novas gerações. O filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626) afirma que “Conhecimento é força”. Esta frase combina com a cultura chinesa, pois há um ditado muito popular na China: “Importar-se com os estudantes e desprezar os comerciantes”. Por isso, os chineses dão uma grande importância para se avançar e buscar mais conhecimento.

Os comportamentos de aprendizagem dos filhos de imigrantes chineses foram aprovados pelos professores. Os pais de imigrantes chineses conservam ainda a cultura chinesa e a passam para os filhos, os descendentes. Por outro lado, os filhos dos imigrantes chineses enfrentam a cultura dos pais e a cultura local (cultura brasileira) e eles inspiram as qualidades das duas culturas e desenvolvem o próprio caráter pessoal. Tal atividade faz parte de sua própria cultura.

O filósofo Confúcio é um pensador popular e teve grande influência na educação dos chineses, também dos imigrantes chineses. Na fase de aprendizagem, Confúcio disse: “Aprender e praticar o que se aprendeu frequentemente é prazer, não é?” Como as palavras do Doutor Yang nos dizem: “Eu não admiro o valor do diploma, mas acho que deve estimular as crianças a estudar mais, ou seja, obter mais conhecimentos para enfrentar o futuro”.

O sucesso de um grande número de imigrantes chineses no Brasil comprova o espírito de aventura e a capacidade de sobrevivência dos chineses. E para os chineses, não importa em qual cidade chegaram ou áreas remotas, depois de um longo período de luta e empenho, eles procuram se sobressair em algum ramo, buscando se tornar respeitáveis. Pela influência do Confucionismo e a cultura chinesa, acredito que os novos imigrantes chineses e os descendentes vão continuar com a missão de elevar a si mesmos e também contribuirão com a força e intelectualidade para o desenvolvimento do Brasil, sem esquecer-se de sua terra natal, uma vez que também são partes de sua família.

Segundo os dados da pesquisa feita em Cascavel, os filhos dos imigrantes chineses em Cascavel participam da educação formalmente. As famílias também buscam aula fora do horário da escola para seus filhos, com o objetivo de melhorar as capacidades de uma terceira língua ou de artes. Sobre a educação brasileira, a maioria dos pais considera que a educação gratuita é a principal qualidade da escola dos filhos, mas eles se queixaram de que os defeitos da escola são de ter pouca qualidade de ensino, pouco tempo e falta de conteúdos das aulas. Por isso, a educação brasileira ficava com menos pressão e com pouca estimulação aos estudos dos alunos. A sugestão deles é melhorar a elevação da qualidade dos professores e dos alunos, com isso aumentará o tempo das aulas e poderá aprender muito mais conteúdos das aulas.

Na prática da educação informal da família dos imigrantes chineses em Cascavel, os pais ensinaram o método de estudo, deram um pensamento correto de aprendizagem com a finalidade de desenvolvimento pessoal dos filhos. Os pais esperam que os filhos fortaleçam suas capacidades de viver e de adaptação do mundo, em que podem ter uma contribuição à sociedade e aos outros. Os pais também valorizam a educação moral e ética das famílias, com a mesma intenção de continuar a educação do confucionismo e da própria cultura chinesa.

Segundo a pesquisa, os filhos dos imigrantes chineses em Cascavel ainda estão no

período de estudo. A maioria deles estuda nas escolas públicas e todos gostam de estudar; também concordam que a escola é um lugar de adquirir novos conhecimentos, pois garantir um diploma é interagir socialmente com outras pessoas. Eles se esforçam muito na aprendizagem da língua portuguesa para se adaptar à cultura brasileira e dominar a aprendizagem na escola. As relações de amizade entre os descendentes imigrantes chineses, com os colegas e professores, demonstram que se tem um bom relacionamento com outros. Eles possuem de cinco até mais de vinte amigos da sala de aula e gostam de conversar com os amigos quando se encontram para ter conhecimento das culturas brasileiras.

Os filhos de imigrantes chineses relataram que os amigos não os acompanham em algumas atividades, como leitura, tarefas, trabalho da escola, entre outros, pelo fato de não ter responsabilidade, não gostar de ler, estudar, e preferirem festas, churrascos ao estudo. Isso nos faz questionar o porquê de os jovens não gostarem de estudar e preferirem mais as festas, churrascos ao estudo. Se o motivo da atração é que as festas são mais divertidas, por que não realizarmos atividades mais legais e divertidas no âmbito da educação?

Devemos deixá-los saber que é essencial ter a própria responsabilidade, saber da importância da vida, dos estudos, da sabedoria etc., pois os jovens são a base de um país que tem um futuro promissor.

Os filhos de imigrantes chineses, no grupo da idade maior, ou seja, os nascidos em Taiwan, disseram que eles gostam e conservam mais com pessoas da cultura chinesa, ao contrário do outro grupo de idade menor, que disseram que preferem a cultura brasileira pelos fatos de terem nascido e estarem crescendo no Brasil. Tal resultado mostra que a educação e a cultura local influenciam mais as crianças menores. As opiniões de todos os descendentes chineses demonstraram que eles preferem viver no Brasil, pois é um país que permite às pessoas ter uma vida mais livre e com um bom futuro pela frente.

Os professores dos filhos de imigrantes chineses afirmaram que os alunos estrangeiros dominam bem a língua portuguesa e que não há dificuldades na aprendizagem. Também relataram que eles são inteligentes, esforçados, têm muita responsabilidade e são muito disciplinados, além de possuírem uma grande facilidade em aprender. Apesar dos descendentes chineses possuírem caráter tímido e conservarem a própria cultura, não há dificuldade em sua adaptação à cultura brasileira, seus rendimentos de aprendizagem e o relacionamento com os colegas e os professores da escola. Isso porque “eles respeitam o professor, os colegas, nunca se envolvem, ou provocam desavenças ou desentendimento”.

Segundo o relato dos professores, os pais dos descendentes chineses participam das reuniões escolares, mas nunca se queixam sobre problemas da educação ou da escola. Os professores ajudam os alunos estrangeiros na aprendizagem da sala de aula através de atividades coletivas ou intercâmbio sobre as diversas culturas no Brasil.

Na opinião dos pais, dos filhos e dos professores, a educação é muito importante tanto para o aluno brasileiro, quanto para o aluno estrangeiro. Mas, a atual conjuntura educacional estruturada em Cascavel permite que tais alunos possam ter êxito em sua formação? Os professores que hoje atuam nas escolas que estão preparados para lidar com esta adversidade?

Na verdade, as escolas públicas possuíam professores de boa qualidade em que todos passaram do concurso oficial. Mas, por que ainda há pais que preferem buscar uma escola privada? Por que os pais e os alunos buscam as aulas extras da aula regular da escola? Se as escolas públicas não fizessem greve e trocassem esta atitude por dias letivos, se governo aumentasse o salário dos professores ou construísse mais escolas integrais, se os professores também se auto-educassem e fortalecessem a própria capacidade da educação, elevar-se-ia a confiança dos pais e a qualidade da educação seria completa. Na verdade, a estrutura da

educação brasileira ainda tem um espaço para melhorar a qualidade do professor e o sistema da educação nacional. A lição mais importante é que os pais, os professores e os filhos estimulam ou auto-estimulam os interesses de aprender, pois a aprendizagem fortalecer a capacidade da pessoa de viver no mundo, também é uma via de cultivação à própria base de desenvolvimento, tanto espiritual quanto material.

Está faltando trabalho no norte do Paraná que podem ser estruturados de forma relativamente breve.

7. REFERÊNCIAS

CÉSAR, Rodrigo Diego dos Anjos, Receita de Sobrevivência. In: **Etni-Cidade, A Cidade multi-Étnica.** _____ Disponível em: <http://www.etni-cidade.net/chineses.htm>. Acesso em: 05/07/2008.

CHEN, Tairon. LIU, Chengqin. Huaren Shrliau: Zong Guo Ren Zai Paxi Zong Cha Shr. In: **Paxi Chiauang,** Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.bxqw.com/news/2010/0223/2/8041.shtml>. Acesso em: 23/02/2010

CHEN, Tairon. LIU, Chengqin. Paxi Shrjio Shrji Yinjin Zong Guo Lau Gong Jienshr. In: **Paxi Chiauang,** Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.bxqw.com/news/2010/0107/2/7848.shtml>. Acesso em: 07/01/2010

CHONG, Mong Lin. Di wu Jie Liu Peilan Jianxuejing Banjang Yishr Chengong Jiuxin. In: **Universidade Sandong, Sandong, China, 2007.** Disponível em: www.msw.sdu.edu.cn/cms/html/xwzx/20070601/986.html. Acesso em: 01/06/2007.

CONFÚCIO. **Lunyu**. Peijing, China: Yishu Zong Gou Uang, 2007.

DIAS, Edney Cielici. São Paulo é o grande centro da comunidade chinesa. In: **Folhaonline**, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u94656.shtml>. Acesso em: 23/05/2004.

FAIRBANK, John King. MERLE, Goldman. **China – uma nova história**. Porto Alegre, RS: L&M, 2006.

GAU, Ming Shr. **Zong Gou Jiau U Shr** (A história da educação chinesa). Taipei, Taiwan: Universidade de Taiwan, 2004.

GAU, Ming Shr. LIANG, Guo Cheng, **Zong Gou Wen Hua Shr** (História da Cultura chinesa). Taipei, Taiwan: Universidade de Taiwan, 2007.

GE, Jienxion, **Zhong Gou Yi Ming Shr**. Taipei, Taiwan: Wu Nan, 2005.

HOSEA, Ballou Morse. **The International Relations of the chinese Empire- The period of submission 1861-1893**, Volume II, London: Camberley, 1917

Huang Hongchan. A inicia da relação da cultura chinesa e portuguesa. In: **China10k**, Peijing, China, 2006. Disponível em:

<http://www.china10k.com/trad/history/6/61/61z/61z20/61z2006.htm>. Acesso em: 20/06/2006.

Ji, Pinxiong. **Marco Pólo Yioji** (a viagem de Marco Pólo), Taipei, Taiwan: Huaiyi, 1993.

JiEN, Rouchong. **História da China**. Taipei, Taiwan: Chiau-hu Wei-yuan Huei, 2003.

JYE, Chen Tsung. SHYU, David Jye Yuan. BEZERRA DE MENEZES JR, Antonio José. Os imigrantes chineses no Brasil e a sua língua. In: **Synergies Brésil n° 7**, pp. 57-64, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Bresil7/chen.pdf>. Acesso em: 05/09/2009

LESSER, Jeffrey. A mão de obra chinesa e o debate sobre a integração étnica In: LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional – Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**, p. 37- p. 85, São Paulo, SP: UNESP, 2001.

LI, Changfu. **Zhonguo Zhming Shr** (A história da imigrante chinês no mundo), Taipei, Taiwan: Taiwan Shanwu In Shu Guan, 1990.

LI Guouqi. **História da China**, Volume 1, Taipei, Taiwan: Imprensa Pública, 1996.

LI, Shr. **História da China**, Volume 3, Taipei, Taiwan: Imprensa Pública, Imprensa Pública, 1994.

LIN, Jun Cheng, **Xiao xiue li Shr** (História Para o primeiro grau), Taipei, Taiwan: Taiwan. 2009, V.6

NETTO, Valdimir. PATZSCH, Luciano. Fronteira sem Lei. In: **Revista Veja**, Brasília, 1998. Disponível em: http://veja.abril.com.br/080498/p_044.html Acesso em: 08/04/1998.

ROHMER, Francis, **O livro do chá**, São Paulo, SP: Aquariana, 2002.

SHENG, shu chang, Imigrantes e Imigração Chinesa no Rio de Janeiro (1910-1990). In: **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, Ano 4, Nº07. Rio de Janeiro, 2009. [ISSN 1981-3384] Disponível em: http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=4679&Itemid=147. Acesso em: 09/07/2009.

SIMA, Quian. **Shiji** (registrados históricos). Peijing, China: Yishu Zong Gou Uang, 1982.

TEIXEIRA, José Roberto Leite: *A China no Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivência chineses na sociedade e na arte brasileiras*. Campinas, SP:Ed. da Unicamp, 1995.

YANG, Tseng Men. **Yi Da Bo Shr Zai Uo Jia** (Uma dúzia doutorados estão na minha casa). Taipei, Taiwan: Ed. Shang Zou, 2003.

YU, Guan, **O mundo dos imigrantes chineses na América do Sul- Caletânea do gongresso “Trinta anos de cultura vivencial chinesa na América do Sul”**. Taipei, Taiwan: wen hua jen shr jijin guanli weyun hue, 1999.

YUEN, Fan, **Baxi Huaren Geng yun lu** (*História dos imigrantes chineses no Brasil*), São Paulo, SP: Ed. do Jornal Chinês "Americana", outubro de 1998.

WU, Jing. **Zhenguan Chengyau. Paijing**, China: Yishu Zong Gou Uang, 1978.

_____, Cascavel. In: **Wikipedia**, Brasília, 2009. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cascavel_\(Paran%C3%A1\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cascavel_(Paran%C3%A1)). Acesso em: 25/12/2009.

_____, Chineses comemoram Ano Novo, a comunidade chinesa em Curitiba festejou fim de semana a chegada do ano. In: **Bemparaná, o portal paranaense**. Paraná, 2008. Disponível em: <http://www.bemparana.com.br/index.php?n=57945&t=chineses-comemoram-ano-novo>. Acesso em: 10/02/08.

_____, História de Macau. In: Wikipedia, Brasília, 2009. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Macau. Acesso em: 12/12/2009.

_____, Paxi Huachau Kuahai Songai, In: **Bltnews**, Taiwan, 2009. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=mLU5z_9XcAs&NR=1. Acesso em: 09/09/2009.

_____, Zong Guo yiming Paxi Lishr Tangso. In: **Paxi Chiauung**, Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.bxqw.com/news/2007/1006/2/3312.shtml> 5j/. Acesso em: 06/10/2007.

8. ANEXO

8.1 Questionário aplicado aos pais

1. Quais foram as primeiras dificuldades encontradas no Brasil?
2. Qual língua é falada em casa?
3. Quais as maiores dificuldades em relação à língua portuguesa?
4. Quais as maiores dificuldades em relação à cultura?
5. Aprovam o tipo de educação dada aos filhos pela escola? Por quê? O que mudariam?
6. Participam da vida escolar? Como? Por quê?
7. Quais são as principais qualidades observadas na escola de seus filhos? E os principais defeitos?
8. Quando chegou ao Brasil? Onde?
9. Quando chegou a Cascavel?

10. Qual foi o seu motivo para vir ao Brasil?
11. Que trabalho realizava em seu país natal e qual passou a realizar quando chegou ao Brasil? Por quê?
12. Qual é a sua profissão atualmente? E qual a renda total da família?
13. Números dos filhos.
14. Idade dos filhos.
15. Nome da escola e série em que seu filho estuda.
16. Os seus filhos têm alguma dificuldade de aprendizagem na escola?
17. Para eles, quais matérias são mais difíceis? Qual é a mais fácil? Por quê?
18. Como ajudam nas tarefas escolares do cotidiano do seu filho?
19. Como os seus filhos resolvem as dificuldades encontradas na escola?
20. Que tipo de relações há entre os seus filhos, colegas e professores?
21. O que vocês esperam que os seus filhos sejam futuramente?
22. Que valores a família valoriza? São ensinados na escola? Por quê?
23. A educação formal de seus filhos é complementada em casa ou em outras instituições de ensino? Com quê?

8.2 Questionário aplicado aos filhos

1. Idade, sexo, nome da escola e série que estuda.
2. Idade de entrada na escola do Brasil, ano e série.
3. O que você sabe sobre da China? Aprendeu em casa ou na escola?
4. Qual foi a matéria de maior e menor nota? Por quê?
5. Você acha que aprender Português é fácil ou difícil? Por quê?

Dos processos de aprendizado da língua portuguesa (escutar, falar, ler e escrever), qual é o mais difícil? Quanto tempo levou para se acostumar ou dominar bem sua

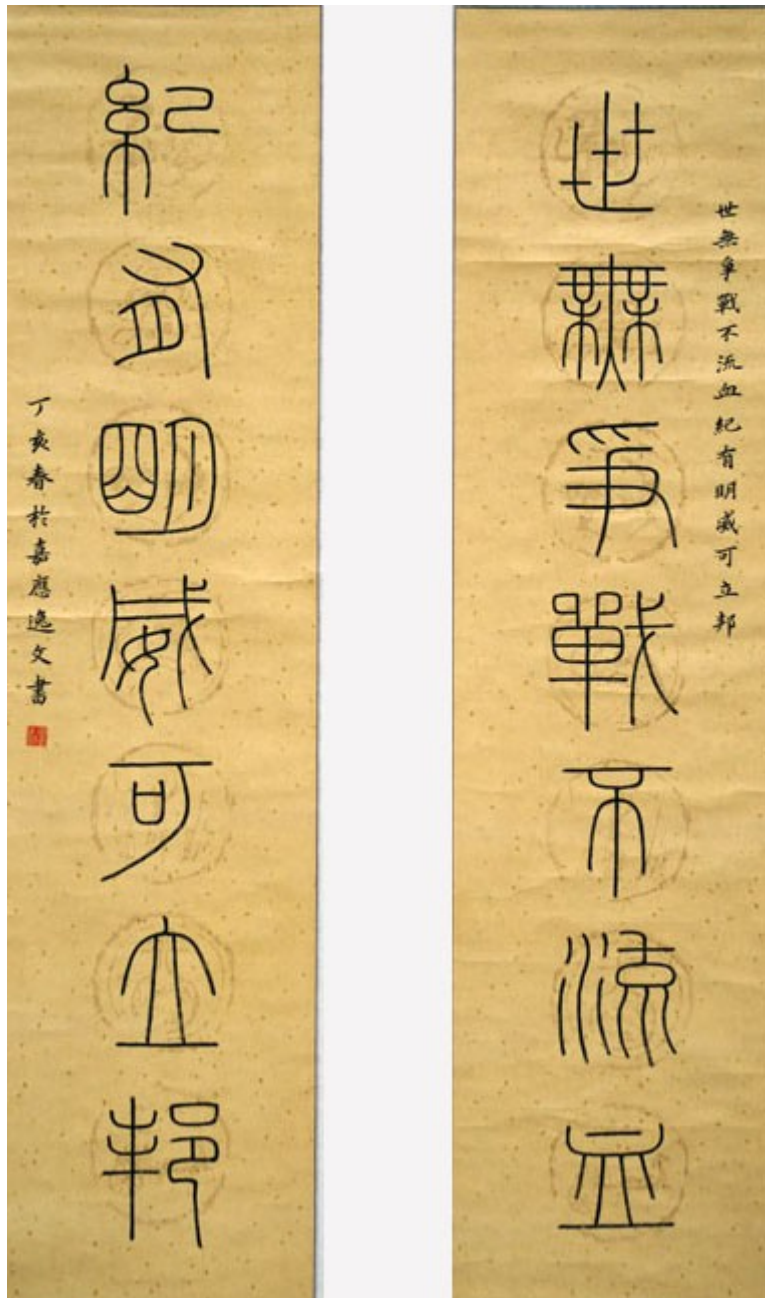
aprendizagem na escola?
6. Você gosta de estudar ou gosta de ir para aula? Por quê?
7. Como são as relações entre você, colegas e professores?
8. Entre as matérias, você gosta mais de qual? Por quê?
9. Você tem amigos na escola? Quantos?
10. Quando você encontra seus colegas, o que vocês gostam de fazer? Por quê?
11. Seus pais participam da vida escolar? Como? Por quê?
12. Quais as principais diferenças entre o que você aprendeu com seus pais e que a escola ensina (valores / cultura / ciência/ religião)?
13. Você se acha mais parecido com um brasileiro ou um chinês? Por quê?
14. Você gosta mais da cultura brasileira ou da cultura chinesa? Por quê?
15. Você prefere morar no Brasil ou na China? Você acha que as pessoas são mais felizes no Brasil ou na China? Por quê?
16. Quais as coisas que você gostaria de fazer com seus amigos e que seus pais não deixam fazer? Por quê?
17. Quais atividades você gostaria de fazer e seus amigos não lhe acompanham? Por quê?
18. Em relação às coisas da moda, o que você gostaria de fazer ou mudar em seu corpo e que seus pais não permitem? Por quê?

8.3 Questionário aplicado aos professores

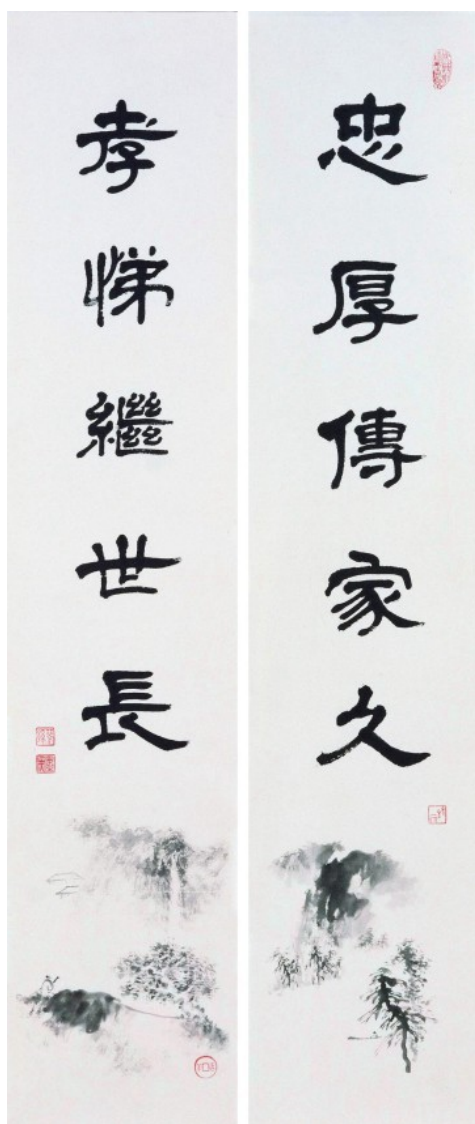
1. Quantos alunos estrangeiros o Sr. (a) já teve em suas turmas? Em quais turmas?
2. Quais foram as principais dificuldades encontradas? Como as superou? (em especial com chineses)
3. Em que disciplinas os alunos estrangeiros têm maiores facilidades e dificuldades? Por quê?
4. Quais os principais entraves culturais que a escola enfrenta com os alunos estrangeiros?

(em especial com chineses)
5. As famílias de estrangeiros, em especial os chineses, participam da vida escolar? Como? Quais são as principais queixas apresentadas por eles?
6. As relações com a ciência e a religião são diferentes quando estrangeiros estão na sala? Como supera as diferenças?
7. O aluno estrangeiro tem dificuldade de fazer amizade com os colegas? Por quê?
8. A escola e o Sr. (a) ajudam o aluno estrangeiro a melhorar as relações com os colegas e na aprendizagem? Como? Quais são os resultados?
9. Quando o Sr. (a) tem alunos estrangeiros em suas salas de aula, costuma buscar informações a respeito da cultura daquele país para programar suas aulas com aqueles alunos em especial?
10. Fale de forma geral sobre seu relacionamento com alunos estrangeiros (aprendizado, cultura, valores, caráter).

8.4 Ciau Zhuang e Li shu: formas escritas inventadas na dinastia Qin



O poema está demonstrando que o mundo está pacificado e não tem guerra, pois o governante (também indica ao cada individuo) é bem disciplinado e administra bem o país.



Esta poesia está apresentando que a pessoa tem o coração fiel e amor filial que se proteger a

família e conservar a cultura para sempre.